



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**A ARQUEOLOGIA NO INSTITUTO DE COIMBRA VISTA ATRAVÉS DA
CORRESPONDÊNCIA POSTAL RECEBIDA**

Mestrado em Estudos do Património

Sérgio Filipe Félix Pacheco de Matos

Orientador

Professor Doutor João Luís Cardoso

2019

À minha família

RESUMO

O Instituto de Coimbra foi uma academia científica e literária fundada em 1852, tendo a sua última acta registada em 1985.

Tratava-se de uma academia multi-disciplinar criada para prosseguir activamente o desenvolvimento do Saber nas mais variadas áreas da Ciência e da Literatura, em linha com o espírito da época.

A presente dissertação propõe-se abordar a área de Arqueologia no Instituto de Coimbra através da correspondência postal recebida por aquela instituição.

Nessa medida, começaremos por fazer uma pequena resenha histórica e orgânica do Instituto de Coimbra e da sua secção de arqueologia.

Falaremos depois nos congressos luso-espanhóis para o progresso das ciências e do papel do Instituto de Coimbra na organização dos mesmos.

Será também apresentada uma pequena biografia de cada um dos arqueólogos que se corresponderam com o Instituto de Coimbra, seguindo-se por último a análise das cartas e bilhetes postais em questão.

Palavras-chave: Instituto de Coimbra, academia, Ciência, Arqueologia, congressos, correspondência postal.

ABSTRACT

The Instituto de Coimbra was a scientific and literary academy funded in 1852 and having the last registered meeting minute in 1985.

It was a multidisciplinary academy created to actively seek the development of Knowledge in the various fields of Science and Literature, aligned with the spirit of that time.

The following essay proposes to address the issue of the Archeology in the Instituto de Coimbra through the postal correspondence received by that institution.

From that perspective we will begin by presenting a small historical and organic review of the Instituto de Coimbra and its section of archeology.

We will then talk about the Portuguese and Spanish joint congresses for the progress of Science and the role of the Instituto de Coimbra in the organization of those meetings.

It will also be presented a small biography of each one of the archeologists that sent postal mail to the Instituto de Coimbra, followed lastly by the analysis of the letters and postal cards in question.

Key words: Instituto de Coimbra, Science, Archeology, congresses, postal mail.

AGRADECIMENTOS

Enquanto os rios correrem para o mar, os montes fizerem sombra aos vales e as estrelas fulgirem no firmamento, deve durar a recordação do benefício recebido na mente do homem reconhecido.

Virgílio (70 a.C.-19 a.C.)

Antes de mais, quero deixar aqui o meu sincero agradecimento ao meu orientador, o Prof. Dr. João Luís Cardoso, pela sua disponibilidade permanente e ajuda inestimável.

Agradeço também à Dr^a Isabel João Ramires da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra pela forma calorosa como me recebeu naquela instituição e pelo apoio prestado na pesquisa de fontes indispensáveis à realização desta dissertação.

Por último, dedico uma palavra de apreço ao trabalho desenvolvido no âmbito do «Projecto Instituto de Coimbra» (2008 a 2014), nomeadamente a recolha e catalogação dos arquivos e biblioteca do Instituto de Coimbra, a digitalização e disponibilização *on-line* de todos os volumes da revista «O Instituto» bem como a publicação de artigos e monografias da autoria de Licínia Ferreira, sem o qual a realização desta dissertação ficaria comprometida.

A ARQUEOLOGIA NO INSTITUTO DE COIMBRA VISTA ATRAVÉS DA CORRESPONDÊNCIA POSTAL RECEBIDA

ÍNDICE:

- DEDICATÓRIA-----	5
- RESUMO-----	6
- ABSTRACT-----	7
- AGRADECIMENTOS-----	8
1 - INTRODUÇÃO, JUSTIFICAÇÃO E OBJECTIVOS-----	12
2 - O INSTITUTO DE COIMBRA. A SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA E MUSEU-----	13
3 - O INSTITUTO DE COIMBRA. A ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS E OS CONGRESSOS DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUESA E ESPANHOLA PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS-----	23
4 - AS PERSONALIDADES E RESPECTIVA CORRESPONDÊNCIA-----	29
- ABADE DE BAÇAL (FRANCISCO MANUEL ALVES)-----	29
- AFONSO DO PAÇO-----	32
- ANTÓNIO MESQUITA DE FIGUEIREDO-----	49
- EUGÉNIO JALHAY -----	54
- JOSÉ DE PINHO -----	59
- JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS -----	63
- MANUEL HELENO -----	67
- RUI DE SERPA PINTO-----	70
- VERGÍLIO CORREIA-----	75
5 – DISCUSSÃO-----	79
6 – CONCLUSÃO-----	80
7 – BIBLIOGRAFIA-----	122
8 – WEBGRAFIA-----	125

ÍNDICE DE FIGURAS:

1 – CORRESPONDÊNCIA DO ABADE DE BAÇAL (FRANSCISCO MANUEL ALVES)-----	83
2 – CORRESPONDÊNCIA DE AFONSO DO PAÇO-----	85
3 – CORRESPONDÊNCIA DE ANTÓNIO MESQUITA DE FIGUEIREDO-----	97
4 – CORRESPONDÊNCIA DE EUGÉNIO JALHAY-----	100
5 – CORRESPONDÊNCIA DE JOSÉ DE PINHO-----	108
6 – CORRESPONDÊNCIA DE JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS-----	113
7 – CORRESPONDÊNCIA DE MANUEL HELENO-----	115
8 – CORRESPONDÊNCIA DE RUI DE SERPA PINTO -----	117
9 – CORRESPONDÊNCIA DE VERGÍLIO CORREIA-----	120
10- FOTOGRAFIAS DO MUSEU DO INSTITUTO E DO MUSEU MACHADO DE CASTRO-----	121

1 - INTRODUÇÃO, JUSTIFICAÇÃO E OBJECTIVOS

O objectivo do presente trabalho é o de dar a conhecer a importância do Instituto de Coimbra, academia de cariz científico e literário, no campo da Arqueologia através da correspondência postal recebida.

A escolha deste tema justifica-se pela existência de várias circunstâncias, sendo elas:

- A escassa bibliografia existente, sendo por isso um assunto ainda pouco desenvolvido. Louva-se o extremamente meritório trabalho desenvolvido pela Universidade de Coimbra no âmbito do «Projecto Instituto de Coimbra», no qual, entre 2008 e 2014 foram recolhidos, catalogados e guardados na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra os arquivos e biblioteca do Instituto de Coimbra. De igual forma foram digitalizados e colocados on-line em regime de acesso livre todos os volumes da revista daquela instituição (<http://purl.pt/24990>). Fez também parte do plano de acção deste projecto a publicação de vários trabalhos sobre o Instituto; todavia nenhum incide directamente sobre o campo da arqueologia

(<https://www.uc.pt/bguc/BibliotecaGeral/InstitutoCoimbra>);

- A existência de documentação original e inédita, nomeadamente correspondência postal enviada ao Instituto de Coimbra (e arquivada) que versa directa ou indirectamente sobre o campo da Arqueologia;

- A evidente ligação entre a Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências e o Instituto de Coimbra. Desde logo porque a primeira foi fundada em 1917 graças à determinação de Francisco Miranda da Costa Lobo, presidente do Instituto de Coimbra entre 1913 e 1945 e de Francisco Gomes Teixeira (sócio de longa data do Instituto), com o alto patrocínio do Ministério da Instrução Pública. A Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências foi uma federação de instituições científicas nacionais deveras importante, que procurava contrariar o atraso científico português, principalmente através da realização de congressos organizados em conjunto com a congénere espanhola;

- O contributo do Instituto na organização dos Congressos das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências realizados em Território Nacional, comprovável, por exemplo, pelo facto de grande parte da correspondência postal enviada ao Instituto (a analisar no capítulo 4) se reportar a pedidos de inscrição num dos congressos conjuntos das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências.

Esperamos que a presente dissertação dê um singelo contributo para o reconhecimento do Instituto de Coimbra, que tanto fez pela promoção da Cultura e da Ciência em Portugal.

2 - O INSTITUTO DE COIMBRA. A SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA E MUSEU

O Instituto de Coimbra, que se define como uma Academia Científica e Literária foi fundado em 1852¹, tendo estabelecido desde logo uma forte relação com a Universidade de Coimbra, até porque parte dos sócios, incluindo sócios-fundadores, faziam parte dos quadros da Universidade - de facto, o Instituto realizava anualmente no dia 8 de Dezembro, saraus dedicados aos melhores alunos da Universidade de Coimbra, sendo seu intuito tornar estes saraus verdadeiros eventos para todos os estudantes (Ferreira: 2011; Leonardo, Martins e Fiolhais; 2009).

O Instituto de Coimbra, informalmente chamado «*Clube dos Lentos*», por grande parte dos associados e/ou fundadores (Ferreira: 2011) serem docentes na Universidade de Coimbra, foi pioneiro pela sua ligação simbiótica à Universidade, pois permitia que sócios e docentes tivessem um espaço de debate, divulgação e publicação de estudos (de pessoas ligadas à Universidade de Coimbra, mas também de outras personalidades, nacionais e estrangeiras), através da revista «*O Instituto, Jornal Científico e Literário*»², de temas científicos e literários, tornando-se assim uma instituição que reunia vultos das mais diversas áreas científicas e literária.

Imbuído dos ideais liberais que varreram a Europa no século XIX, a direcção decidiu, com o apoio dos associados promover (com grande sucesso) cursos gratuitos de promoção da literacia ministrados por professores da faculdade. Tal medida foi muito para além da instrução da população: criou laços de afecto e afinidade entre as gentes da cidade e a Universidade – laços que se mantêm até hoje (Leonardo, Martins e Fiolhais: 2009).

A ligação a grandes vultos do universo académico prestigiava o Instituto, da mesma forma que os docentes encontraram o veículo perfeito para desenvolver e divulgar as suas investigações científicas, quer através da publicação na revista «O Instituto», quer através da realização de conferências organizadas e promovidas por esta instituição - entre 1873 e 1978 foram realizadas mais de 150 conferências sem contar com colóquios associados a comemorações (Ferreira, 2012»: Leonardo, Martins e Fiolhais: 2009).

¹ O Instituto de Coimbra teve por embrião o Instituto da Academia Dramática, cujos membros apresentaram e aprovaram um projecto de novos estatutos em 16/03/1851 que o autonomizavam daquela instituição. Desde essa data, a instituição assumiu a denominação pela qual a conhecemos, Instituto de Coimbra, embora a separação só se tenha tornado definitiva em 1852, após a aprovação final dos novos estatutos no dia 3 de Janeiro desse ano, devendo esta ser considerada a data de fundação da mesma Academia. Por último, importa salientar que os estatutos de 1852 sofreram uma importante revisão em 1859, nomeadamente no que concerne à regulação da actividade do Instituto (Ferreira, 2011; Ferreira: 2012; Leonardo, Martins e Fiolhais: 2009).

² Esta revista começou a ser impressa logo em 1853, na tipografia da Universidade de Coimbra, por autorização governamental (Bernardo: 2006 e Leonardo, Martins e Fiolhais: 2009).

Para se perceber a importância cultural e científica do Instituto de Coimbra e do seu papel no intercâmbio intelectual, sem o qual não há verdadeiro avanço civilizacional, colamos de seguida o texto redigido pelo general Luís Augusto Ferreira Martins (1876-1967 – militar, historiador e correspondente do Instituto desde 1936) e publicado no volume 100º da revista do Instituto Coimbra (1942, pp. 47-49).

O INTERCÂMBIO INTELECTUAL

O intercâmbio intelectual constitui uma das mais valiosas contribuições para o conhecimento recíproco dos povos e, conseqüentemente, para se obter um mais perfeito entendimento entre êles.

Parece-me ser esta uma verdade incontestável.

«*Mieux se connaître pour mieux s'aimer*» foi a legenda adoptada pela Federação Inter-aliada dos Antigos Combatentes (abreviadamente conhecida por *Fidac*), organização que, reunindo, depois da paz de 1919, as associações de combatentes de onze nações que foram aliadas ou associadas na passada Grande Guerra, pretendeu justamente tornar mais conhecidos uns dos outros os seus povos, para que melhor se entendessem e estimassem, convencidos os Antigos Combatentes de que assim contribuíam para organizar a paz do mundo.

Infelizmente êsse benemerente esforço da *Fidac* — hoje interrompido pelas actuais circunstâncias da vida internacional — não teve êxito completo, como estas mesmas circunstâncias de sobejo comprovam.

Durante seis anos consecutivos tomei parte activa nos trabalhos dessa Federação, como representante dos antigos Combatentes Portugueses, e, quer pela palavra, nos seus Congressos anuais, quer pela pena, na sua Revista *Fidac*, esforcei-me por dar a conhecer Portugal, sob vários dos seus aspectos, aos oito milhões de combatentes que na *Fidac*

tinham representação, espalhados por tôdas as partes do mundo.

Tenho provas evidentes — além da minha consciência — de que não perdi o meu tempo, e de que Portugal contribuiu quanto pôde, durante êsse período, para o intercâmbio intelectual que naquela Revista tinha campo livremente aberto, à disposição das nações aliadas da Grande Guerra.

Perdôe-se ao antigo combatente da *outra* guerra grande, esta evocação dum passado ainda bem próximo mas que os funestos acontecimentos do presente fazem parecer já remoto.

Veio essa evocação a propósito do intercâmbio intelectual que foi uma das formas por que se manifestou, desde 1920, a actividade dessa bem intencionada agremiação de Combatentes.

Mais tarde surgiram em Portugal dois Institutos, cujo objectivo é, quasi exclusivamente, o intercâmbio intelectual entre o nosso País e os dois a que pertencem: a França e a Gran-Bretanha; e aos seus eminentes directores, os Professores Raymond Warnier (infelizmente agora repatriado) e George West, deve Portugal, sob êsse ponto de vista, inestimáveis serviços.

Instituições semelhantes criaram, em Portugal, a Alemanha e a Itália, procurando realizar objectivos análogos.

Não devemos, porém, esquecer, e justo é recordá-lo hoje, que, nesse mesmo campo de acção, uma instituição puramente nacional — o *Instituto de Coimbra* — tem trabalhado activamente desde mais remota data, pois já conta a bonita idade de 90 anos.

Basta percorrer os 99 volumes da sua Revista *O Instituto*, onde se encontra a mais variada colaboração de autores nacionais e estrangeiros das mais diversas nacionalidades,

para se compreender quanto esta antiga instituição, meramente particular, tem contribuído para o intercâmbio intelectual, fonte perene de benefícios para o estreitamento das relações culturais entre as nações civilizadas do mundo.

É esse mais um título de glória de que pode orgulhar-se esta antiga agremiação cultural, orgulho que igualmente cabe ao seu eminente Presidente, o sábio Professor Costa Lobo, cujo justo prestígio no estrangeiro tanto tem contribuído para que seja um facto o intercâmbio intelectual realizado tão proficuamente pelo *Instituto de Coimbra*.



GENERAL FERREIRA MARTINS

É de salientar a existência de inúmeros correspondentes estrangeiros do Instituto - o que atesta o seu prestígio internacional, decorrente também da sua estreita relação com a Universidade de Coimbra (Ferreira: 2011, p 18), como é o caso dos espanhóis Eduardo de Hinojosa (1852-1919), e José Toribio Medina (1852-1930), do italiano Ferdinando Galanti (1839-1916), do belga Jean Dommanget (1925-2014), do francês Charles Picard (1883-1965), do norte-americano Joseph Dunn (1872-1951), do inglês Frank Watson Dyson (1868-1939), do brasileiro Thiers Martins Moreira (1904-1970), do suíço Wilhelm Meyer-Lubke (1861-1936), ou do alemão Gerhard Moldenhauer (1900-1980), entre muitos outros (vide «Sócios do Instituto de Coimbra: 1852-1978», Ferreira: 2015).

A importância do Instituto de Coimbra enquanto instituição devotada ao desenvolvimento das áreas científica e literária foi tal, que se tornou um «actor» destacado na Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, tendo colaborado activamente na preparação dos vários Congressos das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências.

O Instituto de Coimbra dividia-se em 3 classes: 1ª - Ciências Morais e Sociais; 2ª - Ciências Físico-Químicas; e, 3ª - Literatura, Belas Letras e Artes.

Reconhecendo a importância científica e cultural do estudo dos vestígios arqueológicos, e logo, da sua preservação, o Instituto criou em 1873 (05/03) a Secção de Arqueologia, integrada na 3ª Classe³, tendo o seu regulamento sido aprovado aos 04-07-1874 (é interessante verificar que a criação do museu de arqueologia do Instituto de Coimbra – 1873, precede a aprovação oficial do regulamento da Secção de Arqueologia).

A 3ª Classe passou então a ser constituída pelas seguintes secções:

- 1ª Secção. Literatura e Literatura Dramática;
- 2ª Secção. Belas Artes; e,
- 3ª Secção. Arqueologia.

Desde que se idealizou a Secção de Arqueologia, a comissão responsável pela sua organização considerou ser imprescindível a criação de um museu que protegesse e divulgasse os artefactos encontrados, e que servisse como um espaço privilegiado para o estudo dos mesmos. Nesse sentido alguns sócios do Instituto ficaram encarregues de proceder a escavações arqueológicas na região coimbrã, ainda antes de ser formalizada a criação desta secção (Ferreira: 2012; e Leonardo, Martins e Fiolhais: 2009).

³ A proposta para a criação desta secção foi realizada em 1873, e partiu de Augusto Simões, docente da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, que preconizou igualmente a criação de um museu arqueológico (Ferreira: 2012).

O Museu de Arqueologia cresceu rapidamente, mercê da formidável recolha de espólio arqueológico, ofertas, doações ou peças confiadas a depósito. Prova disso é o facto de João Correia Aires de Campos (1818-1891), nomeado conservador do museu, ter tido necessidade de proceder, logo em 1874/75, à elaboração do extenso «*Catalogo dos objectos existentes na collecção de archeologia do Instituto de Coimbra*» (Revista «O Instituto», vol. XX e XXI). O catálogo ia sendo actualizado e publicado na revista «O Instituto».

Na obra «*Instituto de Coimbra – O Percurso de uma Academia*», de Licínia Rodrigues Ferreira, a autora indica-nos que «*os associados contactaram pessoas e entidades a fim de que se dispusessem a colaborar com o museu*», sendo que «*As respostas foram positivas de várias proveniências, dando origem a uma coleção inicial de objetos cedidos pelo Visconde de Vila Maior, Adolfo Ferreira de Loureiro (diretor das obras do Mondego e membro da comissão), Matias Cipriano Pereira Heitor de Macedo (diretor das obras públicas), João Correia Aires de Campos, Miguel Osório Cabral de Castro (membros da comissão), António Maria Seabra de Albuquerque (sócio do Real Instituto Arqueológico de Portugal), Cabido e Câmara Municipal de Coimbra.*» (Ferreira: 2012, p. 80).

Após a morte de Aires de Campos, em 1891, o museu passou por um período de quase abandono, até que em 1894 foi nomeado para conservador António Augusto Gonçalves (1848-1932), que devolveu a vida àquele espaço museológico, quer pela sua reorganização, quer pela aquisição de mais artefactos para o museu, que passou a chamar-se «Museu de Antiguidades do Instituto» (Ferreira: 2012: p. 74 e 82-83).

Em 1912, o Conselho de Arte e Arqueologia deu a conhecer o início da construção do futuro Museu Machado de Castro (inaugurado em 1913, mas criado por decreto governamental em 1911) que seria dirigido pelo conservador do Museu de Antiguidades do Instituto, António Augusto Gonçalves (de resto, o novo museu foi organizado com o apoio do Instituto de Coimbra). Este conselho propôs que as peças do museu do Instituto fossem depositadas no museu a construir, ao que o Instituto respondeu afirmativamente, em primeiro lugar, porque o Instituto deixava de ter que se preocupar em ter que arranjar novos espaços para a sempre crescente colecção do museu, depois, porque se tratava de um depósito, mantendo-se assim a propriedade das peças nas mãos do Instituto, e por último, por existir um elevado capital de confiança, pois o director do museu a inaugurar estava ligado à Secção de Arqueologia do Instituto (Ferreira: 2012 e sítio oficial do Museu Machado de Castro - <http://www.museumachadocastro.gov.pt/>).

O espólio do Museu de Arqueologia do Instituto de Coimbra passou então a integrar a colecção do Museu Nacional Machado de Castro, sito em Coimbra (Ferreira: 2012, p. 86). O crescente prestígio do trabalho desenvolvido por esta secção, cativou a atenção das grandes personalidades

da arqueologia nacional e mesmo de outros países, que amiúde enviavam os seus estudos para publicação na revista «O Instituto», quer como sócios efectivos, quer apenas como correspondentes (nacionais e estrangeiros). Licínia R. Ferreira dá-nos dois exemplos: «(...) os textos recebidos em 1876, de Francisco Martins Sarmiento, “Os gregos no noroeste da Ibéria”, e de António Francisco Barata, “Memória histórica sobre a fundação da Sé de Évora e suas antiguidades”» (Ferreira: 2012). Estes dois trabalhos foram publicados na revista do Instituto, no seu 23º volume (1876), pp 1-6 e 49-54; e 97-106, 149-156, 197-206 e 256-260.

Martins Sarmiento⁴ foi consagrado sócio honorário do Instituto no ano de 1877, e António Francisco Barata, director da Biblioteca de Évora foi correspondente associado directamente à Secção de Arqueologia desde 1876.

Ao nível dos trabalhos de campo promovidos pela Secção de Arqueologia, é incontornável mencionar as escavações de Conímbriga (Condeixa-a-Velha).

Sem prejuízo da existência de pequenas escavações levadas a cabo a nível individual por sócios do Instituto, logo em 1873, Miguel Osório Cabral de Castro e Augusto Filipe Simões propõem a realização de trabalhos arqueológicos devidamente organizados nas ruínas que se encontravam junto a Condeixa-a-Velha, suportando Castro as custas dessas expedições, ficando definido que o espólio recolhido nas mesmas iria enriquecer o museu do Instituto (Ferreira: 2012).

O resultado das escavações foi discutido nas sessões da Secção de Arqueologia, sendo interessante verificar a divergência de opinião dos dois arqueólogos: Miguel Osório Cabral de Castro pensa estar perante um sítio arqueológico importante, duvidando, todavia, tratar-se de uma cidade romana⁵, mas sim de um acampamento ou de um castro; Augusto Filipe Simões acredita estar perante uma cidade romana de dimensões consideráveis⁶.

⁴ Francisco Martins Sarmiento viu nascer em Guimarães no ano de 1881 uma sociedade «baptizada» em sua honra – a Sociedade Martins Sarmiento. Esta instituição manteve boas relações com o Instituto de Coimbra, com o qual partilhava algumas semelhanças ao nível de interesses e organização. Senão vejamos: a Sociedade Martins Sarmiento propôs-se prosseguir fins culturais; estabeleceu laços com personalidades e outras instituições nacionais e estrangeiras; publica, desde 1884 uma revista própria – a «Revista de Guimarães»; tem desde 1885 um museu de arqueologia (inicialmente composto por peças recolhidas por Martins Sarmiento na Citânia de Briteiros, no Castro de Sabroso e noutras escavações); e, criou uma importante biblioteca (com recepção de periódicos nacionais e estrangeiros) – fulcral para qualquer instituição cultural e científica (vide WWW.CSARMENTO:UMINHO:PT)

⁵ Para conhecer a sua fundamentação, consultar a edição digitalizada do volume 17, 2ª série (1873) da revista «O Instituto», disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/institutocoimbra/UCBG-A-24-37a41_v017/UCBG-A-24-37a41_v017_item1/P124.html.

⁶ A defesa da posição deste arqueólogo pode ser encontrada na edição digitalizada do volume 17, 2ª série (1873) da revista «O Instituto», disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/institutocoimbra/UCBG-A-24-37a41_v017/UCBG-A-24-37a41_v017_item1/P128.html.

Mais tarde, em 1899, a rainha D. Amélia interessou-se por Conímbriga e revelou ser uma importante mecenas, disponibilizando fundos (e influência) indispensáveis à realização de novas escavações (Ferreira, 2012, pp. 77-78).

Preponderante foi também o papel do Instituto de Coimbra através da Secção de Arqueologia nas obras de restauro da Sé Velha.

Sensivelmente a partir da década de 50 do século XX o Instituto de Coimbra foi perdendo importância nos meios científicos nacionais e internacionais (Bernardo:2006).

Essa perda de importância trouxe consigo a quebra do dinamismo que caracterizava esta academia e a consequente estagnação progressiva até à sua extinção.

Mercê da sua histórica ligação à Universidade de Coimbra, todo o acervo arquivístico/bibliográfico do Instituto foi incorporado naquela instituição de ensino superior⁷.

Devemos aqui deixar uma nota de sentido apreço pela Universidade de Coimbra, que através do «Projecto Instituto de Coimbra», organizou e catalogou todo o acervo recebido, tendo ainda disponibilizado on-line cópias integrais de todos os volumes publicados da revista (141 volumes entre 1852 e 1981)⁸.

A secção de Arqueologia levou a cabo diversos trabalhos de campo, tal como as várias expedições às ruínas de Conímbriga ou as obras de restauro da Sé Velha, em Coimbra.

O crescente prestígio do Instituto como um todo permitiu não só que esta academia tivesse um papel de destaque em vários eventos internacionais, como os congressos luso-espanhóis para o progresso das ciências (como se pode confirmar pela correspondência postal do Instituto, em que alguns dos arqueólogos, que não foram sócios do Instituto, contactaram esta instituição para proceder à inscrição no Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências), como também atrair grandes intelectuais nacionais e estrangeiros como sócios ou correspondentes.

No campo da arqueologia, para além dos vultos anteriormente indicados, falamos de personalidades nacionais e estrangeiras como António Maria Seabra de Albuquerque (1820-1892), Alberto Pereira de Almeida (1875-1941), Ramon Barros Sivelo (1828-), Augusto Soares de Sousa Baptista, Albano Belino (1863-1906), Hernâni de Barros Bernardo (1915-1971), Manuel José Martins Capela (1842-1925), Artur Augusto da Fonseca Cardoso (1865-1912), Pelegri Casades y Gramatxes (1855-1947), José Cascales Muñoz (1865-1933), Fernando

⁷ Os próprios estatutos do Instituto de Coimbra de 1967 definiam no seu artigo 17º, que em caso de extinção, o seu espólio devia ser integrado na universidade. O acervo foi integrado em 2005.

⁸ Para saber mais sobre o fundo documental e o «Projecto Instituto de Coimbra», consultar os seguintes *links*: <http://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=168878> e <https://www.uc.pt/bguc/BibliotecaGeral/InstitutoCoimbra>

Russell Cortez (1913-), Waldemar Deonna (1880-1959), Henry Field (1902-1986), Fidel Fita y Colomé (1835-1918), Francisco Rafael da Paz Furtado, Antonio Garcia y Bellido (1903-1972), Marcel Homet (1897-1982), Emil Hübner (1834-1901), Armando de Matos (1899-1953), César Morán Bardón (1882-1951), João Manuel Bairrão Oliveira da Silva Oleiro (1923-2000), Jean Gilbert Ollivier (1882-), Alexander Philadelphus (1867-1955), Carlos Ribeiro (1813-1882), Émile Rivière (1835-1922), António dos Santos Rocha (1853-1910), Afonso de Dornelas (1880-1944), Francisco Martins Sarmiento (1833-1899), Maria de Lurdes Coelho Bártolo (1921-), Francisco Tavares Proença (1883-1916), entre outros (Ferreira: 2015- «Sócios do Instituto de Coimbra: 1852-1978»).

Alguns dos trabalhos destes arqueólogos foram publicados na revista «O Instituto», seguindo-se os seguintes a mero título de exemplo:

- «A Citânia de Briteiros», por Augusto Filipe Simões (vol XXIV, 1877);
- «Dolmen no Alemtejo», por A. Fernandes Palma (vol. 46, 1899);
- «O Congresso Prehistorico de França», por Francisco Tavares de Proença (vol. 53º, 1906);
- «Prehistoria de Salamanca», por César Mórán Bardón (vol. 73º, 1926);
- Subsídios para uma bibliografia do paleolítico e epipaleolítico português, por Afonso do Paço (vol. 83º, 1932);
- «Antiguidades romanas de Conímbriga», por Rui de Serpa Pinto (vol. 88º, 1935);
- «Conímbriga visigótica», por Vergílio Correia (vol. 90º, 1936);
- «As sepulturas antropomórficas de Sezures e de Castendo (Penalva do Castelo)», por António de Almeida (vol. 100, 1942);
- «Objectos de liturgia visigótica encontrados em Portugal: séculos V a VII (alguns elementos para a sua cronologia)», por Fernando Russell Cortês (vol. 114, 1950);
- «Castro de Vila Nova de S. Pedro: III - Perfis de bordos de vasos não ornamentados», por Afonso do Paço e Maria de Lourdes Costa Arthur (vol. 115, 1953).

Pelo acima exposto, podemos afirmar que a Secção de Arqueologia desempenhou um papel de relevo na prossecução do superior interesse do desenvolvimento da Arqueologia Nacional, nomeadamente no que concerne a trabalhos de campo, divulgação de estudos realizados, ou do seu papel na consciencialização da importância desta área científica junto dos órgãos estatais e das forças vivas da sociedade portuguesa.

Lamentavelmente, depois de várias décadas de grande dinamismo, a partir da segunda metade do século XX, o funcionamento do Instituto de Coimbra entrou num declínio gradual, do qual nunca recuperou.

Embora não tenha existido uma extinção formal, o Instituto foi definhando até desaparecer – o último volume da revista foi publicado em 1981, e a última acta é de 1985, tendo todo o acervo sido integrado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra em 2005, conforme previsto nos estatudos do Instituto de Coimbra aprovados em 1967 (Ferreira: 2011).

3 - O INSTITUTO DE COIMBRA, A ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS E OS CONGRESSOS DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUESA E ESPANHOLA PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS

Em meados do século XIX, mercê das transformações socio-culturais e políticas que se foram desenvolvendo desde o fim das Guerras Napoleónicas, teve início nas sociedades ocidentais um período devotado à inovação tecnológica e científica - com franca expansão a partir do fim da Guerra Franco-Prussiana de 1871, que deu início à Belle Époque, mas cujo verdadeiro embrião se encontra na Alemanha em 1822 (Ausejo: 2008), como adiante veremos; um período em que a modernidade e o brilho cultural eram sinónimo de superioridade civilizacional, havendo grande abertura ao nível da divulgação e troca de ideias intra e inter-nações (considerando-se, com razão, que o isolamento atrasa o progresso), proporcionadas por instituições de natureza literária, científica e/ou artística, como grémios e academias, que foram sendo constituídas em grande número nessa altura – é neste contexto que, em 1852, é fundado o Instituto de Coimbra seguindo-se a tendência europeia de associativismo científico (embora exista um défice científico ao nível ibérico, que urgia combater). Assim, surgiram na Europa e Estados Unidos, feiras, exposições, colóquios, congressos nacionais e internacionais, que serviam um triplo interesse: a divulgação de estudos científicos, a troca de ideias entre intelectuais de várias áreas e o prestígio do país e/ou da entidade organizadora. Estes encontros serviam assim interesses científico-culturais, mas também sociais e políticos (Nunes: 2002, p. 232).

Os pioneiros foram os alemães, que através da iniciativa de Lorenz Oken (1779-1851) criaram a *Gesellschaft Deutscher Naturforscher und Ärzte* em 1822. Em 1831 os ingleses criaram na cidade de York a *The British Association for the Advancement of Science*; em terras de França foi fundada em 1857 a *Association Française pour le Progrès des Sciences* (Bernardo: 2006). No que toca a certames, principalmente na sua vertente internacional, a sua organização foi bastante mais tardia na Península Ibérica, embora em Itália a *Società Italiana per il Progresso delle Scienze* só tenha sido criada em 1906 por iniciativa de Vito Volterra - 1860-1940, matemático e físico italiano (Bernardo: 2006). Tal atraso deveu-se à localização geográfica da Península Ibérica – na periferia da Europa, duplamente isolada pela barreira dos Pirinéus, à instabilidade política verificada nos dois países na transição do século XIX para o século XX, bem como à precária situação económica que relegou a Cultura e a Ciência para 2º plano (Morais: 2007 e Bernardo: 2006)). Em Espanha a evolução foi mais rápida devido à criação da *Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas*, em 1907 (Ausejo: 2008, Bernardo: 2006 e Morais: 2007) - em Portugal só foi criada uma instituição similar em 1929, a

Junta de Educação Nacional, que foi a concretização da falhada Junta de Orientação de Estudos, de 1923 – esta junta promoveu a atribuição de bolsas de estudo para efeitos de estudos superiores no estrangeiro como meio de recuperar o atraso tecnológico e científico de que Portugal padecia (Morais: 2007 e Bernardo: 2006)). Só no século XX foi organizado em Portugal um congresso de dimensão internacional assinalável – o Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências. Mas que associações eram estas? A Asociación Española para el Progreso de las Ciencias⁹ nasceu em 1908 (Bernardo: 2006), devendo prosseguir "*el fomento de la cultura nacional, en sus manifestaciones científicas principalmente*", para lo que ésta "*organizará Congresos, conferencias y concursos, procurará la fundación de instituciones de enseñanza; favorecerá la comunicación intelectual entre el país y las clases asociadas, y auxiliará, en la medida que sus recursos lo permitan, los trabajos y estudios de investigación*" (Ausejo: 2008).

A Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, de cariz multidisciplinar, foi criada em 1917 pela iniciativa de Francisco Miranda da Costa Lobo, na altura presidente do Instituto de Coimbra (Ferreira: 2012) e do matemático Francisco Gomes Teixeira¹⁰ (Morais: 2007), sócio efectivo do Instituto (Ferreira: 2015), que foi eleito presidente daquela associação (Nunes: 2011), contando com o apoio do governo, que pretendia fazer do ensino e do desenvolvimento científico uma das bandeiras do recentemente instaurado regime republicano¹¹ (Morais: 2007). A sua missão está perfeitamente tipificada no primeiro artigo dos seus estatutos:

Artigo 1º — A Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências (a seguir designada por

⁹ Esta associação surgiu quando em 1907, Luís Simarro, presidente da *Real Sociedad Española de Historia Natural*, preparou a organização de um congresso nacional que englobasse todos os ramos da ciência. Para tal, procurou o apoio do antigo chefe de governo e na altura presidente do *Ateneo Científico, Literario y Artístico de Madrid*, Sigismundo Moret (1838-1913), que sendo admirador da *British Association for the Advancement of Science*, idealizou o alargamento do projecto inicial (que preconizava a realização de apenas um congresso) e propôs a criação da *Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, cujos estatutos foram aprovados numa reunião realizada no *Ateneo* no dia 23 de Fevereiro de 1908 (Bernardo: 2006 e Ausejo: 2008).

¹⁰ Francisco M. Costa Lobo (1864-1945) foi diretor da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. Era sócio do Instituto de Coimbra desde 1884 e foi seu presidente entre 1913 e 1945 (Ferreira: 2012 e Ferreira: 2012) Francisco Gomes Teixeira (1851-1933) foi reitor da Universidade do Porto e sócio do Instituto desde 1878.

¹¹ O governo criou o Ministério da Instrução Pública para reformar o ensino em Portugal (Bernardo: 2006), estabeleceu a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário elementar, criou escolas de formação de professores, escolas agrícolas, industriais e comerciais (Bernardo: 2006), criou universidades em Lisboa e Porto e novos cursos superiores, concedeu bolsas de estudo em Portugal e no estrangeiro, embora sem grande êxito (bernardo: 2006), alargou a rede de escolas, fundou bibliotecas, combateu o analfabetismo, entre outras medidas de menor alcance. No entanto os resultados foram muito modestos, o que se pode explicar em parte pela grande

Associação) é uma federação de sociedades científicas portuguesas¹² e tem por objecto o fomento da cultura nacional, principalmente nas suas manifestações científicas.

Para o conseguir organizará congressos, conferências e concursos; poderá tomar parte nos congressos promovidos por associações estrangeiras congéneres; contribuirá para a fundação de instituições de ensino; favorecerá a comunicação intelectual entre os seus sócios e quaisquer outras entidades e indivíduos igualmente interessados nos progressos da Ciência; e procurará impulsionar a investigação científica.

A Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências foi criada a pensar na realização de conferências conjuntas com a sua congénere espanhola, materializando a necessidade mútua de trocar ideias e partilhar experiências com intelectuais do país vizinho, quebrando o isolamento crónico de que padecíamos (Morais: 2007 e Bernardo: 2006), mas demarcando-se (de início) de conotações políticas; apesar de posteriormente não se conseguir evitar alguma exaltação de ideologia pró-governamental, como no Congresso Luso-Espanhol do Porto em 1942 (Nunes: 2011), o que não é de estranhar, uma vez que os dois países estão geograficamente isolados pelos Pirinéus, são histórico-culturalmente próximos, ambos eram governados por ditaduras conservadoras e eram não beligerantes num mundo em guerra – de resto, para Costa Lobo, a criação de um evento para a divulgação internacional dos estudos científicos dos intelectuais portugueses era uma aspiração antiga. Essa ideia terá germinado na sua mente quando foi convidado a apresentar uma comunicação no Congresso da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências de 1911 realizado em Granada (Morais: 2007). Desde então, o lado espanhol incentivou a criação de uma associação congénere em Portugal, aspiração essa reiterada a Costa Lobo nos congressos de Madrid (1913) e de Valladolid (1915) (Morais: 2007 e Bernardo: 2006). Com esse objectivo traçado, a Associação Espanhola para o Progresso das Ciências convidou duas dezenas de eruditos portugueses - entre eles, Gomes Teixeira (Nunes: 2011, p.234 e Bernardo: 2006), vinculados à recém-criada congénere portuguesa a assistirem e/ou apresentarem comunicações no congresso de 1917, que teve lugar em Sevilha. Mas foi no congresso de Bilbao, em 1919, que se definiram as linhas gerais para a realização do primeiro congresso conjunto a realizar em Portugal (Morais: 2007).

instabilidade política e grave situação económica que o País atravessava então (Bernardo: 2006).

¹² Para além do Inst. de Coimbra, foram fazendo parte da Associação Portuguesa para o Avanço das Ciências as maiores instituições nacionais devotadas à evolução e divulgação da Ciência e da Cultura, tais como: Ass. dos Arqueólogos Portugueses, Ass. Portuguesa de Fotogrametria, Grupo Português da Academia Internacional da História das Ciências, Grupo Português da União Astronómica Internacional, Grupo Português da União Geodésica e Geofísica Internacional, Inst. Português de Arqueologia, História e Etnografia, Inst. Histórico da Ilha Terceira, Soc. Anatómica Portuguesa, Soc. Broteriana, Soc. Martins Sarmiento, Soc. de Ciências Agronómicas de

Assim, foram organizados em conjunto 12 congressos; a saber: Porto (1921), Salamanca (1923), Coimbra (1925), Cadiz (1927), Barcelona (1929), Lisboa (1932), Porto (1942), Lisboa (1950), Coimbra (1956), Madrid (1958), Porto (1962), e Lisboa (1970) (Nunes: 2011). Prova do prestígio de que o Instituto de Coimbra gozava, é o facto de que todos os elementos da direcção da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências aquando da realização do Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências que teve lugar em Lisboa entre os dias 15 e 21 de Maio de 1932 estiveram ligados (antes ou depois deste evento) àquela academia; senão vejamos:

- O Presidente de Honra, A. Óscar F. Carmona (1869-1951), Presidente da República entre 1926 e 1951 foi nomeado sócio honorário em 1941;
- O Presidente Honorário, Francisco Gomes Teixeira (1851-1933), co-fundador da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, matemático de renome, professor e reitor da Universidade do Porto, foi sócio efectivo (1878) e honorário (1896);
- O Presidente, Francisco Miranda da Costa Lobo (1864-1945), co-fundador da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, astrónomo, professor universitário e director do Observatório Astronómico de Coimbra e da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, foi sócio efectivo (1884) e honorário desde 1921, tendo também presidido ao Instituto durante 32 anos (entre 1913 e 1945);
- Os Vice-Presidentes, Pedro José da Cunha (1867-1945), engenheiro, matemático, professor universitário e reitor da Universidade de Lisboa, foi correspondente desde 1916, e mais tarde sócio honorário (1941); e António Augusto Esteves Mendes Corrêa (1888-1960), médico, antropólogo, arqueólogo, professor universitário e presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, foi correspondente desde 1914;
- O Secretário-Geral, Joaquim de Carvalho (1892-1958), filósofo, professor universitário, director da Imprensa da Universidade de Coimbra e da Biblioteca Geral desta instituição, foi sócio efectivo (1916) e honorário (1935);
- O Secretário, António Pereira Forjaz (1893-1972), professor universitário e director da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, foi correspondente nacional desde 1921; e,

Portugal, Soc. das Ciências Médicas de Lisboa, Sociedade Farmacêutica Lusitana, Sociedade de Geografia de Lisboa, Sociedade Médica dos Hospitais Cívicos de Lisboa, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Sociedade Portuguesa de Biologia, Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, Sociedade Anatómica Portuguesa, Sociedade Portuguesa de Estomatologia, Sociedade Portuguesa de Estudos Engénicos, Sociedade Portuguesa de Física e Química, Sociedade Portuguesa de Matemática, Sociedade Portuguesa de Medicina Veterinária, Sociedade Portuguesa de Oftalmologia, Sociedade Portuguesa de Radiologia Médica, Sociedade Portuguesa de Urologia, Liga para a Protecção da Natureza, Sociedade Portuguesa de Espeleologia, e Sociedade das Ciências Económicas.

- Os vogais, Eduardo Ismael dos Santos Andrêa (1879-1937), matemático, astrónomo, professor liceal e universitário, foi correspondente desde 1919; José Pereira Salgado (1873-1946), médico, professor universitário, director do Laboratório de Química da Faculdade de Ciências e reitor da Universidade do Porto, foi correspondente (1941); e, Anselmo Ferraz de Carvalho (1878-1955), professor universitário, director do Instituto Geofísico, director do Museu e Laboratório Geológico, director do Observatório Meteorológico, director da Faculdade de Ciências e vice-reitor da Universidade de Coimbra, foi sócio efectivo (1898) e sócio honorário (1935) (Ferreira: 2015).

Note-se ainda que já no primeiro congresso conjunto, realizado na cidade do Porto, em 1921, os elementos da comissão executiva nacional estiveram quase todos ligados ao Instituto de Coimbra:

- Francisco Gomes Teixeira (acima identificado);
- Luís Inácio Woodhouse (1858-1927), matemático, professor universitário e vice-reitor da universidade do Porto, sócio efectivo desde 1878;
- Aarão Ferreira de Lacerda (1863-1921), medico, zoólogo e professor universitário, foi correspondente desde 1898. Faleceu durante a preparação do congresso, tendo sido substituído por Gonçalo António da Silva Ferreira Sampaio;
- Gonçalo António da Silva Ferreira Sampaio (1865-1937), botânico, professor universitário e director da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto, foi correspondente desde 1899;
- Francisco Xavier Esteves (1864-1944), engenheiro (projectou e executou as obras da famosa «Livraria Lello & Irmão, no Porto, inaugurada em 1906), industrial, presidente da Associação Industrial do Porto, presidiu à Câmara Municipal do Porto, foi correspondente desde 1898;
- Bento de Sousa Carqueja (1860-1935), naturalista, professor universitário, director do jornal O Comércio do Porto, foi correspondente nacional desde 1896;
- Álvaro Rodrigues Machado (1879-1946), físico, filósofo, professor liceal e universitário, foi sócio efectivo desde 1901;
- António Augusto Mendes Corrêa (acima identificado); e,
- José Pereira Salgado (1873-1946), químico, médico, professor universitário, director do laboratório de Química da Faculdade de Ciências do Porto e reitor da Universidade do Porto, foi correspondente desde 1941 (Ferreira: 2015).

Apenas 3 elementos da comissão executiva não estiveram directamente ligados ao Instituto de Coimbra durante a sua vida; Aníbal Gomes de Carvalho, Joaquim Augusto Pires de Lima e João Evangelista Gomes Ribeiro.

Com a reputação alcançada pelo Instituto de Coimbra e pela Associação Portuguesa para o

Progresso das Ciências, a que não fica alheio o prestígio e relações pessoais do seu presidente, Costa Lobo, garantiu-se a presença portuguesa em eventos internacionais de grande importância, tais como os congressos da União Astronómica Internacional de 1923 (Cambrige), 1928 (Leida, Holanda) e 1932 (Cambrige, Estados Unidos da América), e os congressos das Assembleias Gerais da União Internacional de Geodésica e Geofísica de 1928 (Estocolmo) e de 1933 (Lisboa – esta realizada em Território Nacional pelo empenho pessoal e influência do próprio Costa Lobo). Os Congressos das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências foram de suma importância para a circulação de ideias e para o desenvolvimento da ciência em Portugal e Espanha. Todavia, com o avanço científico e respectiva especialização e desenvolvimento dos meios e vias de comunicação, começou a deixar de haver espaço para a realização de congressos, e mesmo de instituições, de conteúdo tão eclético, preferindo-se seguir a via da realização de encontros especializados, ou seja, com temáticas específicas, o que levou a que, a pouco e pouco, aqueles fossem perdendo a sua importância (Bernardo: 2006). Essa tendência verificava-se já na década de 50 do século XX, facto que se comprova pelo facto de o Eng^o Francisco Leite Pinto (à época, Ministro da Educação Nacional) ter dedicado a maior parte do discurso que proferiu na sessão de abertura do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, que teve lugar em Coimbra a esta questão.

Afirmou: «Tem sido criticada nos últimos anos a estrutura dos Congressos das Associações para o Progresso das Ciências, sob o pretexto de que as reuniões científicas reduzem cada vez mais o âmbito dos seus trabalhos. Parece, na verdade, que dentro de tal orientação já não se justificariam os congressos de largo âmbito, principalmente reuniões onde podem ser discutidas todas as ciências, desde as matemáticas às ciências morais e políticas.»

Apesar de seguidamente o Eng^o Leite Pinto prosseguir a sua intervenção fazendo uma competente defesa destes encontros, o simples facto de ter sentido a necessidade de dedicar o grosso do discurso de abertura deste congresso à sua apologia é sintomático dos ventos de mudança que já se começavam a sentir, ventos esses que iam dissipando paulatinamente a importância para a comunidade científica destes congressos de cariz tão diversificado.

De qualquer forma, estes encontros foram de extrema importância para o desenvolvimento científico e cultural português, não apenas pelos temas apresentados, mas também pelos laços pessoais e institucionais aí forjados, o que permitia que a troca de conhecimentos fosse muito para além do período em que decorriam os congressos. Na Arqueologia não foi diferente, tendo inúmeros especialistas deste campo participado nestes congressos. Como veremos no ponto seguinte, em várias missivas é indicada directa ou indirectamente a participação dos seus autores nos congressos das associações portuguesa e espanhola para o progresso das ciências.

4 - AS PERSONALIDADES E RESPECTIVA CORRESPONDÊNCIA

A correspondência analisada será ordenada por autor e apresentada cronologicamente.

- Abade de Baçal (Francisco Manuel Alves)

Aos 09/04/1865, a aldeia de Baçal, localizada a pouco mais de 8 quilómetros de Bragança, viu nascer Francisco Manuel Alves, filho de Francisco Alves Barnabé e de Francisca Vicente. Ficou conhecido para a posteridade como Abade de Baçal, tanto por ter nascido em Baçal, como por ter seguido a via eclesiástica e exercido a sua vocação naquela localidade durante quase toda a sua vida - excepção feita a um período de 7 anos que passou em Mairos, Chaves logo após de ter sido ordenado sacerdote, depois de terminado o seu curso de Teologia no Seminário de São José, Bragança em 1889 (Arq. Dist. Bragança: 2012 e Martins: 2015). Homem de múltiplos talentos, foi arqueólogo, historiador e etnólogo autodidacta (fez parte da fundação do Instituto Etnológico da Beira), tendo ainda exercido cargos públicos, como de vereador do município de Bragança.

A sua paixão pela investigação histórica terá florescido durante os seus tempos de aluno do seminário.

Na sua acção enquanto historiador, deu particular atenção à região do Nordeste transmontano, tendo sido nomeado, em 1925, director do Museu Regional de Bragança - do qual foi membro fundador, ciente que estava da importância da Memória, ou seja, da capacidade de guardar factos e experiências do passado e de os transmitir, funcionando assim como elemento aglutinador e de desenvolvimento comunitário.

Aquando das comemorações de 1927 dedicadas a homenagear o Abade de Baçal, o espólio do museu regional juntou-se ao acervo do museu municipal, dando assim origem a um único espaço museológico que conta com inúmeros artefactos recolhidos por esta individualidade. Em 1935, por ocasião da atribuição do título de abade, este museu passou a denominar-se «Museu do Abade de Baçal» em sua honra.

As «excursões arqueológicas» que realizou tiveram início em 1907 e prolongaram-se até 1946, sensivelmente um ano antes da sua morte.

Para além das inúmeras publicações/colaborações, nomeadamente em jornais e revistas, a sua obra mais emblemática terá sido «*Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*», em 11 volumes na 1ª edição e 12 volumes em 2ª edição, que abarcam um período que vai desde a Pré-História até ao início do século XX.

Recibia em sua casa personalidades como Leite de Vasconcelos cujos laços de amizade seriam certamente fortalecidos pelo amor que ambos nutriam pela arqueologia.

Foi sócio da Academia de Ciências de Lisboa, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, presidente do Instituto Científico e Literário de Trás-os-Montes, do Instituto histórico do Minho, do Instituto Etnológico da Beira e presidente do Instituto Científico e Literário de Trás-os-Montes (Martins: 2015).

Foi também sócio do Instituto de Coimbra - correspondente nacional em 1913 e honorário em 1935 (Ferreira: 2015).

Podemos afirmar que, se o arquivo diocesano de Bragança é um dos maiores do País, em grande parte o deve ao Abade de Baçal, que depois da mudança de regime operada em 1910 reuniu e protegeu aquele espólio.

Alcançou o Descanso Eterno no dia 13 de Novembro de 1947 (Arq. Dist. Bragança: 2012 e Martins: 2015)

Documento único – carta manuscrita

Exmo Sr.

Vim há dias do Arquivo de Simancas (Espanha) onde fiz um estágio de três meses à procura de notícias referentes ao Distrito(?) de Bragança para inserir no VIII vol. das Memórias Arqueológicas Históricas do mesmo¹³. Pareceu-me que a publicação dos catálogos seria interessante para Portugal na parte que me diz respeito, tanto para os investigadores que levando já alguma guia, não iriam às cegas, como para os que simplesmente quisessem ter noticia dos factos lá existentes e, nesta conformidade, tirei uma cópia que abrange quarenta (?) de papel de 35 linhas. Em geral o Arquivo de Simancas, formidável mina de documentação histórica, é mal conhecido em Portugal e só os catálogos por si elucidam muita coisa.

Veja se os podem publicar no Instituto e tirar uma separata de 50 exemplares.

De V.E^{xa}. Att V^{ob},

30-08-931

Francisco Manuel Alves (assinatura)

Reitor de Baçal

Bragança

¹³ No total, 11 volumes publicados em 1ª edição entre 1910 e 1947.

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: O Arquivo Geral de Simancas é o arquivo estatal mais antigo de Espanha. Foi fundado em 1540 mantendo-se activo até hoje.

Foi fundado pelo rei Carlos I de Espanha (imperador Carlos V do Sacro Império Romano-Germânico) e ampliado pelo seu sucessor, o rei Filipe II de Espanha, que terá percebido a verdadeira importância de um arquivo desta natureza (vide *site* do Arquivo Geral de Simancas em <https://www.culturaydeporte.gob.es/cultura/areas/archivos/mc/archivos/ags/portada.html>). É actualmente considerado um exemplo a seguir na recolha, conservação e catalogação documental.

A colectânea «Memórias Arqueológico-Históricas», indicada na carta, foi a obra mais embramática do Abade de Baçal, que é descrita por si desta forma: «*As Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança são um repositório amplissimo, completo quanto possível, de notícias respeitantes à nossa terra, interessantes sob todos os pontos de vista científicos, por mais variados que sejam. Representam, não uma tentativa mercantil, mas sim um preito de amor (...).*»¹⁴

Os catálogos a inserir no VIII volume das «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança» mencionados na carta foram de facto publicados, conforme solicitado, com o título tema «Catálogo dos manuscritos de Simancas respeitantes à história portuguesa», nos volumes n.ºs 82 (1931), 83 e 84 (ambos publicados em 1932) da revista «O Instituto».

No início do VIII volume das «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança», intitulado «No Arquivo de Simancas», Francisco Alves brinda-nos com as suas «Impressões de Viagem» - um texto, ao melhor nível do estilo da literatura de viagem em que o autor começa por explicar as circunstâncias que propiciaram a sua viagem a Simancas, seguindo-se uma apanzível descrição da mesma. Infelizmente, esta primeira parte da obra não foi publicada na revista do Instituto, tendo-se publicado apenas informação relacionada com os catálogos.

Como já foi acima indicado, a apresentação deste trabalho na revista divide-se em 3 partes, nos n.ºs 83, 83, e 84, respectivamente, onde são divulgados e em alguns casos interpretados os documentos relativos a Portugal existentes no Arquivo de Simancas.

Na 1ª parte («O Instituto» n.º 82) encontram-se documentos variados, como correspondência pessoal, oficial e diplomática, instruções, minutas, apontamentos e despachos. Os documentos mais antigos datam de 1478 e terminam nos primeiros anos da Dinastia Filipina.

A título de curiosidade, consideramos interessante indicar que nos *legajos* (arquivos) n.ºs 393 e 394 há documentos que comprovam as tentativas do rei Filipe II de Espanha de dissuadir o rei D. Sebastião a reunir as hostes para combater no Norte de África, e do posterior apoio militar

¹⁴ Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, volume VIII, 2ª edição, Bragança: 1980, p. 130

espanhol.

A segunda parte («O Instituto» nº 83) continua onde termina a primeira e vai até ao ano de 1699. Logo no segundo legajo (nº 438), outra curiosidade: a divulgação de um documento do frei Crisóstomo da Visitação (†1604) onde este dizia que D. Sebastião não tinha morrido na Batalha de Alcácer-Quibir. Segue-se depois o inventário de 2 catálogos guardados no arquivo, bem como a forma de os pesquisar.

A terceira parte, que foi publicada no volume 84º da revista «O Instituto», dá continuação ao inventário do segundo catálogo da parte anterior. Apresenta depois uma lista de documentos relacionados com títulos nobiliárquicos de nobres em Portugal, bem como das ordens religiosas militares de Avis, de Cristo e de Santiago (este último inventário – documentos relativos à Ordem de Santiago, encerra a publicação na revista d'«O Instituto» dos catálogos «No Arquivo de Simancas».

Mas estas não foram as únicas vezes que o Abade de baçal escreveu para a revista «O Instituto»; de facto foi um sócio correspondente bastante activo, sendo de destacar os volumes 58 a 64 (entre 1911 e 1917) onde foram publicados grandes excertos (onde se incluem 223 documentos) do 4º volume da sua obra «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança», nomeadamente no que concerne a catálogos de documentos existentes nos arquivos distritais de Bragança, e o estudo sobre o Castro de Avelãs – Bragança. «célebre pelas suas (...) ruínas luso-romanas» (Alves: 1909), publicado nos volumes 56 e 57 (1909 e 1910).

Afonso do Paço

Manuel Afonso do Paço nasceu em Outeiro – Viana do Castelo a 30 de Novembro de 1895. Terminou o curso dos Liceus em 1915, tendo nesse mesmo ano iniciado os seus estudos em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Terminou a licenciatura em 1919, apesar da interrupção forçada pela participação portuguesa na I Guerra Mundial. Enviado para a Flandres, combateu na tristemente célebre Batalha de La Lys, onde foi capturado pelas tropas alemãs. Regressou a Portugal em Janeiro de 1919, galardoado com várias condecorações que espelham o seu valor em teatro de guerra.

Entre 1919 e 1921 foi incorporado na Guarda Nacional Republicana, tendo no final desse período tirado o curso de Serviço Administrativo na Escola do Exército, que terminou em 1923.

No ano seguinte, obteve colocação na Administração Militar. Felizmente para a Cultura portuguesa o serviço não era demasiado exigente, o que lhe permitiu dedicar-se à vida científica, mais concretamente à sua paixão pela arqueologia.

Iniciou a sua actividade enquanto arqueólogo em escavações e estudo «*das estações paleolíticas e epipaleolíticas do litoral da sua província natal*»

(http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/recursos/bibliotecas_e_arquivos/biografias/mafonsodopaco1.pdf)

, nomeadamente na freguesia de Carreço. De facto o primeiro artigo publicado na revista «O Instituto» (nº 83; 1932) intitula-se «*Subsídios para uma Bibliografia do Paleolítico e Epipaleolítico Português*», como veremos adiante, na análise do documento nº 3 de Afonso do Paço.

Conviveu e trabalhou com o padre Eugénio Jalhay, sendo que uma das colaborações mais profícuas entre estes dois grandes vultos terá sido a da escavação do povoado de Vila Nova de São Pedro (Calcolítico). A parceria no estudo desta estação decorreu entre 1937 e 1950, data em que faleceu Jalhay, tendo Afonso do Paço continuado as escavações até à sua morte, em 1968. Lamentavelmente, conforme nos diz o Prof. Dr. João Luís Cardoso na biografia que elaborou sobre Afonso do Paço, os trabalhos realizados naquele sítio arqueológico não tiveram até hoje o devido reconhecimento no nosso País, merecido, aliás, quer pela excelência dos estudos publicados, quer pelas adversidades com que se depararam, nomeadamente a falta de apoios à actividade desenvolvida.

Todavia é ainda de realçar o trabalho conjunto de Paço e Jalhay nas grutas artificiais de Alapraia – Cascais, e na Citânia de Sanfins (tal como no caso do Castro de Vila Nova de São Pedro, após 1950, Paço prosseguiu a exploração de Sanfins até à sua morte).

Cardoso indica-nos uma lista considerável outras personalidades com quem Paço estabeleceu relações de colaboração com resultados bastante proveitosos: Octávio da Veiga Ferreira (que lhe dedicou um sentido elogio fúnebre), Georges Zbyszewski, Fausto de Figueiredo, Maria de Lurdes Costa Arthur, Maria de Lurdes Bártholo, Edward Sangmeister, João de Lemos, Joaquim Bação Leal, Abel Viana, Leonel Trindade, Hermanfrid Schubart, Hipólito Cabaço, Fernando Nunes Ribeiro, Lyster Franco, José Farrajota, Fernando de Almeida, Maxime Vaultier e Leonel Ribeiro. Esta lista junta-se àquela indicada por O. Da Veiga Ferreira – Abade Breuil, Vera Leisner e Savory (Ferreira: 1968).

Fez parte de inúmeras instituições académicas e científicas, tais como a Academia Portuguesa de História, a Associação dos Arqueólogos Portugueses (à data da sua morte era vice-presidente da instituição e presidente da secção de Pré-História), a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, a Sociedade Martins Sarmiento, a Real Academia Galega, a Sociedade Espanhola

de Antropologia, Etnografia y Prehistória, a Societé Prehistorique Française, a Societé D'Étographie de Paris, Prehistoric Society, Instituto Arqueológico Alemão, e... o Instituto de Coimbra, do qual foi sócio activo (Ferreira: 2015). O. da Veiga Ferreira fala-nos das qualidades humanas de Afonso do Paço e destaca a sua importância enquanto arqueólogo «... consideramos Afonso do Paço um dos primeiros arqueólogos a formar verdadeiras equipas de trabalho onde havia mais de um especialista para, em conjunto, poderem resolver os assuntos durante a escavação e até o estudo dos materiais no gabinete. (...) Foi o primeiro arqueólogo a ter noção exacta do valor da síntese em arqueologia e das cartas de repartição dos achados arqueológicos.» (Ferreira: 1968). O então Tenente-Coronel, Manuel Afonso do Paço morreu no dia 29 de Outubro de 1968. Deixou-nos um legado de esforço, dedicação e competência, bem como uma extensa bibliografia (Veiga Ferreira: 1968 e http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/recursos/bibliotecas_e_arquivos/biografias/mafonsodopaco1.pdf).

Documento nº 1 – carta manuscrita

Tenente AFONSO DO PAÇO

TELEF. NORTE 4720

RUA ESCOLA MEDICINA VETERINÁRIA, 11, 3º

LISBOA

a V. Ex. 18/3/31

Ex^{mo} Sr. Prof. J. de Carvalho

Escrevi há pouco ao Sr. Dr. Mendes Correia para me inscrever como congressista no próximo congresso de Maio a realizar em Lisboa. Diz-me porém quele prof. que me dirija directamente a V. Ex^{ta}, e enviando a quantia de 20\$00 peça o favor de me inscrever como sócio da Associação Luso-espanhola para o avanço das Sciencias.

Com o pedido vão os referidos 20\$00 rogando a fineza de me considerar congressista.

Envio também o nome de uma tese para o Congresso:

Paleolítico de Carreço.

Caso haja uma secção onde caiba etnografia desejaria também apresentar outra, que talvez caiba em secção em que entre a linguística: Da influência da guerra no léxico português. Aguardando as preciosas ordens de V. Ex., creia-me com a maior consideração.

V. Ex. At. V. Ob.

Afonso do Paço (assinatura)

P. S. Junto envio também uma fotografia que o Sr. Dr. M. Correia diz ser precisa

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: O congresso de Lisboa mencionado é o Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, que deveria ter lugar em Maio de 1931; no entanto esse simpósio acabou por ser adiado, tendo-se realizado 1 ano após o previsto, entre 15 e 21 de Maio de 1932.

Esta carta enviada por Afonso do Paço, que à data não era ainda sócio do Instituto de Coimbra (tornou-se sócio correspondente em 1932 - conforme indicado por Licínia Ferreira no levantamento da lista de sócios realizado em 2015), terá tido como destinatário Joaquim de Carvalho, que era secretário-geral da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências aquando da recepção desta missiva. No entanto, embora Joaquim de Carvalho fosse o destinatário da carta, esta não foi enviada para a Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências nem para a Universidade de Coimbra, onde leccionava, mas sim para o Instituto de Coimbra, o que atesta a sua importância na organização do Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências.

Nesta data, 11 de Agosto de 1931, sabemos que o presidente do «Instituto» era o Prof. Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo, não havendo dados disponíveis relativos à composição de restante direcção entre os anos de 1927 e 1934¹⁵. No entanto o Dr. Joaquim de Carvalho era sócio do Instituto de Coimbra desde 1916 e foi entre 1921 e 1934 director da Imprensa da Universidade de Coimbra, entidade que procedia à impressão da revista «O Instituto» (na qual publicou 16 artigos da sua autoria, incluindo o seu discurso na sessão de encerramento do Congresso Português e Espanhol para o Progresso das Ciências de 1925, que teve lugar em Coimbra, na qualidade de secretário geral da comissão executiva do congresso, e a comunicação proferida na sessão comemorativa do centenário do Instituto de Coimbra – volume 115 de 1953), pelo que certamente detinha nesta altura algum cargo naquela academia, tanto mais que esta missiva faz parte do espólio do Instituto de Coimbra (relembramos o papel de relevo que o Instituto de Coimbra teve na organização de Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências de 1932, que teve lugar em Lisboa – como veremos, várias missivas enviadas ao Instituto de Coimbra para tratar de assuntos relacionados com o Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências tiveram como destinatário o Dr. Joaquim de Carvalho). O Dr. António Augusto Esteves Mendes Correia, mencionado na missiva, nasceu em 1888 e faleceu em 1960. Em 1911 terminou o curso de medicina na escola Medico-Cirurgica do Porto com a elevada média de 17 valores (ou de 19, conforme investigação biográfica elaborada pelo

¹⁵ Dados disponíveis no trabalho da Dr^a Licínia Rodrigues Ferreira «Instituto de Coimbra. O Percurso de uma Academia.»

Prof. Dr. João Luís Cardoso em 1999). Foi sócio fundador da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (1918). No ano de 1922 concluiu com sucesso o doutoramento em Ciências Historico-Naturais na Universidade do Porto. Foi também professor universitário tendo a seu cargo diversas cadeiras, tais como Arqueologia, Etnografia, Etnologia ou Antropogeografia (Cardoso: 1999 e Sigarra/Universidade do Porto: 2008).

Esteve ligado à pesquisa arqueológica, quer directamente, quer através do apoio incansável que concedeu a inúmeros arqueólogos (particularmente a jovens como Rui de Serpa Pinto).

Fez parte de inúmeras instituições científicas internacionais, tais como o Instituto Arqueológico Alemão, a Sociedade Espanhola de Antropologia, a Sociedade de Antiquários de Londres, a Sociedade de Antropologia de Paris, ou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em Portugal, pertenceu à Academia das Ciências de Lisboa, à Academia Portuguesa da História, ao Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, à Sociedade Portuguesa de Antropologia, à Sociedade de Geografia de Lisboa e Etnologia e à Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências (Cardoso: 1999).

Foi também sócio correspondente do Instituto de Coimbra desde 1914 (Ferreira: 2015). Nesse âmbito escreveu 3 artigos para a revista do Instituto, sendo eles: «*Antropologia da Beira Alta*» (revista «O Instituto» nº 64), «*Osteometria Portuguesa - Tronco e esqueleto Zonal dos Membros*» (revista «O Instituto» nº 66, numa transcrição da comunicação feita no Congresso da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências de Bilbao, em 1919), «*Notas Antropológicas sobre os Luangos da Região dos Dembos – Angola*» (revista «O Instituto» nº 69).

Mendes Correia foi o autor de vários estudos, fruto de trabalho de campo, como «*Instrumentos paleolíticos nos arredores de Lisboa*», «*A sepultura neolítica do Vale das Lages e os eólitos de Ota*», «*A geografia da pré-história*», «*O homem terciário em Portugal*», e «*Nouvelles recherches sur l'homme tertiaire en Portugal*» (Paço in «O Instituto», nº 83, e Associação dos Arqueólogos Portugueses: 1970).

A comunicação de Afonso do Paço sobre o Paleotítico de Carreço será comentada na análise da carta seguinte.

O trabalho sobre «*Da influência da guerra no léxico português*» não foi apresentado neste congresso.

Documento nº 2 – carta manuscrita

Tenente AFONSO DO PAÇO
TELEF. NORTE 4720
R. ESCOLA MEDICINA VETERINÁRIA, 11, 3ª
LISBOA
11/08/31

Exmo Professor J. de Carvalho

Cumprimentando a V. Ex, muito agradecia a informação da data do Congresso de Lisboa, bem como se há um limite máximo para as comunicações.

Não sofrem alteração em nome ou qualquer outro as comunicações de que enviei nota a V. Exa., quando teve a gentileza de me inscrever como congressista.

Creia-me de V. Ex com a mais alta consideração.

Att V. Obg

Afonso do Paço (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Neste congresso, que só teve lugar em 1932, Afonso do Paço apresentou a comunicação «*Paleolíticos de Carreço*», conforme intenção indicada na correspondência anterior.

Nesta comunicação, Afonso do Paço defende, contra a opinião de vários arqueólogos portugueses e estrangeiros, a existência do Paleolítico galaico-minhoto na estação de superfície do Carreço¹⁶.

Para Afonso do Paço alguns colegas teriam formulado aquela opinião porque «*ajuizaram pelo simples confronto de figuras e não pelo confronto directo dos objectos*» (Paço: 1932 - Nota sobre o paleolítico de Carreço), mas quando se examinam fisicamente as peças, como Perez de Barradas, Siret, Kleyweg de Zwaan, Rellini ou Burkitt, acabam por as diferenciar das de tipo asturiense, considerando-as assim paleolíticas.

Paço enumera ainda os requisitos necessários encontrados nos instrumentos de Carreço para que estes devam ser considerados paleolíticos, e explica, com base no tipo e qualidade do material o porquê de não poderem ser de tipo asturiense.

No mês seguinte ao envio desta carta, portanto em Setembro de 1931, Afonso do Paço apresentou

¹⁶ Já por duas ocasiões - em Setembro de 1930 no XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia e IV sessão do Instituto Internacional de Antropologia (Coimbra e Porto), bem como no Congresso de Paris de 1931, tinha Afonso do Paço apresentado trabalhos que visavam comprovar a diferença entre peças paleolíticas e as de tipo asturiense de Carreço (Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço: 1971)

uma comunicação na V sessão do Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique que decorreu em Paris - «*Note sur les industries paléolithiques et mesolithiques de la province de Minho (Portugal)*», onde tentou contrariar a ideia em voga na França de que era difícil fazer a distinção entre peças paleolíticas e de tipo asturiense ou ancorense encontradas na região do Minho. No ano anterior, mais concretamente entre 21 e 30 de Setembro de 1930, apresentou a comunicação «*O paleolítico no Minho*» (vide nota de rodapé nº 16) na IV sessão (que decorreu em Coimbra) do mesmo congresso (Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço: 1971).

Neste congresso participaram também os portugueses Mendes Correia (*Les nouvelles fouilles à Muge*, onde relata as escavações levadas a cabo naquele sítio arqueológico e em que contou com a colaboração de Rui de Serpa Pinto e de Santos Júnior) - para atestar a qualidade do trabalho por si realizado, julgamos importante referir que o eminente historiador e arqueólogo francês, o Conde Robert du Mesnil du Buisson (1895-1986) solicitou a Mendes Correia a cedência das imagens das suas mais recentes escavações arqueológicas realizadas em Muge mostradas através de projector para apresentar na *École du Louvre*, onde tinha a seu cargo a disciplina de «técnica de escavações arqueológicas»; Rui de Serpa Pinto (*Sur le «tumbien» de l'Angola*, estudo acerca da cultura tumbiense (pré-histórica) angolana e *La préhistoire de l'Afrique portugaise*, resenha do que se sabia à data acerca da pré-história nos territórios que correspondem a Angola, Moçambique e Guiné-Bissau); José de Pinho (*Le grand échiquier dans l'art préhistorique portugais* – vide biografia de José de Pinho no presente trabalho); e Almiro do Vale, com a comunicação *Vestiges préhistoriques de la station archéologique de Nandufe*, estudo e divulgação sobre escavações no Castro de Nandufe e peças aí encontradas (Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço: 1971).

Documento nº 3 – carta manuscrita

Lisboa 15 de Janeiro de 1932

Exmo Sr. Presidente do Instituto De Coimbra

Ao receber o diploma com que me honraram elevando-me ao número dos sócios dessa tão douta quão prestigiosa colectividade científica queiram V. Ex aceitar os meus mais sinceros agradecimentos pela mercê que se dignaram conceder-me e receber a promessa de que, o mais humilde dos seus sócios pugnaré sempre pelo seu engrandecimento.

Creia-me de V. Ex. com a maior consideração.

At V. Obg (Atentamente Vosso Obrigado)

Afonso do Paço (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Afonso do Paço tornou-se sócio correspondente no ano de 1932. Nesta carta, que enviou como agradecimento pela sua elevação a sócio, o seu autor promete que *pugnará sempre pelo seu* (Instituto de Coimbra) *engrandecimento*.

O presidente do Instituto de Coimbra era o Prof. Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo. Considerando a quantidade (e qualidade) dos trabalhos de campo realizados e dos estudos publicados não só na revista do Instituto mas em várias revistas da especialidade, e nas comunicações apresentadas a partir de 1932 nos vários Congressos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências, podemos considerar que a sua promessa foi plenamente cumprida, contando-se entre os sócios de maior prestígio.

De facto, na revista do Instituto desse ano (nº 83 de 1932) foi publicado o seu estudo «Subsídios para uma Bibliografia do Paleolítico e Epipaleolítico Português». Afonso do Paço justifica a realização deste trabalho com a dificuldade em encontrar fontes de estudo sobre o Paleolítico e Epipaleolítico português, bem como a interpretação de cada autor. Assim, sistematizou a bibliografia que que directa e/ou indirectamente versa sobre essa matéria, complementadando o trabalho publicado em 1930 por Rui de Serpa Pinto, «*Bibliografia do Asturiense*» («O Instituto», vol. 83).

Documento nº 4 – bilhete postal

Lisboa 8/2/1936

Ex^{ma} Direção de «O Instituto»

Vi num jornal de hoje que tinha recebido o último numero de «O Instituto».

De há mais de um ano que não recebo a revista da douta colectividade científica de Coimbra.

Agradecia que me enviassem os números saídos ou me informassem do que há.

Desde já muito grato a V. Ex.

Sou com toda a consideração

Afonso do Paço (assinatura)

(post scriptum) O último nº recebido

é o nº 5 do vol 87-1934

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: O primeiro volume da revista «O Instituto» foi publicado entre 1853. O último volume, o 141º, foi lançado em 1981.

Para além da Arqueologia e História, a revista era composta por artigos/estudos das mais variadas áreas, tais como Medicina, Matemática, Física, Química, Astronomia, Biologia, Geologia, Literatura, Engenharia, Linguística ou Etnografia.

Documento nº 5 – bilhete postal

15-01-948

Ex^{mos} Senhores

Acabo de saber que a estúpida de uma criada devolveu o recibo que à cobrança me enviaram pelo Correio.

Agradezia o favor de me indicarem o quantitativo a pagar para enviar na volta do correio.

Creia-me com toda a consideração, de V. Ex.

Afonso do Paço (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Nesta altura, Afonso do Paço já não fazia publicar textos na revista d'«O Instituto» desde 1942, mais concretamente no 100º nº, quando foi editado o trabalho «*Gravuras rupestres de Outeiro e Carreço (Viana do Castelo)*».

Nessa publicação, Afonso do Paço fala-nos nas gravuras rupestres encontradas em 1930 em Outeiro e Carreço, ambas no concelho de Viana do Castelo. Retrata depois os locais onde foram encontradas as pinturas rupestres, descreve-as e indica-nos o seu estado de conservação (assim, as gravuras do grupo do Outeiro estariam mais desgastadas pela passagem habitual de caçadores e pastores nas proximidades; o grupo de Carreço, teria o seu lado esquerdo parcialmente destruído pelo corte da pedra, mas no geral estava em bom estado de conservação, o que se explica, segundo Afonso do Paço, pelo isolamento do local e conseqüente escassa presença humana.

Faz depois uma análise comparativa das figuras cruciformes encontradas num e noutra local, sendo que aquelas encontradas em Carreço estão melhor agrupadas e o trabalho foi melhor executado.

Afonso do Paço conclui que estes dois conjuntos datam dos *últimos períodos da idade da pedra*, por serem constituídos por *estilizações zoomorfas e antropomorfas, figuras rectilíneas*,

rectangulares, etc (por oposição a um grupo mais recente, da Idade do Bronze, que consiste em figuras mais complexas como espirais e círculos – esta classificação em 2 grandes grupos terá sido concebida, segundo o autor, por Hugo Obermaier), sendo o conjunto do Outeiro mais antigo.

O arqueólogo socorre-se das conclusões de Obermaier para afirmar que este tipo vestígios indicam que se tratavam de locais de culto (Paço: 1942).

Afonso do Paço só voltaria a publicar trabalhos seus nesta revista em 1953, no volume 115: «*Castro de Vila Nova de São Pedro*», em colaboração com Maria de Lourdes Costa Arthur. As campanhas de escavação deste castro foram realizadas entre 1937 e 1967. Antes, Afonso do Paço tinha trabalhado com Eugénio Jalhay até à morte deste em 1950. Na campanha de 1955 (19^a) Paço teve a colaboração de Edward Sangmeister (1916-2016), do *Deutsches Archäologisches Institut*.

Entre 1964 e 1973, Sangmeister coordenou os trabalhos de escavação do Castro do Zambujal (DGPC).

Documento nº 6 – carta manuscrita

AFONSO DO PAÇO

AVENIDA DA REPÚBLICA, 15, 5º

TELEF. 4 7833

Lisboa 25 de Janeiro de 1948

Meu Ex^{mo}. Presidente

Agradecendo reconhecido a informação que teve a amabilidade de fornecer-me, junto remeto um vale de correio na importância de 25\$00 para pagamento da minha quota de 1948, podendo o recibo ser remetido pelo correio.

Creia-me de V. Ex com a maior estima E consideração

At^º V. Ob

Afonso do Paço (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Afonso do Paço foi sócio do Instituto de Coimbra desde 1932 até à sua morte, no dia 29 de Outubro de 1968.

O presidente do Instituto de Coimbra à data era Anselmo Ferraz de Carvalho, que ocupou esse cargo entre 1947 e 1954. Antes disso, foi vice-presidente, assistindo o «eterno» Francisco M. Costa Lobo na presidência – ocuparam os respectivos cargos entre 1913 e 1946.

Documento nº 7 – carta manuscrita

AFONSO DO PAÇO

AVENIDA DA REPÚBLICA, 15, 5º

TELEF. 4 7833

Lisboa 7/10/952

Ex^{mo}. Prof. A. Ferraz de Carvalho

Dignou-se V. Ex^a aceder ao meu pedido de publicação de um artigo no volume comemorativo do nosso Instituto de que V. Ex. é mui digno presidente.

Brevemente terei o gosto, bem como a minha colaboradora, de lhe enviar uma separata do mesmo, bem como de outras publicações.

Desejaria propor para sócia a Ex. Sra Dr^a D. Maria de Lourdes Costa Arthur licenciada em Historico-Filosóficas pela F. L. de Lisboa.

Terá de enviar um artigo original para Candidatura, ou bastará o artigo que assinou comigo?

Escusado será dizer a V. Ex. que uma investigadora que certamente se notabilizará na Arqueologia.

Agradecendo a V. Ex. todas as gentilizas, subscreve-se com a maior consideração,

Afonso do Paço (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: O volume comemorativo a que se refere Afonso do Paço é o nº 115, comemorativo do 1º centenário do Instituto de Coimbra e o artigo indicado trata do estudo dos perfis de bordos de vasos não ornamentados¹⁷ encontrados no castro de Vila Nova de São Pedro. A colaboradora indicada é a Dr^a Maria de Lourdes Costa Arthur (1924-2003), a qual foi proposta por Afonso do Paço para sócia do Instituto de Coimbra. Tornou-se

¹⁷ Este artigo foi dedicado ao Prof. Gordon Childe, e pretende ser também uma resposta à crítica/desafio deste ao afirmar que os arqueólogos portugueses não prestavam a devida atenção aos detalhes dos bordos dos vasos. Este artigo está disponível em linha:

https://digitalis-dsp.uc.pt/institutocoimbra/UCBG-A-24-37a41_v115/globalItems.html

sócia/correspondente nacional em 1953. A sua tese de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas intitula-se «*A Romanização no distrito de Setúbal*», e teve como orientador o Dr. Manuel Heleno; e de facto, esta arqueóloga especializou-se em Arqueologia Romana (Correia: 1978).

Afonso do Paço preconiza que esta investigadora «*se notabilizará na Arqueologia*». Na verdade, já antes, em 1950, Maria de Lourdes C. Arthur terá sido a primeira mulher a dirigir um trabalho arqueológico de campo em Portugal (Bugalhão: 2013), mais concretamente no sítio da Quinta de São João, Arrentela/Seixal (Correia: 1978).

No que concerne às escavações de Vila Nova de São Pedro, assinou com Afonso do Paço os trabalhos (para além do acima indicado) «*Alguns objectos metálicos*» e «*Sementes pre-historicas de Linho*».

Participou em várias intervenções, por exemplo em Almada ou Santo Andre/Santiago do Cacém (Miróbriga), Vila Nova de São Pedro (tendo colaborado com Afonso do Paço, depois da morte de Eugénio de Jalhay) e Marvão (Correia: 1978).

Na biografia de Afonso do Paço publicada no *site* da DGPC, o Prof. Dr. João Luís Cardoso refere-se a Maria de Lourdes Costa Arthur como «*uma arqueóloga injustamente esquecida*».

Documento nº 8 – carta manuscrita

AFONSO DO PAÇO

AVENIDA DA REPÚBLICA, 15, 5º

TELEF. 4 7833

Lisboa 12 de Janeiro de 1953

Ex^{mo}. Presidente de o Instituto de Coimbra

Por um lapso meu, não sei se esta chegará a tempo. Julgava a reunião na 2ª quinzena de Janeiro.

Junto remeto umas notas sobre a Dr^a D. Maria de Lourdes Costa Arthur. Ia ela preparar um estudo sobre o neolítico no distrito de Setúbal para enviar a V. Ex^a, quando lhe concederam uma bolsa para seguir imediatamente para Madrid, e especializar-se em arqueologia grega e romana aplicada depois à antiga Lusitânia.

Tem que fazer as malas para seguir para Espanha, sem poder concluir o trabalho que iniciara. Como demora pelo menos 8 meses em Madrid, não poderá fazer nada, visto os seus novos trabalhos lhe darem muito que fazer.

Na biblioteca do Instituto há as separatas que publiquei de colaboração com ela.

Agradecendo desde já a V. Ex^a Quanto possa fazer neste caso de candidatura, Subscreve-se com a maior estima e deseja um Novo Ano cheio das maiores felicidades

Afonso do Paço (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Um dos trabalhos realizados por Afonso do Paço em colaboração com Maria de Lourdes da Costa Arthur que são indicados no final da carta foi publicado no volume nº 115 de 1953 (número comemorativo do centenário do Instituto de Coimbra) com o título «*Castro de Vila Nova de São Pedro: III - Perfis de bordos de vasos não ornamentados*». Julgamos que os outros trabalhos realizados em conjunto, também indicados na missiva, são todos aqueles realizados no âmbito da campanha de 1952 do Castro de Vila Nova de São Pedro, tais como «*Alguns objectos metálicos*», ou «*Sementes pré-históricas de Linho*». A candidatura de Maria de Lourdes da Costa Arthur proposta por Afonso do Paço foi aceite, tendo-se tornado sócia/correspondente no mesmo ano em que esta carta foi enviada - 1953 (Ferreira: 2015).

Somos ainda de realçar um pormenor interessante desta missiva: indica-nos o local onde esta investigadora se especializou em Arqueologia Romana (Madrid), a duração média da formação (pelo menos 8 meses) e que tal foi possível por intermédio da atribuição de uma bolsa atribuída, mais especificamente, pelo Instituto de Alta Cultura. Após conclusão desta formação, onde se destacou, trabalhou com alguns dos arqueólogos estrangeiros mais respeitados da época: em Madrid com o Dr. António Garcia y Bellido (1902-1972, sócio do Instituto de Coimbra desde 1952), com o Dr. Martin Almagro Basch (1911-1984) em Barcelona, com o Dr. Fernand Benoit (1892-1969) em Marselha e com o Dr. Nino Laboglia (1912-1977) em Itália (Correia: 1978).

Documento nº 9 – carta manuscrita

AFONSO DO PAÇO

AVENIDA DA REPÚBLICA, 15, 5º

TELEF. 4 7833

Lisboa, 20 de Março de 1957

Meu Ex^{mo} Presidente:

Permita-me V. Ex. que envie alguns esclarecimen

tos suplementares, relativos a duas propostas que me permiti enviar em tempos ao Instituto de que V. Ex. é agora muito digno presidente.

Uma das comunicações apresentadas ao Congresso de Coimbra realizado o ano passado destinava-se a ser publicada no «Instituto», mas não sei se será permitido.

Dava-se a primazia à Revista do Instituto sobre a publicação, nas actas do Congresso.

Da secretaria deste, dizem-me que mesmo assim apesar de publicado antes noutra revista o repetiriam no volume.

Temo porém que as demoras havidas no «Instituto» o fizessem sair mais tarde que no volume do Congresso, o que por certo não seria muito agradável.

Recebo, porém, sobre este assunto o conselho de V. Ex.^a.

Não me diz V.Ex. nada da admissão da condessa Berlanga de Duero?

Vaultier tem a nacionalidade portuguesa. Se V. Ex.^a. o entender, poderá, quando o desejar, fazer uma pequena «charla» arqueológica com projeções no Instituto.

De V. Ex.^a. se subscreve com a maior consideração e muita estima

Afonso do Paço (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: O XXIII Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências, que teve lugar em Coimbra de 1 a 5 de Junho de 1956 contou com uma participação profícua por parte de Afonso do Paço.

Individualmente ou em parceria, apresentou 9 comunicações naquele encontro; a saber:

- «*Castro de Vila Nova de São Pedro. Forno de cozer cerâmica*», por Afonso do Paço.

Já anteriormente falámos no estudo exaustivo deste sítio levado a cabo por Afonso do Paço, (como por exemplo, «*Considerações sobre o problema da metalurgia*» ou «*Recipientes de osso e de calcário*») ou em parceria - principalmente com Eugénio Jalhay, e depois do falecimento deste em 1950, Maria de Lourdes Costa Arthur (por exemplo, «*Alguns objectos metálicos*», «*Perfis de bordos de vasos não ornamentados*» ou «*Sementes pré-históricas de linho*» - entre 1937 e 1967.

Nesta comunicação ao XXIII Congresso, Paço apresentou um estudo sobre os restos de um Forno¹⁸ para cozedura de cerâmica encontrado no Castro de Vila Nova de São Pedro em 1951¹⁹. Após análise da elaborada estrutura do forno, das peças encontradas e da provável forma de

¹⁸ Um dado curioso é o de que este forno não terá sido abandonado; antes, os elementos recolhidos (por exemplo, a existência no seu interior de vasos em diferentes fases de cozedura) indicam que terá sido destruído enquanto ainda estava operacional e em pleno funcionamento, sendo que o motivo para tal é desconhecido (Paço: 1956).

fabrico, este arqueólogo colocou em causa as teorias então em voga sobre a cozedura solar das cerâmicas naquele período - Calcolítico (Paço: 1956);

- «*Sementes incarbonizadas do Baleal (Peniche)*», por Afonso do Paço.

Após análise de restos de vasilhas de barro descobertas no Baleal e de peças de cerâmica encontrada na Ilha das Pombas (localizada em frente ao Baleal) recolhidas e entregues a Afonso do Paço pelo Dr. Hipólito Cabaço (1885-1970), ambos os arqueólogos chegaram à conclusão de que uns e outros pertenciam a grupos arqueológicos distintos.

Cabaço revelou ainda a recolha em 1953, no Baleal, de sementes²⁰ fossilizadas por incarbonização, que Paço se apressou a examinar, tendo elaborado o estudo que culminou nesta comunicação ao Congresso (Paço: 1956).

Hipólito Cabaço, natural de Alenquer, teve as suas primeiras experiências de arqueologia de campo primordialmente naquele concelho. Durante mais de 50 anos foram participou em múltiplas intervenções arqueológicas, tais como aquelas realizados nas décadas de 1920/30 no Castelo de Alenquer; na Ota (p. e. Quinta do Vale das Lajes e Quinta do Espírito Santo); Azambuja (Vila Nova da Rainha); Cabelo das Eiras (Pedra de Ouro); Paredes (tendo publicado no tomo 2, fasc. IV da revista de Arqueologia de 1935, em co-autoria com Eugénio Jalhay o artigo «*Estela Funerária de Alenquer*»); Moinho do Raposo (também com Jalhay, com quem publicou em 1944 o artigo «*A espada de bronze do Moinho do Raposo (Alenquer): Subsídio para o estudo da época do bronze em Portugal*» no Boletim de la Comission de Monumentos Historicos e Artisticos de Orense, nº 14); ou Povoado do Alto da Peça. Alenquer, de onde Cabaço é natural tem um museu arqueológico municipal com o nome deste arqueólogo (Raposo: 2017).

- «*Citânia de Sanfins - Alguns dos seus problemas*», por Afonso do Paço.

A exploração da Citânia de Sanfins teve início em 1944, em parceria com Eugénio Jalhay, sendo que, quando este pereceu, Paço terá continuado os trabalhos com a colaboração de outros arqueólogos, como Maria de Lourdes C. Arthur, até falecer em 1968 (Cardoso: DGPC).

Durante as férias grandes de 1956, ano do Congresso de Coimbra (1 a 5 de Junho) foi organizado pela Mocidade Portuguesa e dirigido por Afonso do Paço um campo de trabalho de Arqueologia neste sítio, podendo participar estudantes universitários portugueses e estrangeiros;

- «*Lapa da Bugalheira (Torres Novas)*», por Afonso do Paço, Maxime Vaultier - Maxime

¹⁹ 15ª campanha, com o contributo de Maria de Lourdes Costa Arthur.

²⁰ Foram encontradas sementes de trigo (de 3 tipos), cevada vestida (do mesmo tipo daquela anteriormente encontrada no silo de Silves), fava e chícharo bravo (Paço: 1956).

Carlos Maria António Vaultier, sócio/correspondente do Instituto a partir de 1957 (Ferreira: 2015, e Georges Zbyszewski (1909-1999).

Zbyszewski, filho de mãe russa e pai polaco, emigrou com a família para França na sequência da revolução bolchevique, tendo-se tornado cidadão francês. Veio para Portugal em 1935 para estudar o Quaternário por influência do seu mentor, o Prof. Jacques Bourcart (1891-1965). Realizou muitos trabalhos de campo, nomeadamente no litoral e nas regiões de Alpiarça e de Torres Novas. Publicou múltiplas obras, «*Les plages anciennes portugaises entre les Caps d'Espichel et Carvoeiro et leurs industries paléolithiques*» (em co-autoria com Maxime Vaultier e Henri Breuil), "A classificação do Paleolítico antigo e a cronologia do Quaternário de Portugal", "Le Quaternaire du Portugal", «*Contribution à l'étude du littoral quaternaire du Portugal*» ou "Contribuição para o estudo das indústrias paleolíticas de Portugal e sua relação com a Geologia do Quaternário" (Cardoso e Carvalho: 1999 e Teixeira: LNEG).

Esta comunicação versa sobre a descrição de peças encontradas na Lapa da Bugalheira, nomeadamente de cerâmica, ósseas ou líticas (Cardoso e Carvalho: 1999 e Teixeira: LNEG); - «*Espada de cobre do Pinhal dos Melos (Fornos de Algodres)*», por Afonso do Paço e Mário Eduardo Ferreira.

Esta peça não foi escavada por nenhum dos autores deste trabalho; antes foi descoberta por trabalhadores que reparavam um muro na Quinta dos Relvas, na região de Fornos de Algodres. Quando Mário Eduardo Ferreira estava nessa zona, ouviu falar na descoberta, e rapidamente adquiriu o artefacto.

Este trabalho consiste na análise detalhada da espada de cobre encontrada, começando pelas circunstâncias em que foi encontrada, passando depois à descrição física da mesma, seguindo-se um exame químico e um estudo comparativo (Paço e Ferreira: 1956);

- «*Nota acerca de algumas cerâmicas da estação eneolítica de Montes Claros (Monsanto)*», por Afonso do Paço e Maria de Lourdes Bártholo.

Este sítio arqueológico localiza-se no parque de Monsanto, Lisboa. Começou a ser escavado por Leonel Ribeiro (que descobriu o local), Afonso do Paço e Eugénio Jalhay. Este sítio continuou a ser explorado por Paço e Jalhay até à morte deste último em 1950. Paço prosseguiu depois as escavações com a valiosa colaboração de Maria L. Bártholo até 1964 (só voltaria a haver nova campanha em 1988), altura em que as escavações foram suspensas por ordem das autoridades administrativas (Cardoso e Carreira: 1995).

Este trabalho, «*Nota acerca de algumas cerâmicas da estação eneolítica de Montes Claros (Monsanto)*», tem como objecto o estudo das poucas, mas interessantes peças descobertas naquela campanha, com especial atenção às cerâmicas campaniformes (Paço e Bártholo, 1957).

- «*Estação paleolítica de Perre (Viana do Castelo)*», por Afonso do Paço e Aníbal do Paço Quesado (1931-2011).

Comunicação composta por 3 partes. «*Palavras prévias*», onde é feita uma resenha dos antecedentes da descoberta desta estação arqueológica; «*Novos achados de material*», acerca das descobertas levadas a cabo por Aníbal do Paço Quesado; e «*Materiais Recolhidos*» onde se faz a descrição das peças encontradas (Paço e Quesado: 1956);

- «*Considerações acerca de algumas cerâmicas dos castros de Perre e Nogueira (Viana do Castelo)*», por Afonso do Paço e Aníbal do Paço Quesado.

Este trabalho incide sobre o estudo das cerâmicas encontradas nos castros de Castelão, Vieito e de São Martinho. As cerâmicas foram divididas em 3 grupos; as cerâmicas castrejas, as cerâmicas acinzentadas e as cerâmicas negras de paredes finas (Paço e Quesado: 1956).

- «*Estação eneolítica de Parede (Cascais). Reconhecimento de 1955*». Por Afonso do Paço, Eduardo da Cunha Serrão (1906-1991) e Eduardo Prescott Vicente.

Trata-se de um trabalho dividido em 5 partes.

A primeira parte retrata o *panorama arqueológico do concelho de Cascais durante o Eneolítico*. A segunda parte descreve a descoberta desta estação arqueológica, descoberta essa que se deu em 1953 por intermédio de Eduardo da Cunha Serrão e Eduardo Prescott Vicente, e primeiras acções de reconhecimento (próximo da superfície) - Cunha Serrão e Prescott Vicente trabalharam juntos em muitas ocasiões, como por exemplo na estação da Parede, descoberta em 1953 (Serrão: 1983); o povoado de Olelas, ou a zona de Negrais/Sintra, nomeadamente os campos de lapiás e a «*sepultura do rei mouro*» (Serrão e Vicente: 1980).

Sem prejuízo de Cunha Serrão ter participado em escavações por todo o país (mormente no Sul), dedicou consideráveis esforços à investigação arqueológica do concelho de Sesimbra, como por exemplo na necrópole da Azóia, onde aplicou a técnica de quadriculagem do terreno conhecida como «*método Wheeler-Kenyon*» - utilizado pela primeira vez em Portugal na estação da Parede, acima indicada (Lemos: 1991 e Martins). Prescott Vicente participou, entre outras, na escavação (1973), em colaboração com Gil Miguéis Andrade, de uma importante sepultura pré-histórica localizada no Vale do Sorraia (Cardoso: 2005).

Na terceira parte são relatados os resultados da abertura de uma trincheira de reconhecimento (em 1955), que contou já com a presença de Afonso do Paço.

Infelizmente a área arqueológica presumivelmente mais promissora já tinha sido destruída para a edificação de um bairro residencial.

A quarta parte é dedicada ao comentário das peças encontradas. É feita uma divisão quadripartida entre as peças de cerâmica, o espólio lítico, as peças de osso e o espólio osteológico e malacológico.

A última parte é dedicada às considerações finais (Paço, Serrão e Vicente: 1955).

A missiva refere-se ainda à admissão da Condessa de Berlanga de Duero. Na lista de propostas de candidatura a sócios do Instituto de Coimbra no ano de 1957²¹, consta o nome da Condessa de Berlanga de Duero, Angeles Rubio Arguelles y Alessandri (1906-1984, historiadora, investigadora, escritora e dramaturga). Esta grande senhora da Cultura espanhola foi de facto elevada à dignidade de correspondente estrangeira nesse mesmo ano.

Situação semelhante viveu Maxime Vaultier (nascido em 1898), tinha dupla nacionalidade francesa e portuguesa), proposto para sócio e aceite como tal em 1957.

Vaultier trabalhou, também indicado na carta, várias vezes com Afonso do Paço, nomeadamente na Lapa da Bugalheira (em Torres Novas), na gruta de Porto Covo (Alcabideche/Cascais) e na Estação Eneolítica do Estoril.

Foi co-autor, com o abade Henri Breuil (1877-1961) e Georges Zbyszewski da obra «*Les plages anciennes portugaises entre les Caps d'Espichel et Carvoeiro et leurs industries paléolithiques*».

Morreu em 1969.

António Mesquita de Figueiredo

António Mesquita de Figueiredo nasceu no dia 31 de Março de 1880. Embora os seus pais, Joaquim Maria de Figueiredo (farmacêutico) e Maria Liberata Mesquita tivessem nascido no concelho da Figueira da Foz, António era natural de Lisboa.

Aos 18 de Junho de 1905 formou-se em Direito na Universidade de Coimbra com a nota de 15 valores.

Para além dos cargos que exerceu no âmbito da sua licenciatura, tais como advogado e sub-delegado do procurador, Mesquita de Figueiredo foi também professor de inglês e alemão no Liceu Central de Coimbra (cargo interino), bibliotecário, conservador da Torre do Tombo e vogal do então existente Conselho Superior dos Monumentos Nacionais.

²¹ Disponível on-line nos arquivos da Universidade de Coimbra em <http://www.pesquisa.auc.uc.pt/details?id=169045&ht=santa>

Foi ainda um dedicado arqueólogo. Nesse âmbito participou em vários encontros científicos, tais como os Congressos Internacionais de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas de Paris (1900), Mónaco (1906) e Coimbra/Porto (1930 – aqui na qualidade de representante da Sociedade de Geografia de Lisboa), o IV Congresso Internacional de Arqueologia, em Barcelona (1929), ou o Congresso Internacional de Ciências Pré e Proto-Históricas, em Londres (1932) (Figueiredo: 1915).

Fez também parte de sociedades científicas como do Instituto de Coimbra (Ferreira: 2015), do qual foi sócio e correspondente desde 1913, da Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz²², do Instituto de Geografia de Lisboa (onde desempenhou diversos cargos), da Societé de Correspondance Hispanique, ou do Institut International d'Anthropologie (Figueiredo: 1935). Publicou vários trabalhos, sendo que no campo da Arqueologia podemos indicar «*Vestígios archeologicos de Pombal*» (Arqueólogo Português: 1897), «*Contribuições para a História da pesca, em Portugal na epoca lusitano-romana*», «*Anzóis e outros objectos de pesca, achados no Algarve*» - O Archeologo Português, «*Monumentos Romanos de Portugal*» - revista Revue Archéologique, Paris: 1913, «*Descobertas Arqueológicas de Lisboa*» - Gazeta de Coimbra: 1914, «*Descobrimientos arqueológicos: I Estação arcaica na Damaia; II Estação Paleolítica da Batalha*», ou «*Notas sobre duas estações paleolíticas*» - Revista de Guimarães: 1922 (Figueiredo: 1935 e Oleiro: 1953/4).

Morreu a 06/07/1954, deixando como legado extensa obra (Oleiro: 1953/4 e Figueiredo: 1935).

Documento nº 1 carta manuscrita

12 de Março de 1931

Meu excelentíssimo amigo e Senhor Doutor Joaquim de Carvalho

Venho pedir a V.Exa. o favor de me dizer que títulos são necessários e a que condições precisas para tomar parte no Congresso da Associação Hespanhola para o avanço das sciências de que V^Ecia é muito ilustre e digno Secretário.

Por esta forma me confesso sinceramente agradecido.

De V. Exa. Muito Atento Vosso e Obrigado,

²² De curta existência: fundada em 1898, foi extinta em 1910, pouco depois da morte do seu maior dinamizador, António dos Santos Rocha. Na verdade, a partir de 1903 esta sociedade passa a denominar-se «Sociedade Arqueológica Santos Rocha». www.cm-figfoz.pt

António Mesquita de Figueiredo (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Mesquita de Figueiredo tornou-se sócio/correspondente do Instituto de Coimbra no ano de 1913.

A carta foi enviada para o endereço do Instituto de Coimbra ao cuidado de Joaquim de Carvalho, na altura secretário-geral da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências – vide comentário ao documento nº 1 de Afonso do Paço.

O «Congresso da Associação Hespanhola» mencionado nesta carta de Mesquita de Figueiredo é na verdade o Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências, que depois de sucessivos adiamentos, teve lugar entre os dias 15 e 21 de Maio de 1932.

No entanto o nome de Mesquita de Figueiredo não figura na lista de trabalhos anunciados, pelo que somos de supor que não apresentou qualquer comunicação naquele congresso.

De qualquer forma, Mesquita de Figueiredo foi autor de obras como «*Contribuições para a história da pesca em Portugal, na época lusitano-romana*», «*Anzóis e outros objectos de pesca, achados no Algarve*», «*Ruines d'antiques établissements à salaisons sur le litoral sud du Portugal*», «*Monuments Romains du Portugal*» (Oleiro: 1953/4), «*Nota sobre duas estações paleolíticas*» (Figueiredo: 1922); «*Movimento arqueológico em Espanha*» (Figueiredo: 1916); ou «*A caverna dos Alqueves: aros de Coimbra*» (DGPC: 2007).

Documento nº 2 – carta manuscrita

22 de Março de 1931

Meu excelentíssimo amigo e Sr Doutor:

*Agradeço penhorado(?) o prezado postal de Ve^{cia} de 14 do corrente em resposta à minha carta. Junto remeto a VE^{cia} 20 escudos, e duas fotos: se não houver impedimento da parte dos meus «*luvatis minugis*» peço a VE^{cia} o favor de me inscrever Associação Portuguesa para o avanço das Ciências. Se fôr preciso o certificado de registo criminal, na alma dos meus(?) tudo se arranja com facilidade. Nunca dirigi o Museu Etnológico de Belém, nem lá fui funcionário (a inveja é que me faz falar!...), o (.....) que possuo ganhei-o e herdei-o...*

Renovo os meus maiores agradecimentos e os protestos da minha muita admiração.

De VE^{cia}

Atento Vosso criado e Obrigado

António Mesquita de Figueiredo (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: No programa do Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências de 1932 não consta o nome de António Mesquita de Figueiredo, pelo que se presume que o mesmo não terá apresentado qualquer comunicação, desconhecendo-se o motivo para tal.

A segunda parte da missiva parece revelar alguma amargura fruto de um conflito antigo entre o próprio e Leite de Vasconcelos.

Ora, o Museu Etnológico Português (actual Museu Nacional de Arqueologia) foi criado pelo ministro Bernardino Machado através do Decreto do Governo nº 290 de 20 de Dezembro de 1893 (publicado no dia 22/12).

Leite de Vasconcelos, que foi desde logo nomeado director deste museu, exultou com a sua criação, pois «*Um povo que ignora a sua história, e os elementos de toda a ordem que o constituem, não pode ter ideal. E um povo sem ideal é como se estivesse morto. (...) Um museu, pois, ethnographico, ainda que para mais não sirva, serve para educar o público, levando-o a conhecer e a amar a pátria.*» (Vasconcelos: 1984, p. 2).

O museu foi criado com 2 secções; da pré-história ao século XVIII e moderna.

É importante mencionar que o decreto governamental apenas conferiu existência legal ao museu; toda a organização, espólio e catalogação ficou a cargo de Leite de Vasconcelos - pelo que julgamos ser justo afirmar que foi este homem quem de facto criou o museu. Talvez por esse motivo, a polémica que estalou em 1911 o tenha afectado particularmente.

Na sessão nocturna da Câmara dos Deputados de 26 de Dezembro de 1911 o deputado Eduardo de Almeida fez uma acusação acerca de uma verba saída do orçamento de estado atribuída a Vasconcelos enquanto director do Museu de Etnologia, que o político considerava ilegal.

Quando o arqueólogo teve conhecimento da acusação (à data dos factos encontrava-se ausente) defendeu-se afirmando que criou o museu do nada, e que durante os 4 primeiros anos não recebeu qualquer salário como director, e que só passou a ser remunerado quando, por falta de tempo, teve que se despedir do seu emprego como professor para se dedicar a tempo inteiro ao museu.

Informou ainda que desde o decreto de 23/12 de 1899 a sua remuneração foi sempre legal e conforme ao cabimento orçamental do Estado.

Leite de Vasconcelos passou então ao ataque e acusou o deputado em causa de ter sido instrumentalizado por Mesquita de Figueiredo, de quem tinha sido amigo em tempos, mas que se tornou seu inimigo, alegadamente por questões relacionadas com a tentativa de venda de

espólio arqueológico (que Vasconcelos rejeitou por considerar caro) e com a recusa de Vasconcelos contratar Mesquita de Figueiredo para um cargo no museu.

Entretanto Silvestre Falcão e Angelo da Fonseca, respectivamente Ministro do Interior e Director Geral da Instrução Pública fizeram a defesa da honra de Vasconcelos, o que levou ao apaziguamento temporário da questão.

No entanto no ano seguinte (1912) as acusações do mesmo deputado subiram de tom, tendo José Leite de Vasconcelos solicitado uma sindicancia durante a qual se afastou da direcção do museu.

Vasconcelos escreveu o panfleto *«Defensão do Museu Etnológico Português contra arguições que um sr. deputado lhe fez no parlamento»*.

Aqui faz a defesa das 9 acusações que lhe são imputadas enquanto director/gestor do museu acusa directamente Mesquita de Figueiredo de estar na *«origem de toda a presente trama»* (Vasconcelos: 1913, p. 20). Para tal revelou excertos de cartas enviadas por Mesquita de Figueiredo, pretendendo com isso demonstrar uma suposta baixeza moral daquele.

Acusou ainda Mesquita de Figueiredo de o difamar nos jornais, em conluio com ex-funcionários do museu e 2 redactores de jornal (que afirmava nem conhecer).

Para Vasconcelos o deputado que promoveu as acusações que lhe foram imputadas, foi instigado por Mesquita de Figueiredo.

A reacção de Mesquita de Figueiredo não se fez esperar, e publicou também ele um panfleto; *«Museu Etnológico Português. Contestação e Réplica ao folheto intitulado «Defensão do Museu Etnológico Português contra as arguições que um sr. deputado lhe fez no parlamento»*», escrito com alguns termos reveladores de exaltação.

Aqui Mesquita de Figueiredo descreve Vasconcelos como um homem beneficiado pela *«oligarquia»* e um *«energúmeno»* e refuta as acusações de ter influenciado o deputado: *«O asqueroso sujeito mostra bem a sua alma gafada e toda a baixeza do seu imundo character: querendo defender-se só pensa em me atacar o que manifesta com eloquencia a vileza dos seus processos e os debeis elementos de que dispõe para a sua pretença justificação»*.

Mesquita de Figueiredo afirma que os vários excertos de cartas que Vasconcelos apresentou foram retiradas do contexto, ou são simplesmente falsas, e apresenta os seus próprios excertos das cartas enviadas por Vasconcelos.

No fim, disserta sobre a veracidade das acusações que foram imputadas a Vasconcelos.

Ambos os arqueólogos se acusaram mutuamente de ingratidão e de possuírem um carácter de índole duvidosa.

Tratou-se, enfim, de um episódio lamentável que assumiu contornos bastante graves e que definiu a relação entre estes dois grandes vultos da arqueologia até ao fim das suas vidas.

Eugénio Jalhay

Eugénio Jalhay foi um padre jesuíta que nasceu em Lisboa no ano de 1891 (13/07). Os seus pais foram Emile Auguste Jalhay, cidadão belga radicado em Portugal, e Adelaide da Ascensão Rogeiro Montez (Moita: 1951).

A par das suas funções religiosas, Jalhay tinha uma grande paixão: a arqueologia. Essa paixão terá despertado muito cedo. De facto, o Prof. Dr. João Luís Cardoso indica-nos que ainda na tenra idade de 14 anos, enquanto estudante do Seminário, Jalhay fez parte da exploração do «*tholos*» do Barro (próximo do seminário jesuítico, na região de Torres Vedras), onde teve a oportunidade de conhecer pessoalmente Leite de Vasconcelos e Félix Alves Pereira (http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/recursos/bibliotecas_e_arquivos/biografias/biografiaeugeniojalhaycompleta.pdf).

Dado o forte pendor anti-clerical do novo regime republicano, Jalhay foi obrigado a abandonar o País depois da sua implantação em 1910, regressando apenas em 1927, depois do golpe militar de 28 de Maio do ano anterior (Vide sítio da DGPC indicado no parágrafo anterior).

Em 1910 partiu para Tortosa, em Espanha, indo depois para a Bélgica e Inglaterra.

Em 1916 voltou a Espanha onde ficou por pouco tempo em Los Placeres (Galiza), indo depois para La Guardia (País Basco) e Oña (Burgos), antes de se fixar na Galiza à beira-Minho até ao seu regresso a Portugal, prosseguindo no país vizinho a sua vocação arqueológica a par da sua vocação religiosa (Moita: 1951).

Durante a sua permanência em Espanha terá travado conhecimento com vários arqueólogos espanhóis (entre os quais Hugo Obermaier – alemão, naturalizado espanhol em 1924, ou Ricardo Duque de Estrada – Conde de la Vega del Sella) e iniciado a sua colaboração com várias revistas espanholas da especialidade (desde cedo escreveu também para revistas nacionais, como a da Associação dos Arqueólogos Portugueses ou a «Brotéria – Revista de Ciencias Naturales»²³), bem como a sua participação em congressos e outros encontros. Participou ainda em vários trabalhos na Galiza. Segundo Garcia, Jalhay realizou importantes descobertas no âmbito do asturiense galego²⁴ (Garcia:1951).

²³ Revista fundada em 1902 pela ordem dos jesuítas, em honra do Botânico Félix da Silva Brotero (1744-1828).

²⁴ *Su estancia en Galicia le había permitido realizar importantes descubrimientos en el campo del asturiense galego* (Pericot, 1950).

Os seus trabalhos permitiram demonstrar que a indústria asturiense, defendida por Obermaier, Breuil e Cartailhac, e comprovada por Vega del Sella na Cantábria, se espalhava também pela Galiza e Norte de Portugal - p.e. estações arqueológicas de La Guardia, Ponta dos Bicos, Carreço ou Afife (Moita: 1951).

Foi ainda responsável pelas importantes explorações de Vila Nova de São Pedro (povoação calcolítica fortificada), da citânia de Sanfins, da Gruta II da Alapraia, do povoado pré-histórico de Montes Claros, e várias outras. Muitas destas escavações foram feitas com o apoio inabalável de Afonso do Paço, que conheceu em 1928 (Garcia: 1951, Moita: 1951 e DGPC). Em 1928 foi nomeado vice-presidente de Secção de pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, tendo sido conduzido ao cargo de 1º vice-presidente desta associação no ano de 1944.

A partir de 1938 foi também vogal da Junta Nacional de Educação (DGPC).

Morreu subitamente vítima de congestão no dia 25 de Novembro de 1950.

O seu legado científico é sobejamente conhecido e respeitado, motivo pelo qual julgamos importante exaltar também as suas qualidades humanas: cordialidade, lealdade, amizade, educação e cavalheirismo (Garcia: 1951 e Moita:1951).

Documento nº 1 – carta manuscrita

Rua Maestro António Taborda, 14

Lisboa, 12 de Março de 1931

Ex^{mo}. Sr.

Tendo assistido ao Congresso de Barcelona (1929) como membro da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, e desejando na mesma qualidade tomar parte no próximo Congresso de Lisboa, venho solicitar de V. Ex^{cia}. a minha inscrição no dito Congresso.

Por indicação do Ex^{mo}. Sr. Dr. A. A. Mendes Corrêa envio a V. Ex^{cia}. a importância de 20\$00 afim de satisfazer a quota dêstes últimos dois anos, e duas fotografias. Se estas não servirem, e se for necessário satisfazer mais alguma coisa, rogo a V. Ex^{cia} o obséquio de me comunicar.

Tenho intenção de apresentar um trabalho, possivelmente acompanhado de projecções, sobre pré-história, na secção correspondente. Terá por título: Novas descobertas de arte rupestre no Sul da Galiza e Norte de Portugal.

Com a maior consideração me subscrevo, de V. Ex^{cia}.

Criado Muito Atento e Obrigado

Eugénio Jalhay (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Jalhay assistiu ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências que teve lugar em Barcelona em 1929, tendo apresentado a comunicação «Algumas notas sobre o Asturiense da Galiza» (revista «O Instituto, nº 83).

O pagamento das quotas não se refere ao Instituto de Coimbra, mas sim à Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, da qual o Prof. Dr. Mendes Corrêa (vide comentário ao documento nº 1 de Afonso do Paço) era vice-presidente.

Jalhay manifesta a sua intenção de apresentar uma comunicação denominada «*Novas descobertas de arte rupestre no Sul da Galiza e Norte de Portugal*», mas como adiante veremos, esta apresentação foi substituída por outra.

Documento nº 2 – bilhete postal

Ex^{mo} Sr.

Secretário da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências

Universidade Coimbra

Seminário

Santarém, 25 de Abril de 1931

Ex^{mo} Sr.

Perguntam-me vários cientistas espanhóis se haverá ou não o anunciado Congresso Luso-Espanhol de Ciências de 3 a 10 de Maio próximo.

Muito agradecido ficaria a V. Ex^{cia}. se me tivesse a bondade de mocomunicar para êste Seminário de Santarém e se para o abatimento de 50% nos combóios, em caso de se realizar o Congresso, bastará apresentar o bilhete de sócio da Associação Portuguesa (ou espanhola) ou se é preciso algum bilhete especial de congressista.

Com os meus agradecimentos antecipados peço a V. Ex^{cia} me creia de V. Ex^{cia}

Muito Atento Venerador e Obrigado

Eugénio Jalhay (assinatura) (congressista)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Este bilhete postal sugere a existência de alguns percalços na organização do Congresso de Lisboa das associações portuguesa e espanhola para o progresso das ciências, pois denuncia a existência de dúvidas quanto à realização do mesmo.

Aliás, o congresso não teve lugar entre os dias 3 e 10 de Maio de 1931, pois sabemos que este encontro só se realizou em 1932, de 15 a 21 de Maio.

Constatamos ainda que na frente do bilhete postal podemos ler a nota «*adiado sine die*» (vide fig. 22).

Documento nº 3 – carta manuscrita

Rua Maestro António Taborda, 14

Lisboa, 17 de Agosto de 1931

Ex^{mo} Sr.

Inscrito como estava para o Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola para o progresso das Ciências, tenciono tomar parte nele em Outubro na secção de Ciências Históricas com a seguinte comunicação: - Os instrumentos de tipo asturiense e o concheiro da estação galega de «Ponta dos picos» (foz do Minho).

Fica portanto sem efeito a comunicação sôbre arte rupestre que tinha anunciado para Maio, se o Congresso então se reunisse. Peço pois a V. Ex^{cia}. o obséquo de a mandar substituir na lista das comunicações pela que hoje remeto a V. Ex^{cia}.

Se por motivo da transferência do Congresso para Outubro é necessária nova inscrição ou qualquer outra formalidade, peço a V. Ex^{cia}. o favor de mo comunicar.

Sou com muita consideração De V. Ex. Muito Atento Venerador e Obrigado

Eugénio Jalhay (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Novamente, graças à correspondência enviada ao Instituto de Coimbra ficamos a saber que o congresso previsto para 3 a 10 de Maio de 1931 foi adiado para o mês de Outubro desse ano.

Eugénio Jalhay solicita que seja considerada a substituição da comunicação a apresentar Assim, pretende apresentar um trabalho intitulado «*Os instrumentos de tipo asturiense e o concheiro da estação galega de «Ponta dos picos».*

Ora, o congresso seria novamente adiado, pelo que, quando o congresso se realizou efectivamente, Jalhay apresentou outra comunicação - indicada na próxima carta.

Documento nº 4 – carta manuscrita

Rua Maestro António Taborda, 14

Lisboa, 21 de Abril de 1932

Ex^{mo}. Sr.

Vejo nos jornais que sempre se realiza o Congresso Luso-Espanhol de Ciências em Lisboa, no qual me encontro inscrito como membro da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Desejo tomar parte nele, apresentando uma pequena comunicação de assunto pré-histórico.

Com os repetidos adiamentos, vejo-me forçado a tomar outra matéria algum tanto diferente da que tinha escolhido o ano passado. O título, pois, do meu trabalho será o seguinte: «A utilização das lascas na indústria do tipo asturiense do sul da Galiza e norte de Portugal». Em Março do ano passado enviou-me V. Ex^{cia}. o recibo correspondente ao pagamento das quotas de 1929 e 1930 (20\$00). Estou pois em débito das quotas de 1931 e do presente ano de 1932, cuja quantia tomo a liberdade de remeter com esta a V. Ex^{cia}. Se mais alguma coisa tenho de dispendar para o Congresso, queira V. Ex^{cia}. ter a bondade de me comunicar. Com a maior consideração me subscrevo de V. Ex^{cia}.

Criado Muito Atento e Obrigado

Eugénio Jalhay (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Desta vez não houve mais adiamentos e o evento teve lugar entre 15 e 21 de Maio de 1932.

O trabalho indicado na carta, «A utilização das lascas na indústria do tipo asturiense do sul da Galiza e norte de Portugal», faz parte do programa do Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola que teve lugar em Lisboa no ano de 1932, na secção IV dedicada às Ciências Naturais.

Infelizmente este trabalho não consta da bibliografia de Jalhay.

É também de lamentar que apesar de as actas e os trabalhos apresentados neste congresso terem sido publicadas em 3 volumes, os mesmos não foram localizados apesar dos esforços levados a cabo nesse sentido nesse sentido, pelo que somos de considerar a hipótese de tais registos já não existirem em Portugal.

José de Pinho

José Custódio de Pinho nasceu em Amarante no ano de 1873.

Para além de arqueólogo, foi etnólogo (sócio da Sociedade portuguesa de Antropologia e Etnologia), professor (no liceu de Amarante), escritor e publicista.

Na arqueologia podemos destacar o seu trabalho no sítio arqueológico do Mòsinho, publicado em 1931 na revista «Pena Fidelis»; e estudos como «*A cidade de Eja*», (Pinho: 1929), ou «*A ara de Marecos*» (Pinho: 1928).

Apresentou no XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica (Paris, 1931) a comunicação «*Le grand échiquier dans l'art préhistorique portugais*»²⁵.

Realizou estudos sobre a sua terra natal, como por exemplo «*A expansão da cultura megalítica no concelho de Amarante (subsídios para a história do povo amarantino)*», apresentado à Sociedade portuguesa de Antropologia e Etnologia em 1926.

Tornou-se sócio correspondente do Instituto em 1929 (Ferreira, 2015).

Faleceu na cidade do Porto em 1939, tendo mais tarde sido atribuído o seu nome a uma rua de Amarante como reconhecimento e homenagem àquele célebre amarantino (Pinho: 1928; Pinho: 1929 e Correia: 1939).

Documento nº 1 – carta manuscrita

15-8-930

Ex^{mo}. Sr.

Acuso a recepção do diploma e dos 4 números do «Instituto» e remeto junto a importância pedida.

Com os mais respeitosos cumprimentos, sou De V. Exa. Atento Venerador e Obrigado

José de Pinho (assinatura)

²⁵ Nesta comunicação, José de Pinho apresentou vários temas, começando por defender que é no norte do país que se encontra a maior concentração de monumentos rupestres, escasseando à medida que se avança para Sul, sendo inexistentes na margem esquerda do Sado, deduzindo por isso que estamos perante povos culturalmente distintos. Analisa depois o quadrilátero encontrado amiúde na arte rupestre, concluindo que tal é ou pretende representar ídolos. Seguidamente discorre sobre o «axadrezado pintado» encontrado na mamoa de Antelas. Por fim, define uma relação entre pinturas e gravuras rupestres, situando o seu início no neolítico final.

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Para além de subscritor da revista oficial do Instituto de Coimbra, José de Pinho foi sócio correspondente daquela academia desde 1929 (Ferreira: 2015).

Documento nº 2 – carta manuscrita

Amarante, 21 de Abril de 1932

Ex^{mo}. Senhor e meu ilustre consócio

Desejando tomar parte no congresso luso-hespanhol que no próximo mês de maio se vai realizar em Lisboa vinha pedir a V. Ex^{ta}. o obséquio de me inscrever, dando-me a esse respeito, se possível lhe fosse, as precisas instruções.

E, para regularização dos trabalhos, desde já posso informar V. Ex^{ta} que tinha vontade de apresentar ao congresso as seguintes comunicações: «O problema das sepulturas antropomorfas ao norte do Douro». «Algumas considerações sobre necrópoles calaico-romanas». «Pontos de ligação entre pinturas e gravuras do rupestre português».

E, agradecendo desde já, Creia-me V.Ex^{ta}. Com a maior consideração

Atento Admirador Muito Agradecido

José de Pinho (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Das 3 comunicações que José de Pinho pretendia apresentar no congresso luso-espanhol de 1932, o arqueólogo apenas apresentou 2²⁶: «*Algumas considerações sobre necrópoles calaico-romanas*» e «*Pontos de ligação entre pinturas e gravuras do rupestre português*», ficando de fora «*O problema das sepulturas antropomorfas ao norte do Douro*».

Todavia, estes trabalhos não fazem parte da bibliografia de José de Pinho e os 3 volumes publicados pela Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências com os trabalhos apresentados pelos palestrantes portugueses no congresso de 1932 não foram encontrados, desconhecendo-se se os mesmos ainda existem em Portugal.

²⁶ Conforme podemos confirmar no programa do Congresso de 1932

Documento nº 3 – carta manuscrita

Amarante, 26 de Abril de 1932

Ex^{mo}. Sr.

Recebi o postal de V. Ex^{ta}. Que muito agradeço e junto envio um vale da importância da inscrição.

As fotografias só as posso remeter no fim da semana.

V. Ex^{ta}. muito me obsequiava se me pudesse enviar as instruções que deve haver referentes ao congresso que vai realizar-se em Lisboa.

Creia-me V. Ex^{ta}. Com a maior consideração

Atento Venerador e Obrigado

José de Pinho (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Neste congresso, Pinho apresentou as comunicações e «Pontos de ligação entre pinturas e gravuras do rupestre português» e «Algumas considerações sobre necrópoles calaico-romanas».

Conforme foi explicado na nota da carta nº 2 de José de Pinho, não foi possível aceder às comunicações acima indicadas; no entanto julgamos conveniente comentar o trabalho publicado por este arqueólogo no ano anterior (1931) na revista «Pena-Fidelis» dedicado à necrópole calaico-romana do Mosinho²⁷.

Assim, com o estudo «A necrópole calaico-romana do Mòzinho», José de Pinho procura lançar alguma luz sobre as raízes das gentes de Penafiel, bem como da origem do nome daquela cidade.

Para tal destaca a importância da preservação do património histórico e arqueológico daquele concelho (Pinho fala-nos num *constante desbarato*), para que se possam estudar e analisar os vestígios do passado, tais como documentos, monumentos, ou artefactos dos mais variados tipos.

²⁷ José de Pinho assinou este artigo indicando a sua condição de membro do Instituto de Coimbra.

O autor denuncia ainda a continuada onda destruição dos vestígios arqueológicos do Mozinho: «(...) os bárbaros do século vinte estão a dar cabo dos restos que deixaram os bárbaros da Idade Média...».

Pinho estudou a necrópole dolménica do monte Mozinho, bem como as antigas povoações circundantes, tais como o castro de Santo Estevão de Oldrões, o castro de Abojefa, a cidade de Eja, ou o monte da Penha, sendo a mais extensa a cidade do Mozinho.

O autor diz-nos que o desaparecimento da cultura megalítica coincide em alguns locais com o aparecimento da cultura castreja, mas a falta de elementos de estudo dificulta a compreensão da sua evolução, motivo pelo qual nos devemos socorrer da documentação do período romano.

Pinho questiona-se então acerca do motivo que teria levado ao abandono do Mozinho, afirmando que apenas uma exploração científica poderia dar uma resposta a essa questão, mencionando novamente a destruição das ruínas, apontando desta vez o dedo aos ignorantes que fazem escavações rituais à procura de míticos tesouros, de acordo com os preceitos do livro de São Cipriano (Pinho refere-se a estes como «a praga daninha dos Sanciprianistas»).

Apesar de tudo, ainda foi possível reunir algum espólio graças a homens como o padre José Monteiro de Aguiar e Lacerda Aguiar, espólio esse objecto de estudo neste trabalho.

Com base no estudo desse espólio e das estruturas encontrada, José de Pinho chegou a algumas conclusões:

- Que aquela necrópole estaria relacionada com os povoados castrejos permanentes;
- Que o Mozinho foi plenamente romanizado;
- Que a necrópole e a cidade do Mozinho eram servidas por uma via romana bastante movimentada;
- Que a condição socio-económica dos seus habitantes não era homogénea;
- Que pelo menos uma parte da população era culta;
- Que esta seria provavelmente a povoação mais importante, a seguir a Bracara Augusta, na região de Entre-Douro-e-Minho;
- Que se pode estabelecer uma ligação entre a cidade do Mozinho e a freguesia de Galegos, sendo assim possível que o Mozinho corresponda à cidade chamada *Gallaeci* pelo historiador romano Plínio;
- Que a cidade *Gallaeci* devia ser a capital do povo conhecido por «galegos»;
- Que a região era vasta: limitada a Sul pelo rio Douro, a Norte pela região dos bracaros e a Oeste estendia-se até ao mar;
- Que o *oppidum* de *Gallaeci*/Mozinho ocupava a maior parte do actual concelho de Penafiel.

Pelo exposto, Pinho exorta a população penafidelense a acarinhar e proteger aquelas ruínas e o espólio que encerram (Pinho: 1931).

José Leite de Vasconcelos

José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de Melo, ou apenas Leite de Vasconcelos – nome por que ficará mais conhecido na posteridade, nasceu a 7 de Julho de 1858 na pequena aldeia de Ucanha (distrito de Viseu), tendo por progenitores José Leite Cardoso Pereira de Melo e D. Maria Henriqueta Leite de Vasconcelos (Sigarra/U. do Porto: 2011).

Embora fosse de famílias fidalgas, tratava-se de aristocracia empobrecida (*Leite era tão fidalgo como pobre* - Orlando Ribeiro; 1984), pelo que cedo começou a trabalhar para ajudar a família, mormente a sua adorada mãe. Cedo também floresceu o seu amor pela Etnografia e pela História (<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/recursos/arquivos-dgpc/arquivo-historico-do-museu-nacional-de-arqueologia/>). Trabalhou no Porto enquanto completava o liceu, tendo-se formado em Medicina na Escola Médico-Cirúrgica daquela cidade no ano de 1886. O corolário do seu brilhante percurso académico foi a atribuição (após a defesa da tese *A Evolução da Linguagem*) do «Prémio Visconde Macedo Pinto», atribuído ao aluno finalista com melhor nota final (Sigarra/U. Porto: 2011). Até lá, já tinha escrito as obras: *Tradições Populares Portuguesas* (1882), *O Dialecto Mirandez* (1882) e *Portugal Pré-Histórico* (1885)

(<http://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=301>). De imediato tomou posse como subdelegado de saúde do Cadaval, cargo que ocupou apenas durante alguns meses, pois em Fevereiro de 1888 foi nomeado conservador da Biblioteca de Lisboa, onde também deu aulas de numismática (Fabião: 2008). Em 1911 foi-lhe oferecido o cargo de professor na Faculdade de Letras de Lisboa (<http://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=301>) - 10 anos antes obteve o doutoramento em Filologia pela Universidade de Paris, período durante o qual terá cultivado relações com personalidades internacionais, sendo que o ensino não era algo novo para si, uma vez que durante o período em que foi conservador da Biblioteca Nacional -1887-1911 assumiu a docência das disciplinas de Numismática e Filologia Portuguesa. Na universidade foi professor de Filologia Clássica, Arqueologia, Numismática e Epigrafia. Com o apoio de Bernardino Machado, fundou em 1893 o Museu Etnográfico Português (em 1897 passou a designar-se «Museu Etnológico, e actualmente denomina-se «Museu Nacional de Arqueologia») do qual foi director. Este museu reuniu inicialmente os espólios de Estácio da Veiga e do próprio Leite de Vasconcelos (Fabião; 2008). Em 1895 fundou a prestigiada revista periódica do museu «O

Arqueólogo Português». Igualmente, criou e dirigiu a «Revista Lusitana», editada entre 1887 e 1943 (<http://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=301>)

Em 1929 foi forçado a reformar-se por ter atingido o limite da idade, sendo por isso obrigado a abandonar a docência universitária e o cargo de director do «seu» museu (continuou, contudo, a ser director honorário). Nessa altura o Museu Etnológico passou a denominar-se «Museu Leite de Vasconcelos», em sua honra (Fabião: 2008).

Homem viajado, participou em inúmeras escavações arqueológicas, trabalhou com diversos vultos nacionais e estrangeiros, e tem extensa bibliografia publicada (p.e. *Portugal pré-histórico* – 1885 («O Instituto», vol. 83), *Religiões da Lusitania* - (1897-1913), *Textos Archaicos* – 1903, *Lições de Philologia Portuguesa* – 1911, *História do Museu Etnológico Português* - 1915, *Objectos paleolíticos de Casal do Monte* – 1915 («O Instituto», vol. 83), *Arqueologia liceense* – 1917 («O Instituto», vol. 83), *Objectos paleolíticos de Arronches remetidos ao Museu Etnológico pelo Sr. P.º H. Breuil* – 1920 , («O Instituto», vol. 83) *Antroponímia Portuguesa* – 1928, *Opúsculos* – 1928-1938, ou *Etnografia Portuguesa* – 1933).

Durante a sua vida recebeu várias distinções, como a Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada, Legião de Honra, ou a cruz da Ordem da Instrução Pública e Benemerência.

Foi sócio do Instituto de Coimbra (desde 1899, e sócio honorário em 1924), fez parte da Academia das Ciências, foi presidente de Honra da Associação dos Arqueólogos Portugueses e foi presidente do Museu da Academia das Ciências de Lisboa durante 20 anos (até 1933), para além de outras honras, como a de ter presidido à secção de Arqueologia Pré-Histórica (1ª secção) do Congresso de Arqueologia do Cairo, em 1909.

Figura incontornável da Arqueologia, Etnologia e Filologia, Leite de Vasconcelos faleceu no dia 17/05/1941 com 82 anos, deixando-nos um vasto legado de grande valor cultural e científico (<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/recursos/arquivos-dgpc/arquivo-historico-do-museu-nacional-de-arqueologia/>).

Documento único – bilhete postal

08/04/1932

Ex^{mo} Sr D^r Joaquim de Carvalho

Imprensa da universidade de Coimbra

Ex^{mo} amigo e Colega,

Só agora soube do Congresso Luso-Hespanhol. Desejava inscrever-me como Director honorário do Museu Etnológico (porem não ponha Museu Etnológico do Dr. Fulano), e como autor duma memória(?) acerca da situação da cidade lusitana de Ammaia. Desejo a sua saude e sou amigo sempre grato.

Leite de Vasconcellos (assinatura).

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Quando em 1929 Leite de Vasconcelos atingiu a idade limite para o exercício de cargos públicos, foi obrigado a abandonar a docência e a direcção do Museu Etnológico. No entanto, pelo trabalho desenvolvido nos seus longos anos de serviço, foi-lhe concedida a honra de ser nomeado director honorário e de ser atribuído o seu nome ao Museu Etnológico, que passou a chamar-se «Museu Leite de Vasconcelos».

Nesta missiva, Leite de Vasconcelos manifesta o seu interesse em ser inscrito no Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências de 1932 na qualidade de Director honorário do Museu Etnológico. O facto de solicitar: «*porem não ponha Museu Etnológico do Dr. Fulano*», parece indicar algum recato.

Propôs-se apresentar uma comunicação sobre a cidade lusitana de Ammaia, mas o seu nome não consta na lista de oradores daquele congresso, quiçá por causa do envio tardio da sua carta (o próprio Vasconcelos confessa que só naquela altura teve conhecimento da realização do certame²⁸) - o selo dos correios indica a data de 11 de Maio de 1932, e o Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências teve início 4 dias depois, entre os dias 15 e 21.

Julgamos, no entanto, importante deixar aqui uma pequena nota sobre a cidade de Ammaia e a importância do trabalho realizado por Leite de Vasconcelos, que culminou com a apresentação das suas conclusões no ano de 1935, trabalho esse publicado no volume I da revista «Ethnos»²⁹, dirigida pelo próprio Leite de Vasconcelos.

Ora, durante séculos a localização da cidade de Ammaia, mencionada em escritos da antiguidade de origem grega e romana foi um mistério.

No início do seu trabalho, Leite de Vasconcelos começa por nos explicar a dificuldade em

²⁸ Tal desconhecimento pode-se dever ao facto de o congresso se dever ter realizado originalmente em Maio de 1931, mas de ter sido sucessivamente adiado, o que levou a que vários congressistas pensassem que o evento teria sido cancelado.

²⁹ «Localização da cidade de Ammaia», Ethnos, vol I, Lisboa: 1935, pp 5-9.

descobrir o nome que as ruínas encontradas ostentavam antes do seu desaparecimento.

Explica depois que no dia 26 de Agosto de 1931, viajou até à zona de Aramenha para estudar uma pedra gravada encontrada numa quinta daquela zona.

Analisada a inscrição, Vasconcelos verificou que a primeira parte da mesma é dedicada ao Imperador Cláudio, fazendo alusão aos seus títulos, o que permitiu datá-la entre 43 e 45 d.C. Tão ou mais importante é a inscrição que se segue, a qual indica que aquela lápide de mármore gravada é proveniente de Ammaia: «*Depois alude-se a um voto, que a cidade de Ammaia fez por um ano em benefício do referido imperador (...).*» (Vasconcelos: 1935).

A par desta inscrição, Vasconcelos constatou a abundância de achados arqueológicos encontrados naquela zona, como peças de vidro, vasos de barro, lápides, alicerces de edifícios, mosaicos, colunas, etc.

Desta forma, a teoria (que remonta ao sec. XVI e XVII por Amador Arraiz e P.^e Sottomaior) de que a cidade de Ammaia se localizava na moderna Portalegre, e que as ruínas sitas em Aramenha correspondiam à antiga Medóbriga, foi suplantada (apesar da relutância de alguns historiadores/arqueólogos) face às evidências de que a antiga cidade de Ammaia se localiza de facto em Aramenha, até porque, como bem indica Vasconcelos, em Portalegre e arredores não foram encontradas ruínas compatíveis com a dimensão de uma cidade com a importância de Ammaia (descrita em alguns textos antigos como *municipium*); por outro lado a terminação *briga* indica uma localização numa zona elevada, pelo que dificilmente *Medóbriga* se poderia situar em Aramenha, que fica numa zona baixa (Vasconcelos: 1935).

Eugénio Jalhay escreveu em 1947³⁰ «*O assunto ficou definitivamente esclarecido com o magistral artigo publicado em 1935 por Leite de Vasconcelos na revista «Ethnos».*

Efectivamente nele deduz o grande Mestre, da epígrafe duma lápide aparecida em Aramenha, dedicada peça «Civitas Ammaiensis» ao Imperador Tibério Cláudio (...) a situação indubitável de Ammaia em Aramenha» (Jalhay: 1947).

Leite de Vasconcelos publicou 4 artigos na revista «O Instituto» (volumes 48º, 49º, 73º, e 87º), a saber: «*Manuscritos portugueses na bibliotheca de Munich*»; «*Epistola ao Dr. Hugo Schuchardt*» (1842-1927); «*A propósito de patronímicos*»; e «*Toponímia coimbrã (breves deambulações pelo distrito)*».

Leite de Vasconcelos, enquanto editor da revista «O Arqueólogo Português» fez publicar no volume XXIV de 1919/20 um texto de Fortunato de Almeida sobre Augusto Mendes Simões de

³⁰ Epigrafia amaiense. Contribuição para o estudo de Aramenha romana (Concelho de Marvão). Separata da revista Brotéria, vol. XLV, 1947.

Castro (1845-1932), logo, sobre a arqueologia no Instituto de Coimbra.

Assim, Almeida indica-nos que Simões de Almeida, a par de Abílio Augusto da Fonseca Pinto, António Xavier de Sousa Monteiro, João Correia Ayres de Campos, João José de Mendonça Cortês, Manuel da Cruz Pereira Coutinho e Miguel Osório Cabral de Castro, fez parte da comissão constitutiva da Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra, tendo o mesmo assumido as funções de secretário da novel, mas activa secção.

Escreve Almeida: *«Com excursões repetidas e aturado estudo conseguiram pôr a descoberto e esclarecer curiosos monumentos da antiguidade, tanto em Coimbra como em diversas terras dos arredores. (...) Do saber, inteligência e zêlo que o Dr. Simões de Castro provou na execução daqueles trabalhos deu público e solene testemunho Miguel Osório, no Relatório dos Trabalhos da Secção de Archeologia. (...) Mendes de Castro (...) tem sido infatigável e muito zeloso no seu progredimento; não só engrandecendo o museu com muitos objectos, mas ainda mais com copiosas notícias sobre os que ali se acham depositados. As actas das sessões (da secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra) são um rico manancial de notícias histórico-arqueológicas que muito o honram (Almeida: 1919/20).*

Manuel Heleno

No dia 11 de Novembro de 1894 nasce em Monte Real, concelho de Leiria, Manuel Domingues Heleno Júnior.

Na sua vida profissional foi cumulativamente conservador do Museu Etnológico (desde 1921, substituindo depois o seu mentor e fundador do museu, José Leite de Vasconcelos, por este ter atingido a idade máxima para o exercício daquelas funções), professor de liceu (Liceu Camões, depois Liceu Passos Manuel) e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (primeiro como assistente provisório - 1923, depois como auxiliar, e finalmente como catedrático).

Os períodos da História considerados mais relevantes (naquela época) do ponto de vista arqueológico foram investigados por Manuel Heleno, o que demonstra bem a sua versatilidade enquanto arqueólogo.

Assim, Heleno participou em escavações como a do Abrigo Grande das Bocas, em Rio Maior (Paleolítico Superior/Mesolítico), várias na zona Norte do Alentejo central ligadas ao Megalitismo – p.e. concelhos de Montemor-o-Novo, Coruche, Mora, Arraiolos, Estremoz (vide *«O Megalitismo no Alentejo (Portugal): as intervenções de Manuel Heleno (1931-1939) e o*

seu contributo para a Arqueologia portuguesa», Rocha: 2013), ou as ruínas romanas de Tróia. Manuel Heleno não terá sido na sua época uma personalidade consensual, quiçá mercê do seu estatuto de «protegido» de Leite de Vasconcelos; estatuto esse que, segundo os seus detractores, lhe terá aberto caminho para assumir cargos de responsabilidade (como a de director do Museu Etnológico) com uma idade tida como precoce e de forma não meritória. Hoje, no entanto, julgamos ser pacífico considerar-se Manuel Heleno, falecido em 1970, um grande nome da Arqueologia nacional, que abraçou essa função de forma séria, competente e metódica³¹ (Cardoso: 2013 e Cardoso: DGPC).

Documento único – carta manuscrita

Lisbôa

Avenida Miguel Bombarda, 116, 3º

5.V.932

Ex^{mo} S^r D^r Joaquim de Carvalho e meu ilustre Amigo:

Tenho estado fora de Lisboa em escavações e por isso só há dias tive conhecimento da realização dum congresso em Lisbôa.

Não conheço as condições para a inscrição nem sei se esta já terminou. Eis porque lhe pedia o favor de me dizer se me poderei ainda inscrever com duas comunicações: Uma sobre «As grutas artificiais do Tojal de Vila Chã» (Carenque) que acabo de explorar e que podiam até, dada a sua proximidade de Lisboa, servitadas pelos arqueólogos que viessem ao Congresso; outra sobre «A colaboração portuguesa nos descobrimentos marítimos das outras nações». Tenho agora a meu cargo a cadeira - «História dos Descobrimentos» - e gostava de estar em relações com o S^r joaquim de Bensaude. Pode V. Ex^a indicar-me a sua actual morada?

Com muitos cumprimentos peço me creia com a maior consideração

De V. Exa. Admirador

Manuel Heleno (assinatura)

³¹ «(...) a possibilidade de estudo detalhado dos seus cadernos veio contrariar aquela imagem. Tais cadernos (...) vieram comprovar um arqueólogo que, afinal, procedia ao registo sistemático das suas escavações e observações, ao contrário do que até então era voz corrente, revogando a ideia de um arqueólogo descuidado e ausente.» (Cardoso: 2013, pp. 7).

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: As grutas artificiais do Tojal de Vila Chã foram descobertas sensivelmente 2 meses antes da realização do Congresso Luso-Espanhol de 1932 (que decorreu de 15 a 21 de Maio), nos dias 11 e 13 de Março.

O autor começa por enaltecer o interesse da área correspondente à extinta freguesia de Belas nos campos da Etnografia e da Arqueologia.

Depois de indicar as direcções para se chegar ao sítio arqueológico, Heleno descreve e caracteriza a 3 grutas (I, II e III) do Tojal de Vila Chã. É também mencionada a necrópole das Baútas, também em Carenque, explorada por Heleno por indicação de Leite de Vasconcelos (tratado por Manuel Heleno como o seu «*ilustre mestre*»).

O arqueólogo alerta-nos para a raridade destes locais e reitera a sua importância para a arqueologia, a antropologia e a arquitectura.

Segue-se uma análise genérica do tipo de espólio e dos artefactos encontrados naquela região, nomeadamente, machados, setas, punhais, alfinetes, contas, cerâmica, ídolos em osso ou calcário e outras peças religiosas, pendentes de calcário, alfinetes, etc.

Manuel Heleno conclui então que:

- O povoado pré-histórico da Serra das Éguas é um dos sítios arqueológicos portugueses onde se encontra o espólio mais primitivo;
- As grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, bem como a necrópole da Serra das Baútas e o povoado da Espargueira são coevas das grutas de Palmela;
- Foi comprovada a existência de contactos entre a Irlanda e Portugal em 2500 a. C.;
- Que as placas de xisto gravado e os cilindros de calcário provavelmente pretendem simbolizar os mortos ou os antepassados, ao invés de constituírem outras manifestações religiosas.

Apesar de não caber no âmbito da arqueologia, julgamos interessante inserir na presente nota um pequeno resumo da 2ª comunicação ao Congresso de 1932 - «A colaboração portuguesa nos descobrimentos marítimos das outras nações».

Ora, neste trabalho, o autor comprova que as pretenções alemãs sobre o aperfeiçoamento, inovações e invenções técnicas e científicas náuticas de que tiraram partido os portugueses, não correspondem à realidade, tal como os supostos feitos normandos e franceses.

Admitindo a ajuda espanhola nos primórdios do desenvolvimento da ciência náutica portuguesa, Heleno demonstra antes que foi graças aos conhecimentos técnico-científicos desenvolvidos pelos portugueses que nações como a Alemanha, Inglaterra, França, Holanda e mesmo a Espanha, puderam tomar parte nos Descobrimientos marítimos, abrindo-se assim caminho à *européização da Terra* (Heleno: 1932).

As duas comunicações apresentadas não fazem parte do programa do Congresso Luso-Espanhol, mas julgamos que tal se deve ao facto de Manuel Heleno só ter manifestado o seu interesse em participar naquele encontro poucos dias antes do início do mesmo - a sua carta tem aposta a data de 05 de Maio de 1932, tendo o certame tido início no dia 15 desse mês, pelo que provavelmente já os programas teriam sido impressos.

O Sr. Joaquim de Bensaude (1859-1952), historiador, com quem nesta carta Heleno manifesta o interesse de se relacionar por ter a seu cargo a disciplina de História dos Descobrimentos, era uma autoridade no que concerne aos Descobrimentos Portugueses, à ciência náutica e à Expansão Europeia. De facto, Joaquim de Bensaúde é citado no trabalho de Manuel Heleno, «*A colaboração portuguesa nos descobrimentos marítimos das outras nações*».

Rui de Serpa Pinto

Em pleno Verão (6 de Agosto) de 1907, na cidade do Porto, Hernâni de Serpa Pinto e Aurora Basto Correia foram pais de Rui Correia de Serpa Pinto (Sigarra/Universidade do Porto: 2012). Aluno brilhante, concluiu a licenciatura em Matemática com apenas 20 anos, na Universidade do Porto. Três anos mais tarde, em 1930, licenciou-se em Engenharia Civil na mesma universidade.

Foi próximo de Mendes Correia, de quem foi aluno, assistente e amigo. Terá sido Mendes Correia que discretamente o terá «apresentado» à comunidade arqueológica nacional e estrangeira – o seu talento e labor fez o resto (Gonçalves: 1983).

Fez parte do corpo docente do ensino secundário e universitário, estando o seu nome associado à criação do Colégio Brotero (Sigarra/Universidade do Porto: 2012). Para além dos afazeres profissionais que cumpria com zelo e competência, Serpa Pinto, dedicava todo o seu tempo disponível a outros ramos do Saber, nomeadamente, à Arqueologia e à Paleontologia.

A sua primeira grande descoberta arqueológica ocorreu em 1925 (portanto, enquanto estudante de Matemática) ao identificar indústrias líticas de tipo asturiense (pode-se assim estabelecer uma ligação a este estudo e àquele realizado por Jalhay) na zona de Vila Praia de Âncora. Este trabalho foi publicado em 1928 com o título «*O Asturiense em Portugal*» (Gonçalves; 1983).

Podemos também indicar outros estudos realizados por Serpa Pinto, tais como «*A cidade de Terroso*» (mencionado na correspondência com o Instituto de Coimbra), ou «*Petróglifos de Sabroso e a Arte rupestre em Portugal*».

Para além dos estudos realizados em Território Nacional, visitou também sítios e núcleos arqueológicos além-fronteiras, em Espanha, França, Itália e Reino Unido, o que demonstra a sua sede por conhecimento (Gonçalves; 1983).

Participou activamente em vários congressos ou conferências científicas e esteve ligado directamente a muitas associações/instituições científicas nacionais e estrangeiras, como a Associação dos Arqueólogos Portugueses ou a Sociedade Pré-Histórica Francesa (Rodrigues e Amorim; 2016).

A sua competência, saber e afabilidade, associados à sua juventude levaram a que a comunidade científica nacional e estrangeira o tratasse carinhosamente por «Le Jeune» Sigarra/Universidade do Porto: 2012).

Sendo católico praticante, a fama que alcançou não diminuiu em nada a sua humildade e vontade de colaborar com outros arqueólogos – basta ver o exemplo da resposta ao pedido de Jalhay no sentido de Serpa Pinto lhe ceder peças descobertas na escavação de Vila Praia de Âncora, para as poder comparar com exemplares encontrados em La Guardia, ou o agradecimento do Conde de la Vega del Sella pelo envio dos exemplares de Vila Praia de Âncora para o Museu de Ciências Naturais de Madrid (Rodrigues e Amorim: 2016).

Alíás, o seu carácter afável levou a que estabelecesse relações de amizade com os maiores arqueólogos nacionais e europeus, possibilitando assim a troca de conhecimentos e a permuta de peças arqueológicas ((Rodrigues e Amorim; 2016).

Morreu aos 23/03/1933, vítima de febre tifóide que evoluiu para septicemia. Tinha 25 anos. Considerando o tanto que produziu na sua curta existência, resta-nos lamentar o desaparecimento do homem e imaginar quão grandiosa teria sido a sua obra tivesse ele tido mais tempo.

A inscrição na sua lápide faz-lhe justiça: "*Mocidade, talento, virtudes. Foi justo e foi sábio. Repartiu a sua vida breve mas fulgente entre o amor a Deus, à Família e à Ciência. Mostra aos 25 anos um pleno vôo de glória. Viverá eternamente no coração dos que o amaram.*" (Rodrigues e Amorim; 2016, Sigarra/Universidade do Porto: 2012 e Gonçalves; 1983).

Documento nº 1 – carta manuscrita

R. DE SERPA PINTO

ENGENHEIRO CIVIL F.E.U.P.

194. MALMERENDAS. PORTO.

TELEF. 4.707.

(?) 9.IV.1931.

Exmo Senhor Prof. Costa Lobo

O Senhor Prof. Mendes Corrêa, de quem sou assistente, encarrega-me de anunciar a V. Ex^a que a sua comunicação destinada ao «Congresso de Lisboa» se intitula: Inquérito sôbre as ideias morais em criminosos e não criminosos (nota preliminar). Terei certamente a honra de a ler, por o Senhor Prof. M. Corrêa estar ausente.

Junto envio 40\$ para o pagamento das inscrições do Sr. Prof. Rosas da Silva e minha, pedindo o obséquo de ser avisado caso esta quantia não seja suficiente como julgo. O Senhor Prof. Rosas da Silva apresentará uma Comunicação como: Subsídio para o estudo dos cristais portugueses de ostose; e eu conto preparar duas sôbre: As fíbulas da Cividade de Terroso, e Notas sôbre o quaternário do Pôrto.

Apresentando a V. Ex^a mui respeitosos cumprimentos, fica ao seu inteiro dispor o muito atento admirador e criado,

R. de Serpa Pinto (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Rui de Serpa Pinto foi aluno de Mendes Corrêa (vide comentário ao documento nº 1 de Afonso do Paço), tendo depois sido convidado para ser seu assistente na Universidade do Porto.

Faz parte do programa deste congresso a apresentação da comunicação «Inquérito sôbre as ideias morais em criminosos e não criminosos», por Mendes Corrêa, conforme indicado na carta.

Também o Prof. Domingos José Rosas da Silva (1896-1967) apresentou a comunicação prevista - «*Subsídio para o estudo dos cristais portugueses de ostose*».

Nesta missiva, Serpa Pinto manifesta a intenção de se increver como orador com as comunicações «*As fíbulas da Cividade de Terroso*» e «*Notas sôbre o quaternário do Pôrto*»; no entanto não foram estes os trabalhos apresentados, como veremos adiante.

Até 1931, ano do envio desta carta, Serpa Pinto tinha já publicado diversos trabalhos, como por exemplo «*O Asturiense em Portugal*», «*Nótulas asturienses*», «*Bibliografia do Asturiense*», e «*Introdução à arqueologia portuense*»

Documento nº 2 – carta manuscrita

UNIVERSIDADE DO PORTO

*FACULDADE DE CIÊNCIAS
INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA
24 de Abril de 1931*

Exmo Senhor Prof. Costa Lobo

Pedia a fineza de me informar da data de realização do Congresso para o Progresso das Ciências e do modo de utilização de quaisquer concessões especiais feitas pela Companhia de Carris de Ferro.

Respeitosamente me subscrevo muito atento e obrigado criado,

R. de Serpa Pinto (assinatura)

Asst^e da Faculdade de Ciências

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Como vimos, Serpa Pinto apresentou 4 comunicações no Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências de 1932. Foi também em 1932 que Serpa Pinto escreveu para a revista «O Instituto» um texto sobre «Antiguidades romanas de Conímbriga» - no entanto esse texto só foi publicado no volume 88º, em 1935 – 2 anos após a morte do arqueólogo. Neste trabalho, Serpa Pinto analisa uma peça (taça) de terra sigillata (tipo de cerâmica romana com selo do fabricante) encontrada numa escavação arqueológica em Conímbriga e ao cuidado do Museu Machado de Castro – relebramos que desde que este museu foi criado, passou a albergar o todo espólio do museu do Instituto de Coimbra, nomeadamente as peças encontradas em Conímbriga, mercê de trabalhos arqueológicos promovidos pelo Instituto. Compara depois essa peça com outras encontradas noutros locais da Península Ibérica com o objectivo de iniciar um estudo sobre a relação entre a importação e o fabrico autóctone de peças de terra sigillata (Pinto: 1932) - bem como a localização das oficinas ibéricas. Conclui que a inscrição «OF. SECI. TRI» visível no selo de fabrico da taça de terra sigillata encontrada no sítio arqueológico de Conímbriga se refere a Secius Tritus, e que o seu fabrico é luso-romano.

Documento nº 3 – carta manuscrita

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS
INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA
18.IV.1932

Ex^{mo} Senhor Professor Joaquim de Carvalho

Informado pelo Senhor Prof. Mendes Corrêa da realização do Congresso da Ass. Port. para o Progresso das Ciências, em Lisboa, tenho a honra de anunciar a apresentação das seguintes notas: - Resumo de trabalhos de alunos do Laboratório Mineralógico da Fac. de Ciências do Pôrto.

- Nota sôbre os restos quaternários da gruta de Fujaca (Pampilhosa do Botão).

- Nota sôbre a areia de Miramar.

Salvo êrro em 24 Fev^o 1932, enviei a V. Ex^{ta} a importância da minha cota, não sabendo se foi recebida.

Com a mais subida consideração me subscrevo de V. Ex^{ta} mto. atento e obrigado admirador

R.de Serpa Pinto (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Nesta carta, enviada no mês que precede o congresso, Serpa Pinto informa quais as comunicações que pretende apresentar.

São elas:

- «Resumo de trabalhos de alunos do Laboratório Mineralógico da Fac. de Ciências do Pôrto»;
- «Nota sôbre os restos quaternários da gruta de Fujaca (Pampilhosa do Botão)»; e
- «Nota sôbre a areia de Miramar».

Para além destas 3, Serpa Pinto apresentou ainda uma 4^a comunicação: «*Os silex microlíticos do Cabeço da Amoreira (Muge)*»³².

Lamentavelmente, à excepção deste último, os restantes trabalhos não fazem parte da bibliografia do arqueólogo, e tal como acontece com os trabalhos de José de Pinho, não foi encontrado qualquer exemplar dos volumes com os trabalhos apresentados no congresso de 1932, publicados pela Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências.

No que respeita ao trabalho «*Notas sôbre a indústria microlítica do Cabeço da Amoreira (Muge)*», o seu autor destaca a originalidade das peças microlíticas encontradas naquele concheiro relativamente a outros, como o de Cabeço da Arruda (que também faz parte dos

³² Ou «Notas sôbre a indústria microlítica do Cabeço da Amoreira (Muge)».

Concheiros de Muge)³³.

Para além dos microlitos, Rui de Serpa Pinto indica também a existência de peças de quartzite, fazendo notar a ausência de cerâmica, de instrumentos de pedra polida e de pontas de seta simétricas.

Depois de uma análise geral das peças e do sítio arqueológico, em que o autor estima que aquele local terá sido ocupado «*desde o capsense antigo até à aurora do neolítico*» (Pinto: 1932), procede-se a uma classificação dos instrumentos acompanhada de uma análise mais pormenorizada.

Assim, estes foram divididos em:

- Instrumentos retocados, que se sub-dividem em micrólitos triangulares, trapézios (bastante raros), e lâminas com entalhes (raras); e,
- Instrumentos sem retoque, englobados em 5 grupos - Lâminas (de 2 tipos), Pontas, Lascas, Núcleos e Cristais.

No final deste trabalho sobre a indústria microlítica, Serpa Pinto concluiu então que não obstante o Cabeço da Amoreira pertencer mais provavelmente ao capsense tardio «*se nota uma certa individualidade relativamente aos outros concheiros de Muge (sobretudo Cabêço da Arruda)*³⁴, aproximando-se das estações ibero mauritanas, com predomínio de formas de tipo primitivo» (Pinto: 1932).

Vergílio Correia

Vergílio Correia Pinto da Fonseca, era natural de Peso da Régua, onde nasceu a 19 de Outubro de 1888, vindo a falecer na cidade de Coimbra no dia 3 de Junho de 1944.

Em 1911 concluiu com sucesso a licenciatura em Direito pela Universidade de Coimbra, tendo em obtido o doutoramento em Letras na mesma instituição de ensino.

Vergílio Correia foi jornalista, historiador da arte, arqueólogo, etnógrafo e professor universitário em Coimbra, onde leccionou as cadeiras de Arqueologia, História da Arte e estética.

Entre 1912 e 1916 assumiu o cargo de conservador do Museu Etnográfico Português (ou Museu

³³ As peças analisadas terão sido recolhidas pelo Prof. Mendes Corrêa durante a sua campanha de 1930/1931. Depois de Mendes Corrêa, este sítio foi explorado por Henri Breuil e por Georges Zbyszewsky.

³⁴ Também faz parte dos Concheiros de Muge o concheiro do Moita do Sebastião

Leite de Vasconcelos), sendo que o seu entusiasmo pela arqueologia e pela etnografia terá certamente florescido pelo convívio habitual com Leite de Vasconcelos.

Entre 1916 e 1921 desempenhou funções no Museu Nacional de Arte Antiga (também conhecido por «Museu das Janelas Verdes», adoptando o nome da rua onde se situa), de onde saiu para abraçar a docência na Universidade de Coimbra.

Mais tarde foi director do Museu Machado de Castro (1929) e da Brigada do Centro de Inventário Artístico Nacional da Academia Nacional de Belas Artes.

Foi co-fundador das revistas «Terra Portuguesa» (1916-1927) e «Arte e Arqueologia» (1930-1933).

Em 1938 dirigiu o jornal «Diário de Coimbra», onde se manteve até à sua morte em 1944.

Co-autor do *Inventário Artístico de Portugal*, publicou vários trabalhos e escreveu artigos para diversos jornais e revistas, nomeadamente a revista *A Águia* (tais como «*O Paleolítico em Portugal*» – nº 7; «*Lisboa Preistorica. A estação neolítica da cêrca dos caídos*» - nº 14; «*Lisboa Preidtorica. A estação neolítica da cêrca dos Jeronimos*» - nº 15; ou «*Idolos Preistoricos tatuados, de Portugal*» - nº 42) (<http://purl.pt/12152>) e a revista *Terra Portuguesa* (por exemplo «*Arte préistorica: pinturas rupestres descobertas em Portugal no século XVIII*» - nº 4; «*O templo romano de Sant' Ana do Campo (Arraiólos)*» - nº 12; «*Idolos-placas – Arte peistórica*» - nºs 13/14; «*A cerâmica ibérica no centro e sul de Portugal*» - nº 37; ou «*Um amuleto egipcio da necrópole de Alcácer do Sal*» - nº 41) (<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TerraPortuguesa/TerraPortuguesa.htm>) dado primazia à temática da Etnografia e da Arqueologia, tendo-se distinguido pelos profícuos trabalhos arqueológicos realizados na estação de Conímbriga, tendo sido pioneiro na investigação daquele sítio junto a Condeixa-a-Nova. Conduziu também importantes investigações científicas sobre o Megalitismo no Alentejo (vide «*O Megalitismo no Alentejo (Portugal): as intervenções de Manuel Heleno (1931-1939) e o seu contributo para a Arqueologia portuguesa*», Rocha: 2013).

Contam-se entre os seus trabalhos a série «*Lisboa préistorica*» - (a estação neolítica dos Sete Moinhos», a estação neolítica de Vila Pouca (Monsanto), a estação neolítica da Cêrca dos Jerónimos), «*Pinturas rupestres descobertas em Portugal no seculo XVIII*», «*Pinturas rupestres da Senhora da Esperança (Arronches)*», «*Os idolos placas, Gravuras do dolmen da Pedra dos Mouros (Belas)*», ou «*A propósito da arte rupestre do Sr. Juan Cabré*».

Foi sócio efectivo do Instituto de Coimbra desde 1924.

Pelo reconhecimento da sua contribuição pelo engrandecimento da Cultura nacional, foi-lhe atribuída a condecoração de Grande Oficial da Ordem de Santiago da Espada (Conímbriga. Memórias de Hoje e de Ontem. Centro de Estudos Vergílio Correia: 2017)

Documento único – carta manuscrita

8/4/1931

R. Heliodoro Salgado, 57. 3º Lisboa

Meu Amigo :

Estive consigo no principio do mês e esqueci-me pedir-lhe que me inscrevesse para o Congresso. Aí vão os 20\$00, e o título da comunicação é: *As recentes escavações de Conímbriga*.

Diga-me: é necessário que as Senhoras se inscrevam, se as nossas mulheres podem acompanhar-nos, como é costume do Congresso com bilhete próprio?

Am(igo?) e Obrigado

Vergílio Correia (assinatura)

COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA: Vergílio Correia apresentou de facto no congresso de 1932 uma comunicação intitulada «*As recentes escavações de Conímbriga*»; todavia tal trabalho não consta na bibliografia do autor, encontrando-se apenas um artigo denominado «*Conímbriga Visigótica*» publicado em 1936 no 90º volume da revista «O Instituto».

No entanto consideramos importante salientar que apesar do elevado número de trabalhos e estudos realizados, tanto na área da arqueologia, como da etnografia, foi nas escavações e estudo de Conímbriga que Vergílio Correia mais se distinguiu.

Este arqueólogo explorou este sítio de forma sistemática entre 1930 e 1944, tendo estes trabalhos interrompidos pelo acidente que provocou a sua morte prematura.

O labor de Vergílio Correia no sítio arqueológico de Conímbriga foi tão marcante, que o centro de estudos de Condeixa-a-Nova/Condeixa-a-Velha ostenta orgulhosamente o seu nome.

Foi ele que iniciou em 1930 as escavações do criptopórtico romano de Aeminium (que faz parte do Museu Machado de Castro, e é actualmente visitável, como se pode confirmar no sítio do Turismo de Portugal - <http://www.centerofportugal.com/pt/o-criptoportico-de-aeminium/>).

Foi autor de inúmeros trabalhos publicados, tais como «*Lisboa Prehistórica*», «*Facas e respadores da estação paleolítica de Monsanto*», «*O paleolítico de Monsanto*», «*O paleolítico*

em Portugal», «O paleolítico português» e «As estações pre-históricas dos arredores de Setúbal» (revista «O Instituto, nº 83).

Vergílio Correia, sócio efectivo do Instituto de Coimbra desde 1924, realizou inúmeras escavações arqueológicas em coordenação com o Instituto, e quando tal não ocorria, amíúde colaborava com aquela academia no sentido de divulgar as suas descobertas, quer através de artigos ou palestras, quer através da doação de espólio ao museu da secção de arqueologia. Por exemplo, em 1928 publicou no volume 75 da revista «O Instituto» o artigo «*Escavações realizadas na necrópole pré-romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927*». Esse sítio arqueológico começou a ser escavado por Vergílio Correia em 1925, tendo nesse mesmo ano apresentado a comunicação «A necrópole de Alcácer» no Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências que teve lugar em Coimbra, onde documentou a descoberta do cemitério primitivo e fez um resumo do espólio ali encontrado. Nas campanhas de 1926 e 1927, o arqueólogo prosseguiu a recolha de espólio (aumentando a profundidade da escavação em quase 3 metros), o que permitiu aprofundar o conhecimento acerca dos ritos e costumes funerários dos povos pré-romanos que habitavam aquela região, admitindo, no entanto, que as teses entretanto formuladas devem ser alvo de estudos comparativos. Falou na existência de dois níveis de sepulturas, indicando a possibilidade de haver uma relação entre o nível superior e o inferior.

Vergílio Correia divide as cerca de 50 sepulturas em 4 tipos - urna ou vaso ossuário com cinza e ossos queimados colocada a pouca profundidade, em cima de objectos do falecido; vaso ossuário depositado sem objectos associados; depósito funerário com fragmentos de ossos, cinza, restos de madeira usada para cremar o defunto, vasilhas de pequena dimensão, armas e jóias com sinais de acção do fogo crematório, sem reguardo lateral; e depósito funerário semelhante ao anterior, mas com resguardo superior, inferior e lateral – e analisa depois cada um deles (Correia: 1928).

5 – DISCUSSÃO

A correspondência analisada dá-nos um vislumbre do espírito da época, ou seja da vontade que os intelectuais portugueses tinham de recuperar o País do atraso crónico científico e tecnológico de que padecia, algo que só seria possível através do contacto com colegas de outras nacionalidades, quebrando-se assim o tradicional isolamento luso. Este espírito está também patente na vontade demonstrada pelos autores da correspondência em participar em certames internacionais de cariz multi-disciplinar (estes certames, bem como as instituições que os organizavam, começaram mais tarde a perder a sua importância, dando lugar a instituições e encontros mais especializados, dedicados a uma área específica).

A maior parte das missivas analisadas estão relacionadas com a participação em Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências, algumas dizem respeito à publicação de artigos na revista do Instituto e outras versam sobre questões administrativas (devendo-se no entanto notar que no cômputo geral, o conteúdo científico supera o conteúdo de carácter meramente administrativo).

Tornou-se assim imperativo analisar a correspondência não apenas no que respeita ao seu autor e conteúdo imediato das missivas, mas também a natureza dos laços pessoais e profissionais dos arqueólogos com quem se relacionavam (assim como o contributo destes para o desenvolvimento da arqueologia portuguesa), bem como compreender a importância de instituições como o Instituto de Coimbra e de federações como a Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências no desenvolvimento do conhecimento tecnológico e científico de um país que padecia de um atraso estrutural relativamente aos países europeus mais influentes, exceptuando-se o caso da Espanha, que também sofria com o isolamento ibérico.

6 – CONCLUSÃO

Analisada a correspondência, bibliografia relacionada com a história do Instituto de Coimbra e documentos conexos somos de concluir o abaixo exposto.

Cientes da importância do estudo dos vestígios do passado, os responsáveis por esta academia criaram em 1873 um departamento de Arqueologia que foi integrado na 3ª secção da 3ª classe - Classe de Literatura, Belas Letras e Artes³⁵.

Embora a exploração do sítio arqueológico de Condeixa-a-Nova (Conímbriga) seja normalmente considerado a «imagem de marca» da secção de arqueologia do Instituto, muitos outros trabalhos foram realizados, como por exemplo, as obras de restauro da Sé Velha, as escavações realizadas em Alcácer do Sal e a recolha e/ou estudo de artefactos como os machados de pedra polida encontrados em Cantanhede, Évora e Bencatel («O Instituto», vol. 17 e 23) Não perdendo tempo, nesse mesmo ano foi também criado um museu que acolhesse as peças recolhidas e/ou doadas à instituição. Mais tarde o espólio deste museu foi confiado ao recém-inaugurado Museu Machado de Castro (1913), mantendo-se as peças propriedade do Instituto. 1913 é também o ano em que Francisco Miranda da Costa Lobo assume a presidência do Instituto de Coimbra, cargo que ocupará até à sua morte, em 1945.

Foi aliás Costa Lobo, juntamente com Francisco Gomes Teixeira, também ele sócio do Instituto de Coimbra, quem idealizou e concebeu em 1917, com o apoio do Governo, a estrutura da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, em linha com outras instituições

³⁵ O dinamismo e competência da secção de arqueologia comprova-se pelo facto de, logo em 1882, a Comissão dos Monumentos Nacionais, que organizou a realização de um questionário nacional, ter solicitado a resposta relativamente à região de Coimbra ao Instituto de Coimbra. Esse questionário era composto por 12 questões, a saber: 1- Quaes são os monumentos historicos e artisticos pertencentes a esse municipio, tanto religiosos, civis, ou da arte militar? 2- Qual o sitio e localidade onde existem, e o seu estado de conservação? 3- Designar os túmulos de varões ilustres e aquelles que se recommendarem como obra d'arte. 4- Indicar os padrões levantados em logares públicos e os seus diferentes géneros, e os mais dignos de serem conservados para a historia. 5- Indicar os aqueductos antigos e modernos, notáveis pelo seu aspecto e importância architectonica, e assim como castelos e torres. 6- Se possui arcos comemorativos e funéreos. 7- Quaes são os logares memoráveis pelos factos históricos. 8- Os pelourinhos devem ser compreendidos como obra d'arte. 9- Os cruzeiros igualmente pela sua antiguidade e merecimento artístico. 10- Os cippos, columnas militares, mosaicos, e memorias epigraphicas. 11- Haverá vestígios romanos e arabes nessas localidades? Em que sitio existem, e qual é o seu estado actual? 12- Os monumentos prehistoricos, taes como antas, pedras levantadas, círculos formados com pedras, pedregulhos com cavidades circulares e mamoas; isto é, montes de terra circulares isolados uns dos outros levantados nos campos. O questionário e a sua resposta encontram-se na revista «O Instituto», vol. 30, 1882/3.

congêneres já existentes na Europa - Gesellschaft Deutscher Naturforscher und Ärzte (Alemanha, 1822), The British Association for the Advancement of Science (Inglaterra, 1831), Association Française pour le Progrès des Sciences (França, 1857), Società Italiana per il Progresso delle Scienze (Itália, 1906), e Asociación Española para el Progreso de las Ciencias (Espanha 1908).

A integração do Instituto de Coimbra na Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências e o seu papel de destaque na organização de alguns congressos conjuntos – por exemplo, o de Lisboa, em 1932 (de facto dos 9 autores da correspondência postal acima analisada, 8 dessas personalidades enviaram missivas relacionadas com a participação nesse congresso, nomeadamente pedidos de informação, inscrição e de indicação das comunicações a apresentar) em que Costa Lobo participou como presidente da Associação Portuguesa e como congressista, tendo apresentado uma comunicação («*Considerações sobre o princípio de Newton que estabelece a independência do efeito de uma força sobre um corpo em movimento e a velocidade por este adquirida anteriormente*»), ou o de Coimbra, em 1956, que contou com a participação do então presidente do Instituto de Coimbra, o Dr. Diogo Pacheco de Amorim, como vice-presidente da comissão executiva da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências – deve-se não só ao prestígio institucional e dimensão científica do Instituto, como também prestígio pessoal, dimensão intelectual e relações pessoais de Costa Lobo (que mesmo após a sua morte continuou a conferir ao Instituto uma aura de respeitabilidade).

Relativamente à análise concreta da correspondência, devemos indicar que há autores que apenas enviaram uma correspondência; são eles o Abade de Baçal, Leite de Vasconcelos, Manuel Heleno e Vergílio Correia.

Por outro lado, Afonso do Paço foi o correspondente mais activo, com 9 missivas enviadas.

Todas as missivas foram analisadas, mas julgamos que as mais importantes para presente discussão são aquelas que não só indicam a vontade do seu autor em apresentar comunicação ou comunicações em Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências, como também indicam o tema ou temas dos seus trabalhos.

É também de realçar a menção a estudos que marcaram indelevelmente a arqueologia portuguesa, tais como a questão da localização da cidade de Ammaia, solucionada por José Leite de Vasconcelos, ou aqueles relacionados com o sítio do Castro de Vila Nova de São Pedro, explorado por Afonso do Paço em conjunto com Eugénio Jalhay, e mais tarde, com Maria de Lourdes Costa Artur.

Julgamos ainda importante estabelecer aqui uma relação dos artigos relacionados com a arqueologia publicados na revista do Instituto. Nesta relação não serão considerados os

artigos de âmbito meramente biográfico ou bibliográfico – os catálogos da colecção foram considerados, uma vez que nos mesmos consta descrição e análise das peças, bem como a sua proveniência e circunstâncias da descoberta. A apresentação é dividida, na medida do possível (uma vez que houve anos em que a revista não foi publicada), por períodos de uma década. Assim, entre 1852/3 (vol. I) e 1861/2 (vol. X) foram publicados 7 artigos; entre 1862/3 (vol. XI) e 1871 (vol. XIV) não foram publicados artigos; entre 1872 (vol. XV) e 1880/1 (vol. XXVIII) foram publicados 15 artigos (período bastante activo no que respeita à publicação de artigos, a que não estará alheia a criação da Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra em 1873/4); entre 1881/2 (vol. XXIX) e 1890/1 (vol. XXXVIII) foram publicados 4 artigos; em 1891/2 (vol. XXXIX) e 1901 (vol. XLVIII) foram publicados 7 artigos; entre 1902 (vol. XLIX) e 1911 (vol. LVIII) foram publicados 4 artigos; entre 1912 (vol. LIX) e 1921 (vol. LXVIII) foram publicados 2 artigos; entre 1922 (vol. LXIX) e 1931 (vol. LXXXII) foram publicados 4 artigos; entre 1932 (vol. LXXXIII) e 1941 (vol. XCIX) foram publicados 7 artigos; entre 1942 (vol. C) e 1950 (vol. CXIV) foram publicados 5 artigos; entre 1953 (vol. CXV) e 1961 (vol. CXXIII) foi publicado 1 artigo; entre 1962/3 (vol. CXXIV) e 1971 (vol. CXXXIV) foi publicado 1 artigo; e entre 1972 (vol. CXXXV) e 1980/1 (vol. CXL e CXLI) não foram publicados artigos.

Pelo acima exposto, somos de concluir que, não tendo sido a actividade do Instituto de Coimbra fulcral para o desenvolvimento da Arqueologia em Portugal, desempenhou apesar de tudo um papel importante na prossecução de tão nobre fim.

FIGURAS

ABADE DE BAÇAL (FRANCISCO MANUEL ALVES)

112

$\xi \frac{1000}{\sqrt{2}}$

INSTITUTO
DE CIÊNCIAS
E LETRAS

Vim ha dias do Arquivo de Simancas (Espanha) onde fiz um estagio de tres meses a procura de noticias referentes ao bitutu de Tragaça para inserir no VIII vol. do Memorialo Historico. Historico do mesmo. Parece-me que a publicação do Catalogo seria interessante para Portugal na parte que lhe diz respeito, tanto para os investigadores que brando ja alguma guia não seriam cegos, como para os que simplesmente quizeram das noticias dos factos lá existentes e, nesta oportunidade tirei uma copia, que abraça quarenta laudos de papel de 35 linhas. Em geral o Arquivo de Simancas, fornecedor mine de documentação historica, é mal conhecido em Portugal e si os Catalogos por si elucidarem muita coisa. Vep

se o podem publicar n-1 Justiça e tirar uma separata de
50 exemplares.

Dr. O. C. M. P.

290-8-531

Francisco Manuel dos Reis

Reitor de Bacal

Magalhães

FIG. 1 e 2 – carta manuscrita

AFONSO DO PAÇO

TENENTE AFONSO DO PAÇO

TELEF. NORTE 4720

R. Escola Medicina Veterinária, 11, 3.º

LISBOA

11/8/31

12

Prof. J. de Carvalho

Cumprimentos a V. Ex.^a, muito agradeço a informações da data do Congresso de Lisboa, bem como se há um limite máximo para as comunicações.

Nos sofrem alterações em nome ou qualquer outro as comunicações de que enciei nota a V. Ex.^a, quando teve a gentileza de me inscrever como congressista.

Creio-me de V. Ex.^a com a mais alta consideração,

At. V. - Ob.^o

Afonso do Paço

FIG. 3 – carta manuscrita

TENENTE AFONSO DO PAÇO

TELEF. NORTE 4720

R. Escola Medicina Veterinária, 11, 3.º

LISBOA
c/U. hi. 18/3/35

5
Prof. J. de Carvalho

Escrevi há pouco ao Sr. Dr. Mendes Carmo, para me inscrever como Con-
ferente no próximo Congresso de Lisboa
a realizar em Lisboa. Diz-me porém
aquele prof. que me dirija directa-
mente a U. hi., e enviando a quantia
de 20000 fca, o favor de me ins-
crever como sócio da Associação Lusos-
espanhola para o avança das 'semanas'.

Com o pedido, nos os referidos 20000
rofundando a fineza de me considerar Con-
ferente.

Envio também o nome de uma
tese para o Congresso:

Palatalítico de Carreco

Caso haja uma recod onde euiba
etnografia dejenaria tambem apresen

FRENTE AFONSO DO PAÇO
 TEL. N.º 4720
 R. Escola Médica Velha, 11, 8.º
 LIBROA
 10. de 1891

Dr. J. de Carvalho

tar outra, que talvez caia em seccão
 em que entre a linguística:
 Da influencia da guerra no
 léxico português.

Guardando as preciosas ordens de
 V. Ex.ª creia-me com a mai-
 or Consideração
 de V. Ex.ª At. V. O. C.

Afonso do Paes

P. S. - Junto envio tambem uma fotografia que
 Sr. Dr. M. Carnes diz ser preciosa.

Afonso

PT/BGvC IEC/DIR/06/30

FIG. 4 e 5 – carta manuscrita

15 de Janeiro de 1932

Mr. Presidente do Instituto
de Coimbra

Do receber o diploma
com que me honraram ele-
vando-me ao número dos doutores
deixa tão douto quanto prestigiosa

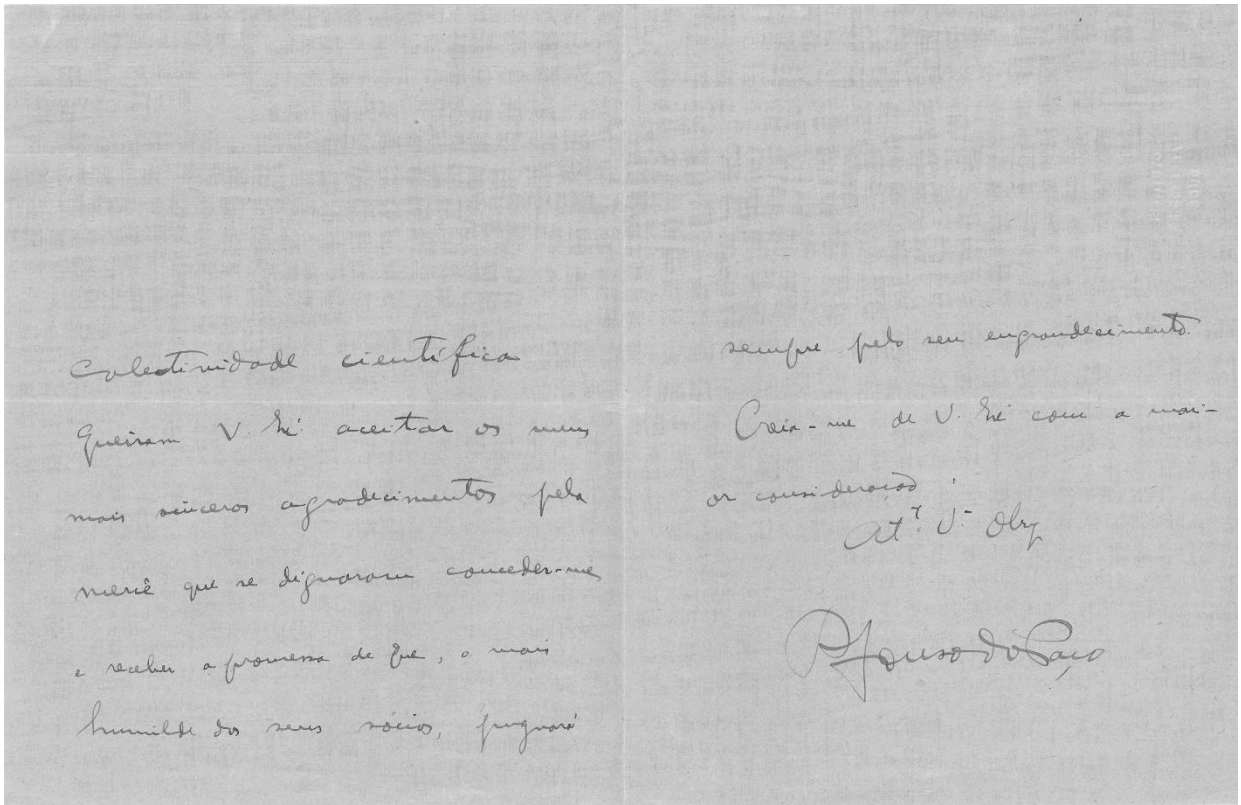
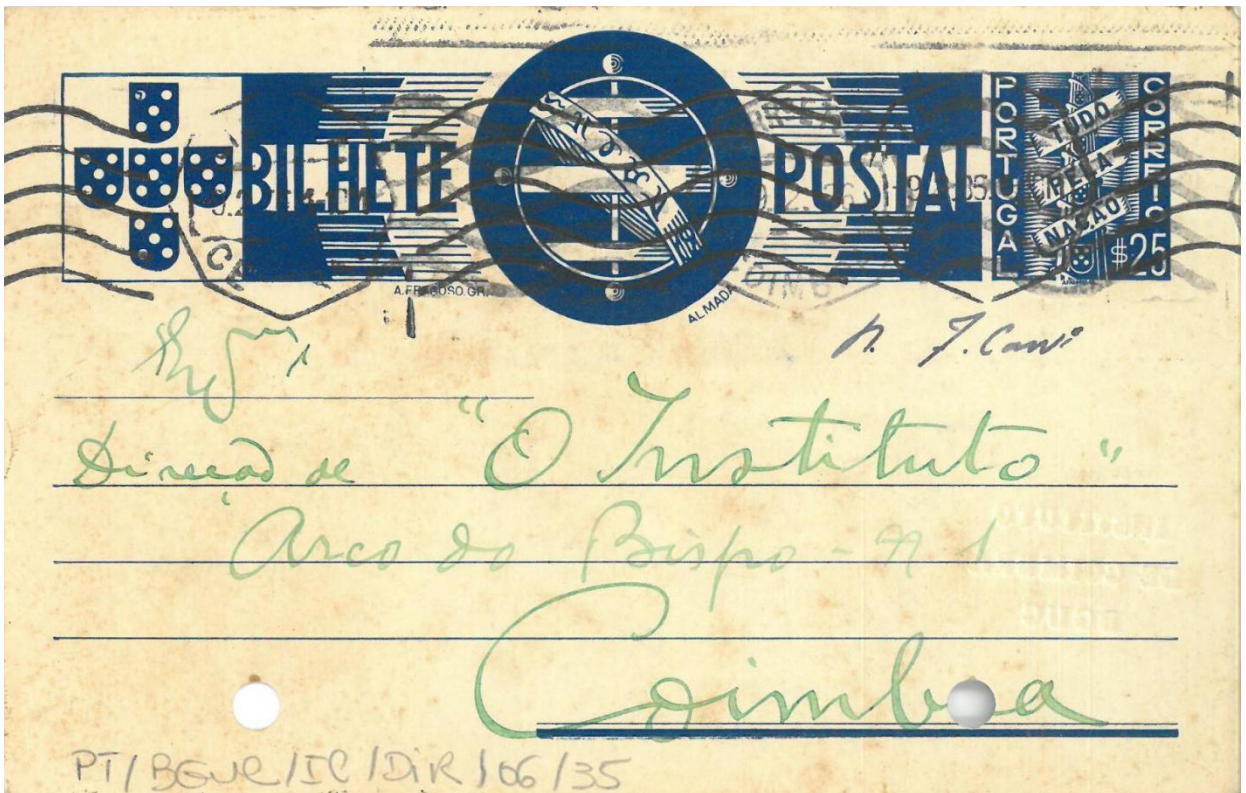


FIG. 6 e 7 – carta manuscrita



Friboa
8/2/36

87

31

Vi num jornal de hoje
que tinha recebido o ultimo
numero de "O Instituto".

De ha' mais de um ano que
nao recebo a revista da Junta
colectividade scientifica de Coimbra.

Agradecia me enviassem os
numeros saídos del here
e formassem daque ha'.

Desde ja muito grato
a v. sr.

Com toda a consideração
R. Sousa do Vasco

O ultimo recebido
40 15-5-36 del.
87-1934

FIG. 8 e 9 - bilhete postal



FIG. 10 – bilhete postal

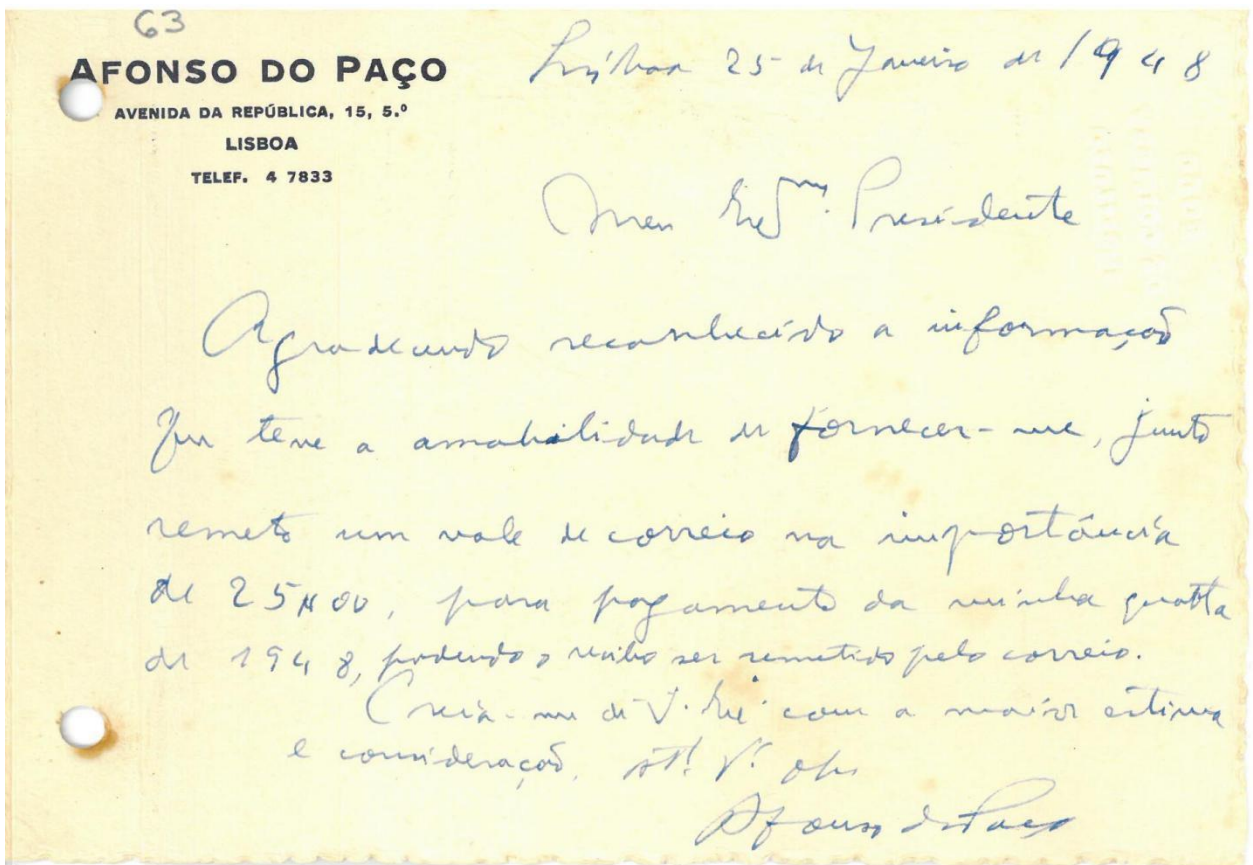


FIG. 11 – carta manuscrita

59

AFONSO DO PAÇO

AVENIDA DA REPÚBLICA, 15, 5.º

LISBOA

TELEF. 4 7833

Lisboa 7/10/1952

Ex.º Sr. Prof. A. F. Fernandes de Carvalho

Dignou-se V. Ex.ª aceder ao meu pedido de publicação de um artigo no volume comemorativo do novo Instituto a que V. Ex.ª é mui digno presidente.

Brevemente terei o gosto, bem como a minha colaboradora, de lhe enviar uma separata do mesmo, bem como de outras publicações.

Desejaria propor para sócia a Ex.ª Sr.ª D. Maria de Lourdes Costa Arthur licenciada em Histórico-Filosóficas pela F. L. de Lisboa.

Terei de enviar um artigo original para candidatura, ou bastará o artigo que assinou comigo?

Espero ser dizer a V. Ex.ª que uma investigadora me certamente se notabilizará na Arqueologia.

Agradecendo a V. Ex.ª todos os gentilezas, subscrevo-se com a maior consideração

Afonso do Paço

FIG. 12 – carta manuscrita

h

Lisboa 12 de Janeiro de 1953

AFONSO DO PAÇO

AVENIDA DA REPÚBLICA, 15, 5.º

LISBOA

TELEF. 4 7833

Ex.ª Sr. Presidente de o Instituto
de Coimbra

Por um lapso meu, não sei se esta che-
gara a tempo. Julgava a reunião na
2.ª quinzena de Janeiro.

Junto remeto umas notas sobre a
D. Maria II Loures Costa Arthur. Tendo
preparar um estudo sobre o realístico
no distrito de Setúbal para enviar a
V. Ex.ª, quando che considerarem uma
bolsa para seguir imediatamente
para Madrid, a especializar-se em Arque-
ologia Grega e romana, aplicada depois à
antiga Lusitânia.

Tenho por fazer as malas para seguir

para supranha, sem poder concluir
o trabalho que iniciara.

Como demora pelo menos 8 meses em
Madrid, não poderá fazer nada, visto
to os seus novos trabalhos lhe darem
muito que fazer.

Na biblioteca do Instituto há as se-
paratas que publiquei de colaboração
com ela.

Agradecendo desde já a V. he.
quanto possa fazer neste caso
de candidatura,

Dulcemente se com a maior
estima e deseja um novo ano
cheio das maiores felicidades

Rafael de la Hoz

PT1BGUE1E1DIR106151

FIG. 13 e 14 – carta manuscrita

AFONSO DO PAÇO

AV. DA REPÚBLICA, 15, 5.º

LISBOA

TELEF. 4 78 33

22

Lisboa 20 de Março de 1952

Meu Sr. Presidente:

INSTITUTO
DE COLÉCIA
BOUC

Permita-me V. Ex.ª que envie alguns esclarecimen-
tos suplementares, relativos a duas propostas
que me permitiu enviar em tempo ao Instituto
de que V. Ex.ª é agora muito digno presidente.

Uma das comunicações apresentadas ao Con-
gresso de Coimbra realizado o ano passado, des-
tinava-se a ser publicada no "Instituto", mas não
sei se será permitido. Dava-se a preferência
à Revista do Instituto sobre a publicação nas ac-
tas do Congresso.

Da Secretaria deste, dizem-me que mesmo assim,
apesar de publicado antes noutra revista, se repe-
tiram no volume. Temos porém que os demoras
havidos no "Instituto" e fizeram sair mais tarde
que no volume do Congresso, e me por certo não se-
rá muito agradável.

Recebo, porém, sobre este assunto o conselho
de V. Ex.ª

PT/BGUC/IC/Dir/06/55

FORO
SECRETARIA
UNIVERSITARIO

Quod me dixit V. Sa. nada da adm. da
Condessa Berlayne e Quero?

Vaultier tem a nacionalidade portuguesa.
Se V. Sa. o entender, poder, quando o desejar, fa-
zer uma pequena "charla" arqueológica com
proficuos na Instituto.

De V. Sa. se subscreve com a
maior consideração e
respeito.

M. Jourd'heux

FIG 15 e 16 – carta manuscrita

ANTÓNIO MESQUITA DE FIGUEIREDO

27

MESQUITA DE FIGUEIREDO
ADVOGADO
R. Vinheiros n.º 27-1.º P.
LISBOA

12 de março de 1931

Meu excelentíssimo Amigo e Senhor Doutor
João de Barros
Amor

Veio pedir a V.ª e a favor de me dizer
se tenho as condições e a que condições precisas para
fazer parte no Império de Associações Repúblicas
para o avanço das ciências de que V.ª é muito
ilustre e digno Secretário.

Em mais esta favor me empere novamente
agradecido.

de V.ª
Admirador
M.º A.º M.º V.º O.º

António Mesquita de Figueiredo

FIG. 17 – carta manuscrita

MESQUITA DE FIGUEIREDO
ADVOGADO

R. Barbosa Chap. 27-107
LISBOA

22 de Março de 1931

Ex^{ma} Sr^{te} D.^{na} Joaquina de Carvalho
Amil

Meu zelatissimo Amigo e Sr^{te} Doutor:

Agradeço, profundamente o grande favor de 14 de creante em respeito a minha carta. Receto
você a 20 escudos, o que não tenho
impedimento da parte do meu "Luzes vicinias",
por a 10^{ma} fôrma de meu nome na Associação Patri
sua para o avanço da lei. Te p^o peço a
certificação de regist^o criminal, ou alguma outra
tudo se avanço com facilidade. Nunca dupe
o Museu Etnológico de Lisboa, mas a p^o p^o

marin, [~~inveja~~ e' me me faz foleu!...], o pome
que pome gambique e herdeiro...

Reiro u meu, meins apaduciuca
e u proteto de minha muito admiração

de H^o
Alv^o V. Olyt

Antoni Alapat de Figueiredo

FIG. 18 e 19 – carta manuscrita

CORRESPONDÊNCIA DE EUGÉNIO JALHAY

32

Rua Maestro Antonio Taborda, 14

Lisboa, 12 de Março de 1931

Ex. mo Sm.

Tendo assistido ao Congresso de Barcelona (1929) como membro da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, e desejando na mesma qualidade tomar parte no próximo Congresso de Lisboa, venho solicitar de V. Ex.ª a minha inscrição no dito Congresso.

Por indicação do Ex. mo Sm. Dr. A. A. Mendes Correia envio a V. Ex.ª a importância de 20\$00 afim de satisfazer a quota d'êste

últimos dois anos, e duas fotografias. Se
estas não servirem, e se for necessário satisfazer
mais alguma coisa, rogo a V. Ex.^{cia} o obsequio
de me comunicar.

Tenho intenções de apresentar um trabalho,
possivelmente acompanhado de projecções, sobre
pre-história, na secção correspondente. Terá por
título:

Novas descobertas de arte rupestre no Sul da
Galiza e Norte de Portugal.

Com a maior consideração me subscrevo, de V. Ex.^{cia}
e. do m. b. att. e obg. do

Eugenio Jalhay

FIG. 20 e 21 – carta manuscrita

Seminário

23

Santarém, 25 de Abril de 1931

Ex. Mo.
Ex. Snr.

Perguntam-me vários scien-
tistas espanhóis se haverá ou não o anun-
ciado Congresso Luso-Espanhol de Ciências
de 3 a 10 de Maio próximos. Muito agradecido
ficaria a V. Ex.ª se tivesse a bondade de me
comunicar para este Seminário de Santarém
e se para o abatimento de 50% aos combóios, no
caso de se realizar o Congresso, bastara' apresentar
o bilhete de sócio da Associação Portuguesa (ou
Espanhola) ou se é preciso algum bilhete espe-
cial de congressista.

Com os meus agradecimentos an-
ticipados peço a V. Ex.ª que me

de V. Ex.ª
M.º at.º ven.º e obg.º

Eugénio Jalhay
(congressista)



FIG. 22 e 23 – bilhete postal

Rua Maestro Antonio Taborda, 14
Lisboa, 17 de Agosto de 1931

Ex. Mo. Sr.

Inscrito como estava para o Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola para o progresso das Ciências, tenho o prazer de tomar parte nelle em Outubro na secção de Ciências Históricas com a seguinte comunicação:

— Os instrumentos de tipo asturiense e o concheiro da estacão galega de "Ponta dos picos" (foz do Minho).

Fica portanto sem efeito a comunicação
sobre arte repete que tinha anunciado para
Maio, se o Congresso então se reunisse. Peço
pois a V. Ex.^{cia} o obsequio de a mandar substituir
na lista das comunicações pela que
hoje remeto a V. Ex.^{cia}

Se por motivo da transferência do Congresso
para Outubro é necessária nova inscrição ou
qualquer outra formalidade, peço a V. Ex.^{cia}
o favor de me comunicar.

Com muita consideração

des. Ex.^{cia} m. d. att. ven. e obg. do

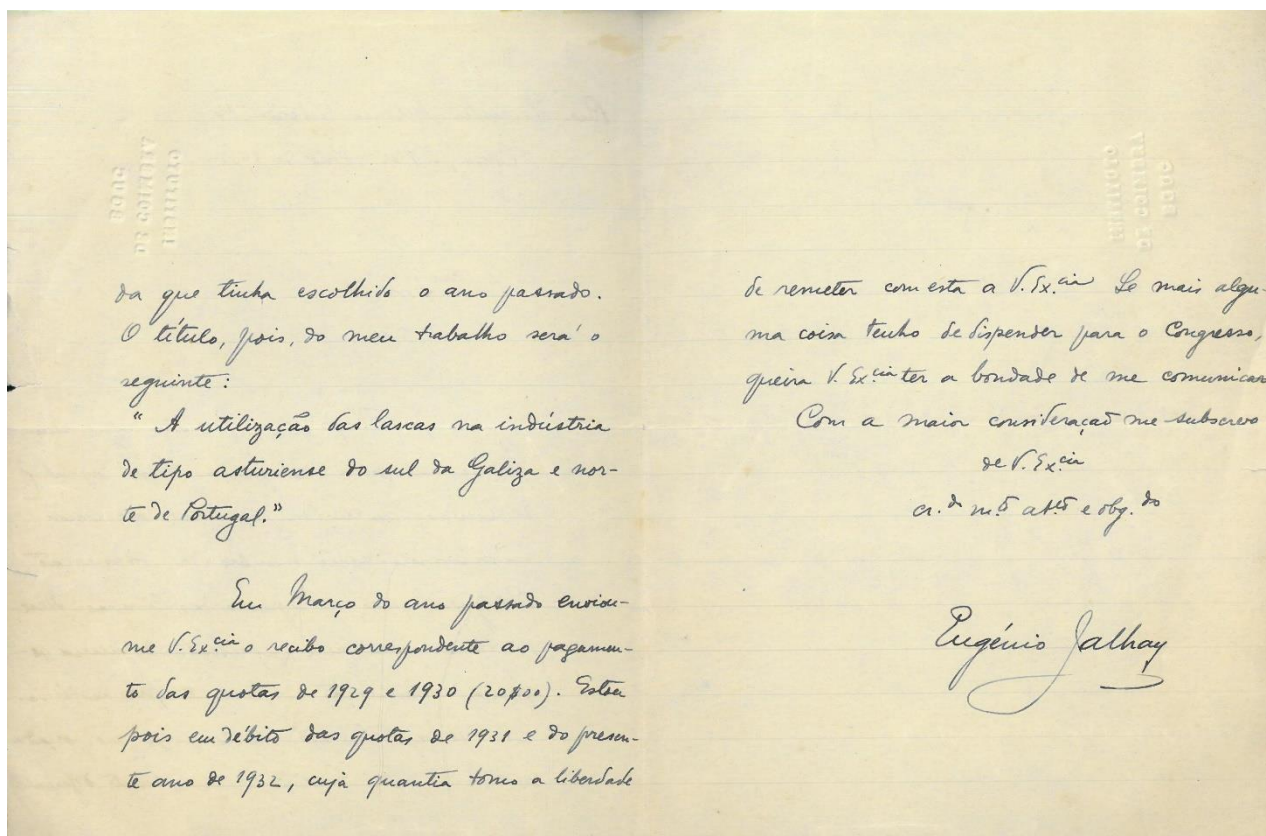
Eugênio Jathay

FIG. 24 e 25 – carta manuscrita

114
Rua Maestro António Taborda, 14
Lisboa, 21 de Abril de 1932

Ex. mo Sr. m.

Vejo nos jornais que sempre se realiza o Congresso Luso-Espanhol de Ciências em Lisboa, no qual me encontrava inscrito como membro da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Desejo tomar parte nele, apresentando uma pequena comunicação de assunto pre-histórico. Com os repetidos adiamentos, vejo-me forçado a tomar outra matéria alguma tanto diferente



da que tinha escolhido o ano passado.
O título, pois, do meu trabalho será o
seguinte:

"A utilização das lascas na indústria
de tipo asturiana do sul da Galiza e nor-
te de Portugal."

Em Março do ano passado enviei-
me V. Ex.ª o recibo correspondente ao pagamen-
to das quotas de 1929 e 1930 (20\$00). Este
pois em débito das quotas de 1931 e do presen-
te ano de 1932, cuja quantia tomo a liberdade

de remeter com esta a V. Ex.ª. Se mais algu-
ma coisa tenho de suspender para o Congresso,
queira V. Ex.ª ter a bondade de me comunicar.

Com a maior consideração me subscrevo
de V. Ex.ª
ci. de m. b. att. e obg. do

Eugénio Jalhay

FIG. 26 e 27 – carta manuscrita

CORRESPONDÊNCIA DE JOSÉ DE PINHO

57

~~A. BALBINO DE CARVALHO~~
AMARANTE, 5-8-930

Luzes

Acuso a recepção do diploma
e dos 4 pareceres do "Instituto"
e muito grato a importância
prestada

Com os meus repetidos
cumprimentos, sou

L. V. L.
Ato V. L. O. L.

José de Pinho

FIG. 28 – carta manuscrita

Amarante, 21 de Abril de 1932

9

2.^{mo} Senhor

Ex.^{ma} ilustre Comissário

Desejando tomar parte no congresso luso-herpanhol que no proximo mês de Maio se vai realizar em Lisboa vinha pedir a V. Ex.^{ta} a obsequio de me inscrever, dando-me a esse respeito, se possível lhe fosse, as precisas instruções.

E, para regularização dos trabalhos, deute já posso informar V. Ex.^{ta} que tinha vontade de apresentar ao congresso as seguintes communicações:

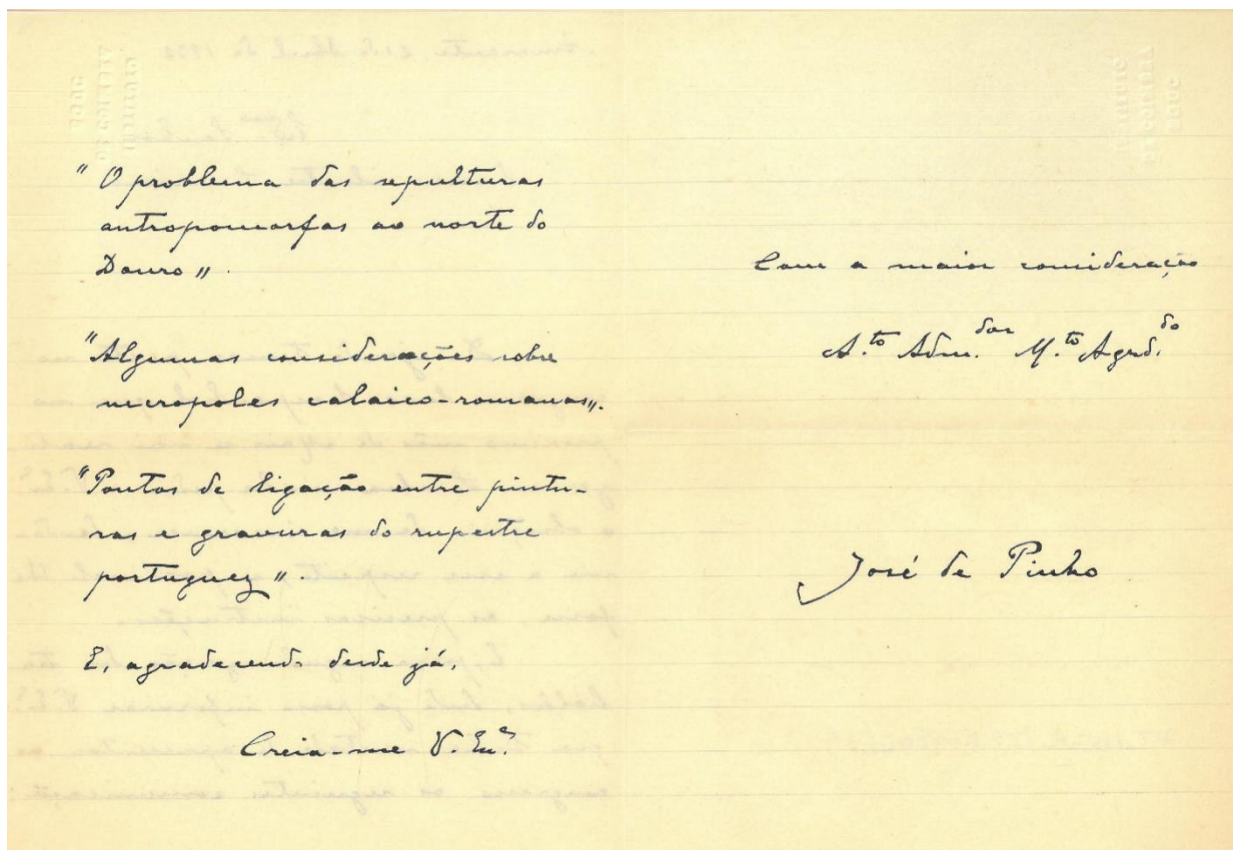


FIG. 29 e 30 – carta manuscrita

Amarante, 26 de Abril de 1932

2^o me. L.

Recebi o postal de V. Ex.^a que
me veio agradecer e junto envio
uma vale da importância
da inscrição.

As fotografias só as posso re-
meter no fim da semana.
V. Ex.^a muito me obrigava
e me puder enviar as ins-
tuições que deve haver re-
ferentes ao congresso que vai
realizar-se em Lisboa.
Cria-me V. Ex.^a

3000
DE GOLETTA
PUBBLIO

Com a maior consideração

At. to seu. e Phy. ^{do}

José de Pinho

FIG. 31 e 32 – carta manuscrita

5
Ex^{mo} Sr. D. Augusto e Loligo

Pô' agora soube do Impress
Luso-Hespanhol. Desejava
inscrever-me como Director
honorario do ethnographico
logico (parem não ponha
Museu Ethnographico do Sr. Frelau
e como autor de uma memoria
acerca de situaçoes da
cidade lusitana de Am-
maia. Desejo a sua
saude e sou amigo seu
ou pato
Leite de Vasconcellos



FIG. 33 e 34 – bilhete postal

CORRESPONDÊNCIA DE MANUEL HELENO

16

Lisboa
Avenida de Miguel Bombarda, 115, 3º
5. V. 932

C. x. mo 5.º Dr. Joaquim de
Carvalho, meu illustre amigo:

Tenho estado fora de Lisboa em excursões
e por isso só ha dias tive conhecimento da
realização dum congresso em Lisboa.

Não conheço as condições para a inser-
ção, nem sei se esta já terminou.

Éis porque lhe pedia o favor de me di-
zer se me poderei ainda inscrever com
duas communicações: Uma sobre "As pro-
tas artificiais do Tofal de Vila Chã" (Larangeira)
que acabo de esculpar e que podiam até;

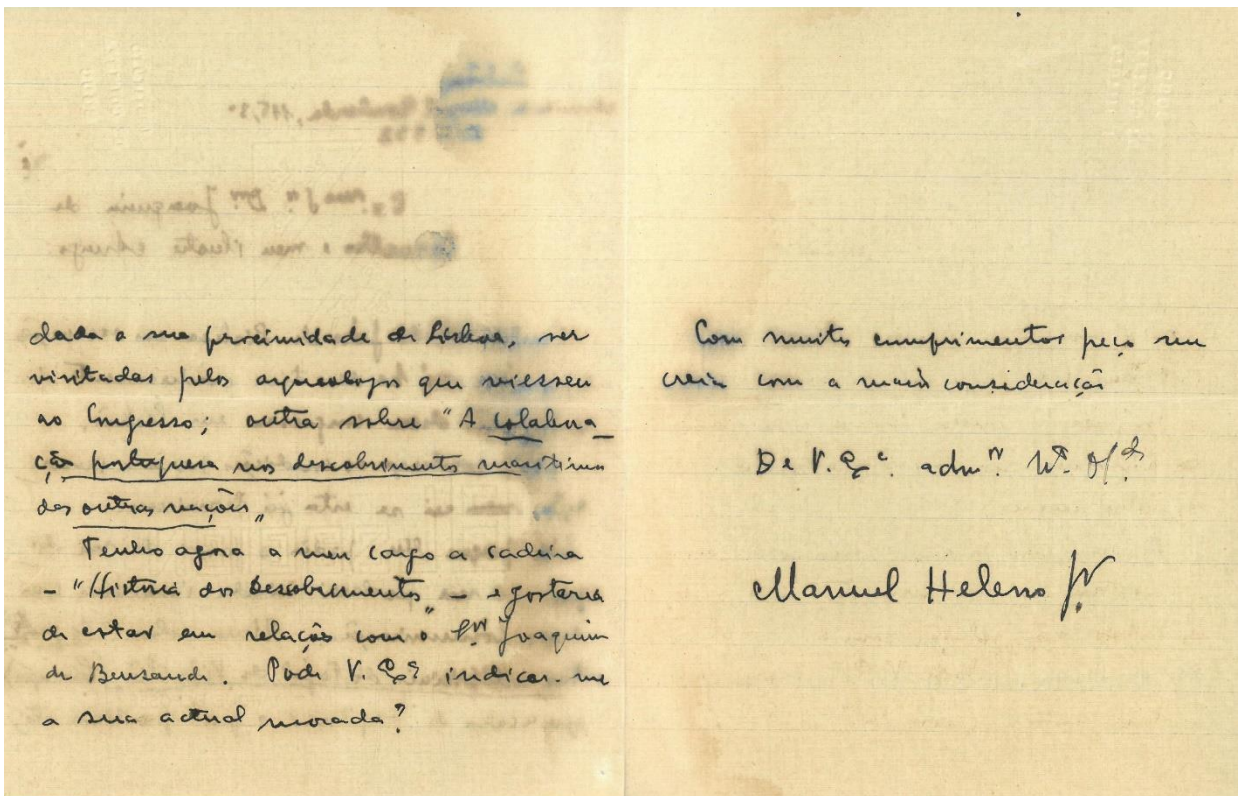


FIG. 35 e 36 – carta manuscrita

CORRESPONDÊNCIA DE RUI DE SERPA PINTO

19

R. DE SERPA PINTO
ENGENHEIRO CIVIL F. E. U. P.
194. MALMERENDAS. PORTO.
TELEF. 4.707.

Carta? 9. IV. 1931.

Exmo Senhor Prof. Costa Lobo

O Senhor Prof. Meudes Coues, de quem sou Arq-
tecto, encanega-me de anunciar a V. Ex. a
sua Comunicação destinada ao "Congresso de
Lisboa", de título: Inquérito sobre as ideias mo-
rais em criminosos e não criminosos (nota pre-
liminar). Terei certamente a honra de a ler,
por o Senhor Prof. M. Coues estar ausente.

Deuto em 40\$ para pagamento das inscrições
do Sr. Prof. Rosa da Silva e minha, pedindo o
obsequio de ser avisado caso esta quantia não
seja suficiente como julgo.

O Senhor Prof. Rosa da Silva apresentará uma
Comunicação como: Subsídio para o estudo do
Cristianismo português de ortose; e de certo preparar
duas sobre: As fíbulas da Cidade de Terroso,
e Notas sobre o Maternário do Porto.

Apresentando a V. Ex. umi respeitosa cumprimentos
fiza ao seu inteiro despos o mto.
ato. admo. e cdo.

R. de Serpa Pinto.

FIG. 37 – carta manuscrita



16

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE SCIENCIAS

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

24 de Abril de 1931.

INSTITUTO
DE ANTHROPOLOGIA
DO PORTO

Quero Senhor Prof. Costa Lobo

Pedir a fim de me informar de
data de realização do Congresso pt.
o Progresso das Ciências e do modo
de utilização de quaisquer concessões
especiais feitas pelas Companhias de
C. de Ferro.

Respeitosamente me subscrevo int. ass.
e obede. cdo.

R. de Serpa Pinto

M.^o da Faculdade de Ciências

FIG. 38 – carta manuscrita



19

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

18. IV. 1932

Exmo Senhor Prof. Joaquim de Carvalho .

Informado pelo Senhor Prof. Mendes Corrêa da realização do Congresso da An. Port. p. o Professor das Ciências, em Lisboa, tenho a honra de anunciar a apresentação das seguintes notas:

- Resumo de trabalhos de Alunos do Laboratório Mineralógico da Fac. de Ciências do Porto.
- Nota sobre os restos quaternários da gruta de Fuzaca (Pampillosa do Botão).
- Nota sobre a arca de Miramar.

Salvo erro em 24. Fev. 1932, enviei a V. Ex. a importância da minha cota, não sabendo se foi recebida.

Com a mais subida consideração me subscrito de V. Ex. Vto. ato. e oyd. admo.

R. de Serpa Pinto.

(R. de Serpa Pinto)

FIG. 39 - carta manuscrita

CORRESPONDÊNCIA DE VERGÍLIO CORREIA

8/4/1931
R. Heliodoro
Salgado 57. 30
Friburgo

11

Querido Amigo,

Estive em siro do município de
nós e agradeço-me pelo que me
rescreveu para o Congresso.

Dei-lhe os 20000, e o título de comu-
nicado é: As recentes escavações
de Corimbriga.

Diga-me: é necessário que as senhoras
se inscrevam, ou as novas mulheres
podem acompanhá-los, com é costume
no Congresso com bilhete próprio?

Atenciosamente
Vergílio Correia

Fig. 40 – carta manuscrita



Fig. 41 – Primeira sala do museu do Instituto de Coimbra (fonte: Universidade de Coimbra - https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/Textos/oinstitu/breve)



Fig. 42 – Patio do Museu Machado de Castro (fonte: DGPC - <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/recursos/cedencia-e-aluguer-de-espacos/aluguer-de-espacos-museu-nacional-de-machado-de-castro/>)

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Fortunato de – Dr. Augusto Mendes Simões de Castro. *O Archeologo Português*, vol. XXIV, Lisboa, 2019 e 1920;
- ALVES, Francisco Manuel – No Arquivo de Simancas. In *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, volume VIII, 2ª edição, Bragança, 1980;
- AUSEJO, Elena - La Asociación Española para el Progreso de las Ciencias en el Centenario de su creación. In *Revista Complutense de Educación*, volume, nº 2, 2008. ISSN: 1130-2496;
- BERNARDO, Liliana Leitão - *O Primeiro Congresso Português para o Progresso das Ciências*. Aveiro : [s.n.], 2006. Dissertação de Mestrado;
- CARDOSO, João Luís – Investigação arqueológica na Sociedade de Geografia de Lisboa. A actividade da secção de Arqueologia (décadas de 1950 a 1990). Palestra proferida no âmbito das comemorações dos 130 anos da Sociedade de Geografia de Lisboa. In *Separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 123, nºs 1-12, Janeiro-Dezembro de 2005, p. 129-147;
- CARDOSO, João Luís – Manuel Heleno. Pioneiro do ensino e da investigação arqueológica em Portugal (1923-1964). In *O Arqueólogo Português*, suplemento 8, Lisboa, 2013;
- CARDOSO, João Luís - O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia Portuguesa. In *Anais*, III série, volume 2, Lisboa, 2011;
- CARDOSO, João Luís - Prospecções e Escavações nos Concheiros Mesolíticos de Muge e de Magos (Salvaterra de Magos): Contribuição para a História dos Trabalhos Arqueológicos Efectuados. In *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 8, Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras, 1999/2000, p. 83-240;
- CENTRO DE ESTUDOS VERGÍLIO CORREIA. *Conímbriga. Memórias de Hoje e de Ontem*. Condeixa-a-Nova, 2017;
- CORREIA, Romeu - *Homens e Mulheres vinculados às terras de Almada (nas Artes, nas Letras e nas Ciências)*. Almada : Câmara Municipal de Almada, Almada, 1978, p. 88-90;
- Curriculum Vitae de António Mesquita de Figueiredo. Lisboa : Tipografia Couto, 1935;
- Estatutos da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Lisboa : Casa Portuguesa, 19--?;
- FERREIRA, Licínia - *O Instituto de Coimbra e a Universidade*. "Rua Larga" nº 32, [S.l. : s.n], 2011. ISSN 1645-765X. p. 17-19;
- FERREIRA, Licínia Rodrigues - *Instituto de Coimbra. O Percurso de uma Academia*. Fundação para a Ciência e Tecnologia, Projecto Instituto de Coimbra, Coimbra, 2012;

- FERREIRA, Licínia Rodrigues - *Sócios do Instituto de Coimbra : 1852-1978*. Coimbra : [s.n.], 2015;
- FIGUEIREDO, António Mesquita - *Museu Etnológico Português. Contestação e Réplica ao folheto intitulado «Defensão do Museu Etnológico Português contra as arguições que um sr. deputado lhe fez no parlamento»*. Coimbra : [s.n], 1914;
- HELENO, Manuel - *Colaboração portuguesa nos descobrimentos náuticos das outras nações*. Tese apresentada ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Lisboa : [s.n], 1932;
- HELENO, Manuel - *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Comunicação feita ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências de 1932, tipografia da Empresa do Anuário Comercial, Lisboa, 1933;
- JALHAY, Eugénio – Epigrafia amaiense. Contribuição para o estudo de Aramenha romana (concelho de Marvão). In *Separata da revista Brotéria*, vol. XLV, [s.n], Lisboa, 1947;
- LEMOS, Francisco Sande – Eduardo da Cunha Serrão e os anos 60-70, na Arqueologia do Sul de Portugal. In *Revista Forum*, nºs 9/10, p. 135-147. [S.l.] : Universidade do Minho, Jan/Jul de 1991;
- LEONARDO, A. J. F.; MARTINS, D. R.; FIOLEAIS, Carlos – O Instituto de Coimbra: breve história de uma academia científica, literária e artística. in *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, Coimbra : Imprensa da Universidade, 2009. p. 115-125;
- MARTINS, Ana Cristina – Serrão, Eduardo da Cunha. Dicionário Quem é Quem na Museologia Nacional, [S.l. : s.n]. p. 279-281;
- MOITA, Irisalva – Museu Etnológico Português ou Museu Nacional de Arqueologia. In *O Arqueólogo Português*, série IV, 11/12, Lisboa, 1993-1994, p. 143-151;
- MORAIS, Marta Lúcia de Castro – *A Primeira Década dos Congressos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências*. Aveiro : [s.n.], 2006. Dissertação de Mestrado;
- NUNES. Maria de Fátima - Construção de Identidades Europeias: os Congressos Científicos, laboratórios de construção de identidades. Breves considerações. In *Debater a Europa*. CIEDA e CEIS20, nº 5, [S.l. : s.n], Julho/Dezembro de 2011, ISSN 1647-6336. p. 15-22;
- PAÇO, Afonso do - Castro de Vila Nova de São Pedro. IX - Forno de cozer cerâmica. In *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Coimbra, 1956)*. [S.l. : s.n], p. 335-345;
- PAÇO, Afonso do – Nota sobre o paleolítico de Carreço. In *Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Lisboa : [s.n], 1932. p. 85-87;

PAÇO, Afonso do - Sementes incarbonizadas do «Baleal» (Peniche). In *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Coimbra : [s.n], 1956. p. 347-351;

PAÇO, Afonso do; SERRÃO, Eduardo da Cunha; Vicente, Eduardo Prescott - Estação eneolítica da Parede (Cascais). Reconhecimento de 1955. In *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Coimbra : [s.n], 1956). p. 411-429;

PAÇO, Afonso do; BÁRTHOLO, Maria de Lourdes - Nota acerca de algumas cerâmicas da estação eneolítica de "Montes Claros" (Monsanto). In *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Coimbra : [s.n] 1956. p. 365-370;

PAÇO, Afonso do; FERREIRA, Mário Eduardo - Espada de Cobre do Pinhal dos Melos. In *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Coimbra : [s.n], 1956. p. 357-364;

PAÇO, Afonso do; QUESADO, Aníbal do Paço - Considerações acerca de algumas cerâmicas dos castros de Perre e Nogueira (Viana do Castelo). In *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Coimbra : [s.n], 1956. p. 389-393;

PAÇO, Afonso do; QUESADO, Aníbal do Paço - Estação paleolítica de Perre (Viana do Castelo). In *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Coimbra : [s.n], 1956. p. 375-385;

- PINTO, Francisco Leite - Discurso proferido na sessão inaugural do XXIII Congresso Luso-Espanhol. In *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Coimbra : [s.n], 1956. p. 5-7;

PINHO, José de – *A Ara de Marecos*. [s.l : s.n], 1928;

- PINHO, José de – A Cividade de Eja. In *Pena-Fidelis, publicação de estudos para a história de Penafiel*, Penafiel : [s.n], 1929;

- PINHO, José de – A necrópole calaico-romana do Mózinho, In *Pena-Fidelis, publicação de estudos para a história de Penafiel*, Penafiel : [s.n], 1931;

PINTO, Rui de Serpa- Notas sôbre a indústria microlítica do Cabeço da Amoreira (Muge). In *Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Lisboa : [s.n], 1932. p. 49-54;

- RAPOSO – Raquel Dang Caçote - *Castelo de Alenquer: ensaio sobre a Colecção Hipólito Cabaço*. Lisboa : [s.n], 2017. Dissertação de mestrado;

- ROCHA, Leonor - *O Megalitismo no Alentejo (Portugal): as intervenções de Manuel Heleno (1931-1939) e o seu contributo para a Arqueologia portuguesa*. In *XIII Conferência Internacional de Antropologia, V Colóquio Internacional de Arqueologia*. Havana : [s.n], 2016. p 68-72;

SERRÃO, Eduardo da Cunha – A estação pré-histórica de Parede. Documentos inéditos sobre estratigrafia e estruturas (campanha de 1956). In *O Arqueólogo Português*, série IV, nº 1, 1983, p. 119-148;

SERRÃO, Eduardo da Cunha; VICENTE, Eduardo Prescott - A Sepultura do Rei Mouro : uma estação da idade do ferro: Negrais, Sintra. In *Separata da Revista Arqueológica*, nº1. Porto : [s.n], 1980;

- VASCONCELOS. José Leite - *Defensão do Museu Etnológico Português contra as arguições que um sr. deputado lhe fez no parlamento*. Lisboa : [s.n], 1913;

- VASCONCELOS. José Leite – *Museu Ethnografico Português. Considerações*. Porto : [s.n], 1894;

- VASCONCELOS, José Leite de – Localização da cidade de Ammaia. In *Ethnos, revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*, volume I, Lisboa : [s.n], 1935, pp 5-9.

WEBGRAFIA

- A águia: revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica, nºs 7, 14, 15 e 42. Renascença Portuguesa, Porto: 1910-1932 : [Em linha]. [Consult. 15 Out 2019]. Disponível em: <http://purl.pt/12152>;

- ALARCÃO, Adília – *Arqueologia. Testemunhos que a terra guardou* [Em linha] : Museu Machado de Castro. [Consult. 12 Dez 2018]. Disponível em:

<http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/colecoes/ContentDetail.aspx?id=614>. Acedido aos 12-12-2018;

- ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGANÇA – Francisco Manuel Alves – Abade de Baçal. [Consult. 11-11-2017]. Disponível em <http://digitarq.adbgc.arquivos.pt/details?id=1220738>;

- ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES – *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*. Lisboa, (1929-1968), volume I: 1970. [Em linha]. [Consult. 01 Set 2018]

Disponível na internet:

http://museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/afonso_paco/Trabalhos_Afonso_do_Pa%C3%A7o_Vol_I.pdf;

- BUGALHÃO, Jacinta – As mulheres na Arqueologia Portuguesa Arqueologia em Portugal 150 anos [Em linha] : Associação dos Arqueólogos Portugueses, p 19-23. Lisboa, 2013.

[Consult. 17 Dez 2017]. Disponível on-line em:

https://congressoap.files.wordpress.com/2016/12/artigo_001c.pdf;

- CARDOSO, João Luís – Eugénio Jalhay. Lisboa: 13 de julho de 1891 Lisboa: 25 de novembro de 1950. [Em linha]. [Consult. 15 Nov 2017]. Disponível em:

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/recursos/bibliotecas_e_arquivos/biografias/biografiaeugeniojalhaycompleta.pdf.;

- CARDOSO, João Luís – Manuel Afonso do Paço. Outeiro (Viana do Castelo): 30 de novembro de 1985. Lisboa: 29 de outubro de 1968. [Em linha]. [Consult. 015 Dez 2017].

Disponível em:

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/recursos/bibliotecas_e_arquivos/biografias/mafonsoadopaco1.pdf.;

- CARDOSO, João Luís – Manuel Heleno. Monte Real (Leiria), 11 de novembro de 1894; Lisboa, 25 de agosto de 1970. [Em linha]. [Consult. 01 Dez 2017]. Disponível em:

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/recursos/bibliotecas_e_arquivos/biografias/biografiademanuelheleno.pdf.;

- CARDOSO, João Luís – O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia Portuguesa [Em linha] : Separata da revista "Al-Madan", nº 8, 1999, p. 138-156. [Consult. 15 Nov 2017]. Disponível em:

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/recursos/bibliotecas_e_arquivos/biografias/biografiaeugeniojalhaycompleta.pdf.;

- CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque – O povoado pré-histórico de Montes Claros (Lisboa). Resultados das escavações de 1988 [Em linha] : Estudos Arqueológicos de Oeiras, vol.5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995. [Consult. 15 Ago 2019] Disponível em:

<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4625/1/1995%2c%20o%20povoado%20pre-historico%20de%20Montes%20Claros%2c%20Lisboa%2c%20resultados%20das%20escava%203%a7%2c%20b5es%20de%201988.pdf>;

- CARDOSO, João Luís; RIBEIRO, Maria - Afonso do Paço e as escavações de Vila Nova de São Pedro (1937-1967): os contributos científicos possíveis e a sua projecção internacional [Em linha] : Estudos Arqueológicos de Oeiras, 20, Oeiras, Câmara Municipal, 2013, p. 755-770.

[Consult. 04 Jan 2018]. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/263717930_Afonso_do_Paco_e_as_escavacoes_de_Vila_Nova_de_Sao_Pedro_1937-1967_os_contributos_cientificos_possiveis_e_sua_projeccao_internacional;

- CARVALHO, G. Soares de; CARDOSO, João Luís - O Quaternarista Georges Zbyszewski (1909-1999) [Em linha] : Estudos do Quaternário, 2, APEQ, Lisboa, 1999, p. 3-6. [Consult. 16 Out 2019]. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3847>;
- CORREIA, António A. Mendes – Lutuosa [Em linha] : Vária - Revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 1939. [Consult. 15 Out 2019]. Disponível em: http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=13&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj_lrq0mN3IAhU7BWMBHXB0A8QFjAMegQIAxAC&url=http%3A%2F%2Ffojs.letras.up.pt%2Findex.php%2Ftae%2Farticle%2Fdownload%2F4493%2F4210&usg=AOvVaw2pByLlpwUTqdrbl0pCF_Zm;
- DIRECÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL. Edward Sangmeister [Em linha]. [Consult. 15 Out 2019]. Disponível na internet: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/recursos/bibliotecas_e_arquivos/biografias/edwardsangmeister.pdf;
- DIRECÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL - Ficha de entidade [Em linha]. [Consult. 01 Dez 2017]. Disponível na internet: [WWW:<URL:http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Inventario/Entidades/EntidadesConsultar.aspx?IdReg=431](http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Inventario/Entidades/EntidadesConsultar.aspx?IdReg=431);
- DIRECÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL. Gruta dos Alqueves/Cova da Moura [Em linha]. [Consult. 05 Out 2019]. Disponível na internet: Disponível na internet: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2652;
- DIRECÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL. MatrizPCI. Entidades. Leite de Vasconcelos, José. [Em linha]. [Consult. 15 Dez 2017]. Disponível na internet: <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Inventario/Entidades/EntidadesConsultar.aspx?IdReg=442>;
- FABIÃO, Carlos - José Leite de Vasconcelos (1858-1941): um archeólogo português [Em linha] : O Archeólogo Português, Série IV, 26, 2008, p. 97-126. [Consult. 01 Dez 2017]. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_4/volume_26/archeologo_carlos_fabiao.pdf;
- FERREIRA, Octávio da Veiga - Tenente-coronel Manuel Afonso do Paço (1895-1968) [Em linha] : O Archeólogo Português, série 3, volume 2, p 213-216. [Consult. 02 Dez 2017]. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_3/volume_2/necrologia.pdf. Acedido aos 02-12-2017;

- FIGUEIREDO, António Mesquita de – Nota sobre duas estações paleolíticas [Em linha] : Revista de Guimarães, nº 32 Abr./Jun, 1922, pp. 191-197. [Consult. 10 Jan 2018]. Disponível em: <https://www.csarmiento.uminho.pt/site/s/rgmr/item/54776#?c=0&m=0&s=0&cv=0>;
- GARCIA, Lluís Pericot i – P. Eugenio Jalhay [Em linha] : S. I. *Empúries*, vol. 13, 1951, p. 274. [Consult. 02 Dez 2017]. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Empuries/article/viewFile/99276/164849>;
- GONÇALVES. António A. Huet Bacelar – Rui de Serpa Pinto - o Homem e a Obra [Em linha] : Actas do colóquio Inter-universitário de Arqueologia do Noroeste, Homenagem a Rui de Serpa Pinto, Porto 10-12 de Novembro de 1983. Porto, FLUP/Instituto de Arqueologia, 1983. [Consult. 03 Dez 2017]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3617.pdf>;
- LEMOS, Francisco Sande; NUNES, Henrique Barreto - Leite de Vasconcelos e a Arqueologia do Minho [Em linha] : O Arqueólogo Português, série IV, 26, pp 253-280, 2016. [Consult. 10 Jan 2018]. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_4/volume_26/minho_franclemos_henrnunes.pdf;
- LEONARDO, António José Fontoura; MARTINS, Décio Ruivo; FIOLEAIS, Carlos - Costa Lobo and the study of the sun in the first half of the twentieth century [Em linha] : Journal of Astronomical History and Heritage. Chiangmai: National Astronomical Research Institute of Thailand. Vol. 14, n.º 1,2011, p. 41-56. [Consult. 02 Mar 2018]. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/40749/1/Leonardo%20COSTA%20LOBO.pdf>;
- MARTINS, Rui Jorge – Abade de Baçal: Entre a «fé granítica» e a paixão pela arqueologia, etnografia e história transmontanas [Em linha] : Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, 28-10-2015. [Consult. 01 Nov 2017]. Disponível em: http://www.snpcultura.org/abade_de_bacal.html;
- MINISTERIO DE CULTURA Y DEPORTE [Em linha] : Archivo General de Simancas. [Consult. 18 Set 2019]. Disponível em: http://www.culturaydeporte.gob.es/dam/jcr:012622c0-fdf7-41fb-bcd9-7bda48b57a89/triptico%20general_ES.pdf;
- MOITA, Irisalva Nóbrega – O P.e Eugénio Jalhay [Em linha]. [Consult. 02 Dez 2017]. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_2/volume_1/eugenio_jalhay.pdf;
- MUSEU DE ARQUEOLOGIA [Em linha] : Biografia de Leite de Vasconcelos. [Consult. 15 Dez 2017]. Disponível em: http://www.museuarqueologia.gov.pt/documentos/biografia_leite_vasconcelos.pdf;

- MUSEU DO ABADE DE BAÇAL. [Em linha]. [Consult. 01 Nov 2017]. Disponível em: <http://mabadebacal.com/>;
- MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO [Em linha] : Definição de uma Identidade. [Consult. 28 Abr 2018]. Disponível em: <http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/museu/ContentDetail.aspx?id=593>;
- NUNES, Maria de Fátima - O «público entendimento da ciência» nos congressos da associação para o progresso das ciências: Portugal e Espanha. Estratégias e realidades institucionais [Em linha] : População e Sociedade, nº 8. CEPESSE, 2002, p. 231-243. [Consult. 19 Nov 2017]. Disponível em: <http://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/populacao-e-sociedade/revista-populacao-e-sociedade-no-8>;
- O INSTITUTO. O Instituto: jornal científico e litterario, vol. 1 (1852/53) - vol. 140/141 (1981) [Em linha] : Coimbra, Imprensa da Universidade, 1853-1981. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/institutocoimbra/indiceinstituto.htm>;
- OLEIRO, J. Bairrão - Dr. António Mesquita de Figueiredo (1880-1954) [Em linha] : Humanitas, vol. V-VI, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1953/4. . [Consult. 20 Nov 2017]. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/26259/1/HumanitasV-VI_Artigo26.pdf?ln=pt-pt;
- RIBEIRO, Orlando - «José Leite de Vasconcelos na História e na Lenda [Em linha] : O Arqueólogo Português, Série IV, 26, 2008, p. 55-68. [Consult. 02 Dez 2017]. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_4/volume_26/jlv_historia_lenda_orlandoribeiro.pdf;
- RODRIGUES, Liliana; AMORIM, Inês – A importância do estudo, organização e disponibilização de arquivos de cientistas para a história do ambiente – o Arquivo Rui Serpa Pinto do Museu de história natural da Universidade do Porto [Em linha] : CEM Cultura Espaço & Memória, nº 7, 2016, p 63-85. [Consult. 03 Dez 2017]. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/89033/2/166864.pdf>. Acedido aos 03-12-2017;
- SERENO, Isabel; AMARAL, Paulo – Castro do Monte Castelo de Guifões/Monte Castelo [Em linha] : DGPC, 1994. [Consult. 15 Out 2019]. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4978;
- TEIXEIRA, Carlos - Biografia de Georges Zbyszewski (1909-1998) [Em linha] : Sítio oficial do LNEG. [Consult. 15 Out 2019]. Disponível em: https://www.lneg.pt/CienciaParaTodos/edicoes_online/biografias/zbyszewski;
- Terra portuguesa: Revista ilustrada de Arqueologia Artística e Estnografia, nos 4, 12, 13/14, 37 e 41 [Em linha] : Oficina do Anuário Comercial, Lisboa, 1916-1927. [Consult. 14 Out

2019]. Disponível em:

<http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/Periodicos/TerraPortuguesa/TerraPortuguesa.htm>;

- UNIVERSIDADE DE COIMBRA [Em linha] : Archaeologica, Revista Humanitas, vol. IV e V. Faculdade de Letras do Instituto de Estudos Clássicos, Coimbra, 1955/6. [Consult. 10 Fev 2018]. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/26304/1/HumanitasVII-VIII_Artigo21.pdf?ln=pt-pt;

- UNIVERSIDADE DE COIMBRA [Em linha] : Joaquim de Carvalho, 1892-1958. [Consult. 14 Fev 2018]. Disponível em: <https://www.uc.pt/bguc/BibliotecaGeral/DocumentosDiversos>;

- UNIVERSIDADE DE COIMBRA [Em linha] : Projecto Instituto de Coimbra. [Consult. 26 Jan 2018]. Disponível em: <https://www.uc.pt/bguc/BibliotecaGeral/InstitutoCoimbra>;

- UNIVERSIDADE DO PORTO – Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: José Leite de Vasconcelos [Em linha] : Universidade do Porto, 2011. [Consult. 03 Dez 2017]

Disponível em:

https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20jos%c3%a9%20leite%20de%20vasconcelos;

- UNIVERSIDADE DO PORTO – Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: Rui de Serpa Pinto. Engenheiro, arqueólogo, antropólogo e bibliógrafo [Em linha] : Universidade do Porto, 2012. [Consult. 03 Dez 2017]. Disponível em:

https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20rui%20de%20serpa%20pinto;

- UNIVERSIDADE DO PORTO – Docentes e estudantes da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto – António Augusto Esteves Mendes Correia [Em linha] : Universidade do Porto, 2008. [Consult. 15 Nov 2018] Disponível em:

https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=docentes%20e%20estudantes%20da%20primeira%20flup%20-%20ant%c3%b3nio%20mendes%20correia.